

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

ARIANE CRISTINA XAVIER

**DO PRESBITÉRIO AO TERREIRO: infância, escolarização, docência e
religiosidade no Noroeste Paulista.**

**Paranaíba – MS
2018**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA

Ariane Cristina Xavier

DO PRESBITÉRIO AO TERREIRO: infância, escolarização, docência e religiosidade no Noroeste Paulista.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Universidade de Paranaíba como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof^o Dr^o Ademilson Batista Paes

Paranaíba - MS
2018

X17p Xavier, Ariane Cristina

Do presbitério ao terreiro: infância, escolarização,
docência e religiosidade no noroeste paulista/ Ariane Cristina
Xavier. – Paranaíba, MS: UEMS, 2018.

106f. ; 30cm

Dissertação (Mestrado) – Educação – Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Ademilson Batista Paes.

1. História de vida 2. Religiões de matriz africana 3.
Identidade I. Paes, Ademilson Batista II. Título

CDD 23. ed. - 372.84

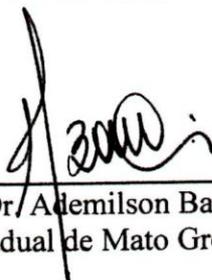
ARIANE CRISTINA XAVIER

**DO PRESBITÉRIO AO TERREIRO: INFÂNCIA, ESCOLARIZAÇÃO, DOCÊNCIA,
RELIGIOSIDADE NO NOROESTE PAULISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: História Sociedade e Educação

Aprovada em 10 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ademilson Batista Paes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)



Profa. Dra. Maria José de Jesus Alves Cordeiro
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)



Profa. Dra. Magda Carmelita Sarat Oliveira
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

HINO DA UMBANDA

José Manoel Alves e Dalmo da Trindade

Refletiu a luz divina com seu esplendor
É do reino de Oxalá
Onde há paz e amor.

Luz que refletiu na terra,
Luz que refletiu no mar,
Luz que vem lá de Aruanda
Para tudo iluminar.

A Umbanda é paz e amor,
É um mundo cheio de luz,
É a força que nos da vida
E a grandeza que nos conduz.

Avante filho de fé!
Como a nossa lei não há!
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá!
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá!

Agradecimentos

OBRIGADO, PAPAI! (Tito Xavier)

No coração de um pobre velho já cansado
Quanta lembrança, quanto sonho, quanta dor!
Chama seu filho e lhe diz pausadamente
É meu desejo que você seja cantor!

Já estou velho e meu fim se aproxima
Mas, antes disso, meu filho, faça o favor,
Antes que a terra se encarregue do meu corpo
Filho querido, seja um homem de valor!

Estas palavras foi no fim da sua vida
Logo depois o pobre velho faleceu
Não viu seu filho ser famoso como artista
Mas seu pedido ele entregou a Deus!

E eu segui os seus conselhos com amor
Em pouco tempo tudo mudou para mim
Papai querido, devo tudo ao senhor
Por isso hoje agradecido canto assim:

Obrigado, papai, que em mim confiou!
Obrigado, papai, que me incentivou!
Papaizinho querido, quanto feliz eu sou!
Sei que estás junto a mim
Guiando meus passos por onde eu vou!

Primeiramente quero agradecer a este ser grandioso, autor da letra e música escrita acima, meu amado pai! Esta música ele escreveu para meu avô que, na circunstância estava muito adoecido. Assim como meu pai se tornou um ser humano grandioso por meio

dos valores e da educação que recebeu, ele o fez junto aos seus, transmitindo-nos preceitos essenciais como a humildade e amor ao próximo! Não me tornei cantora, mas sim uma mulher de valor, a terra já se encarregou do seu corpo, mas carrego a certeza de que acompanha meu caminhar e, por isso, quero dizer-lhe: “Obrigada papai”, Deus tomou conta de seu pedido!

À minha mãezinha, por sua existência e força que, em meio a tantas turbulências, me deu apoio para persistir nessa caminhada. No processo de construção deste trabalho, desencarnou deixando um imenso vazio em minha existência, mas com persistência e força herdada dos meus pais, continuei esta jornada em busca do meu objetivo maior, continuar no campo de formação, porém, perpassar o meio acadêmico.

Ao Professor Doutor e amado Orientador Ademilson Batista Paes por acreditar em meu potencial, por ter me aceito como orientanda e me tirado da zona de conforto, pelos desafios a mim lançados, pelas indicações de leitura e, acima de tudo, por ser este exemplo de ser humano que transmite luz e sabedoria!

Ao Programa de Pós-graduação em Educação Stricto Sensu da UEMS, campus de Paranaíba/MS, em especial o Professor Doutor José Antônio, uma das pessoas mais lindas e humildes que conheci no mundo acadêmico, por sua doçura e leveza transbordante. Aos docentes os quais cursei disciplinas que deixaram em mim um pouco de si, proporcionando a mim e aos colegas momentos de muita reflexão, semeando e adubando nossos saberes para que possamos de fato, contribuir à Educação por meio de nossas pesquisas, no meu caso foram: Tânia Zimmerman, Diogo Ruiz, Carlos França, Estela Natalina Mantovani, Lucélia Guimarães, Maria José Cordeiro, Andreia Militão e o Prof. Drº Elson, pelos ensinamentos das técnicas de pesquisa dentre outras coisas.

Agradeço imensamente a Professora Doutora Silvane Aparecida de Freitas por ser minha inspiração para ingressar no Programa ao cursar uma disciplina como aluna especial em 2015 e, com sua sabedoria e simplicidade fez-me acreditar na possibilidade de almejar uma vaga como aluna regular, um ser humano incrivelmente iluminado e de muita ponderação de conhecimento. Por meio de sua disciplina, suas abordagens e conduta, partiu a inspiração para a elaboração do meu primeiro pré-projeto que trazia questionamentos da

cultura rural e os desafios de resgatá-la em meio a discursos equivocados sobre as concepções de linguagem e os preconceitos enfrentados pelo sujeito “caipira”.

Aos meus filhos e filha por suportar minha ausência, minha falta de humor, meus picos de estresse, crise de histeria ... enfim, sem o apoio das pessoas que mais amo neste mundo, a desistência era quase certa.

Ao meu marido Vildeson a quem sou grata eternamente, por ser meu parceiro, amigo, pai exemplar e, acima de tudo, por confiar em meu potencial, por sonhar junto os meus sonhos e me fazer crer que sonhos forma feitos para ser alcançados. Por cuidar de nossos filhos e filha em minha ausência, por zelar pela vida e saúde da minha mãe, pela compreensão e carinho para comigo!

Às companheiras de turma Laura e Valnice e companheiro Paulo César por juntos iniciarmos o devaneio e juntos perseverarmos na captação do mesmo - título de Mestre e as companheiras de orientação Lais e Willianice por aguentar meus choros e lamentações. A amadíssima Dany que abriu as portas de sua residência para receber-nos nos “eventos”, onde muitos risos e diálogos surgiram para tornar-nos mais próximos e especiais. O Professor Elson e a professora Doracina também contribuíram para estes encontros e, por isso, a amizade e cumplicidade desta equipe, nossos laços de amizade, foram ficando cada vez mais estreitados.

Aos melhores presentes que poderia receber nestes últimos anos que a UEMS me trouxe, colegas da turma 2016 por serem tão especiais: Airta, Luci, André, Adimara, Sirley, Edimilson (amo demais), às irmãs Thaien e Patrícia Paes Leme por me adotarem como irmã, Arlindo seu lindo, Nathalia, Patrícia Féboli, Lucas, Rosa (Rosita), Crisleine, Welcianne, Adriana e Joana.

A todos os/as funcionários/as da UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba, pelo carinho e zelo para conosco, pelo café coado com carinho, banheiro limpo, sorriso no rosto e pela gentileza. Saibam que todo esse conjunto me fez toda a diferença.

À minha equipe de trabalho que, de forma direta ou indireta, tem participação nesta conquista, mas, para não cometer equívocos de minha memória, acabei não fazendo citações.

Ao meu colaborador, S.R.A e seu marido C.C. que, além de amigos, abriram as portas de suas vidas e de suas mais íntimas memórias para contribuir com a possível desconstrução de alguns discursos preconceituosos ante a cultura afro-brasileira e diversidade sexual. Ao Caboclo Boiadeiro que, através do seu cavalo (médium) permitiu que eu realizasse meu trabalho de campo e do tipo etnográfico.

Quero dizer que vocês são muito importante para mim, pelo que sou hoje e pelo que vou chegar a ser um dia! Este é apenas um capítulo da minha vida e espero tê-los ao meu lado nos próximos episódios, pois, juntos somos mais fortes!

A Deus pelo dom da vida, por me colocar a prova todos os dias, pois são eles que me fazem crescer e crer que por meio da perseverança e fé tudo é possível, por isso carrego sempre comigo a frase: “Nunca foi Sorte, Sempre foi Deus”, que deu-me forças para levantar todos os dias e humildade para ir em busca dos meus sonhos e conquista-los por meios e méritos próprios.

Muito Obrigada! Amo todos vocês!

RESUMO

O presente trabalho, elaborado como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação do Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, faz parte da Linha de Pesquisa História, Educação e Sociedade e subsidiada pelos Grupos de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira, bem como grupo de Gênero e Diversidade. Reconhecendo a relevância de estudos que abordem temas como diversidade, gênero e raça, pois, encontram em voga no país, embora pesquisadores inseridos nesse campo, afirmem que eles tenham chegado por aqui tardiamente – ao contrário do que ocorreu na Europa, por exemplo - acompanhando o processo de redemocratização ocorrido em meados dos anos de 1990. Apesar dessa avaliação há que se considerar que o momento é extremamente oportuno e talvez único no que diz respeito ao âmbito da pós-graduação brasileira. Em levantamento da produção recentemente realizado apurou-se que tais temáticas estão presentes em programas da educação, história, sociologia, psicologia, letras entre outras. Para o presente trabalho, pretende-se estabelecer uma argumentação salientando a proficiência da História Oral (HO), enquanto método ou metodologia de pesquisa para abordagem e resgate da trajetória de um sujeito singular, cuja existência pode contribuir para a compreensão de aspectos culturais presentes das relações com outros indivíduos, seja na escola, na família, no trabalho ou noutros meios sociais. Assim, são destacadas partes da infância e da escolarização de um docente negro, gay e Pai de Santo, morador de um município do noroeste paulista, salientando aspectos da construção de sua identidade e de suas perspectivas para uma educação multiculturalista que não só aceite o diferente, mas que o respeite e contemple sua cultura como parte da própria história. A pesquisa realizada favorece diversas reflexões acerca de momentos de regulação da orientação sexual e doutrina religiosa, bem como de momentos de enfrentamento da exclusão social, assim sendo, tais análises remetem-se ao fortalecimento da formação subjetiva da identidade construída.

Palavras-chave: História de vida. Gênero. Religiões de matriz africana. Identidade.

ABSTRACT

The present work, elaborated as a requirement to obtain a Master's Degree in Education from the Stricto sensu Postgraduate Program of the State University of Mato Grosso do Sul, University Unit of Paranaíba, is part of the Research, History, Education and Society Research Line and subsidized by the Groups of Studies and Researches in History and Historiography of the Brazilian Education, as well as Group of Gender and Diversity. Recognizing the relevance of studies that address themes such as diversity, gender and race, because they are in the vogue in the country, although researchers in this field, say that they have arrived late here - contrary to what happened in Europe, for example - accompanying the process of redemocratization occurred in the mid-1990s. Despite this evaluation, it must be considered that the moment is extremely timely and perhaps unique with regard to the scope of the Brazilian post-graduation. In a survey of the recent production, it was found that such themes are present in education, history, sociology, psychology, literature, among others. For the present work, we intend to establish an argument emphasizing the Proficiency of Oral History (HO), as a method or research methodology to approach and rescue the trajectory of a singular subject, whose existence may contribute to the understanding of cultural aspects present in the with other individuals, whether at school, in the family, at work, or in other social environments. Thus, parts of the childhood and schooling of a black, gay and Pai de Santo teacher, living in a municipality in the northwest of São Paulo, are highlighted, emphasizing aspects of the construction of their identity and their perspectives for a multicultural education that not only accepts the different, but to respect it and contemplate its culture as part of its own history. The research carried out favors several reflections on moments of regulation of sexual orientation and religious doctrine, as well as moments of confrontation of social exclusion, so, such analyzes refer to the strengthening of the subjective formation of the constructed identity.

Keywords: Life's history. Genre. Religions of African matrix. Identity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento de Produção com o descritor “Professores Negros”	55
Quadro 2 – Levantamento de Produção com o descritor “Memória e História de Vida”	57
Quadro 3 – Levantamento de Produção com o descritor “Professores Gays”	58
Quadro 4 – Trabalhos de Pós-graduação em nível de Mestrado	60
Quadro 5 – Trabalhos de Pós-graduação em nível de Doutorado	61
Quadro 6 - Diferentes Matrizes da Umbanda	86

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Altar com as imagens sincréticas dos Santos/Orixás da Umbanda	50
Figura 2 - Água de purificação e neutralização de energias negativas	52

LISTA DE SIGLAS

CESP – Companhia Energética do Estado de São Paulo

CTG – *China Three Gorges* (China Três Gargantas)

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

LIBRAS – Linguagem Brasileira de Sinais

UE – Unidade Escolar

UNESCO - *United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization* (Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO	17
1. HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E ETNOGRAFIA	30
1.1 Aspectos teórico-metodológico da H.O.	30
1.2 História de Vida: memória e subjetividade	40
1.3 A Contribuição da Antropologia e do trabalho do tipo etnográfico para a Construção da História Oral de Vida.	44
1.3.1 O trabalho de campo do tipo etnográfico: relato de experiência	49
2. ESTADO DA ARTE	54
2.1 O que é Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento?	54
2.2 Produções acadêmicas: “Professores negro”	55
2.2 Produções acadêmicas: “Memória e História de Vida”	57
2.3 Produções acadêmicas: “Professores Gays”.	58
2.4 A diversidade religiosa e a fecundidade da História Oral	60
3. HISTÓRIA DE VIDA: DAS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA À PROFISSÃO DOCENTE – CAMINHOS TRILHADOS NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA.	70
3.1 Família, infância e escolarização.	70
3.2 Da profissão docente.	77
3.3 De ex-seminarista a Pai de Santo: a trajetória da descoberta.	80
3.4 Preconceito social e empoderamento religioso.	87
3.5 A Umbanda, a livre orientação sexual e a construção do sujeito S.R.A.	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	98
ANEXOS A – Roteiro de entrevista semiestruturado	104
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	105

APRESENTAÇÃO

O interesse pela construção do objeto de pesquisa pautado na história de vida de um docente negro, gay e umbandista, domiciliado em um município situado no noroeste paulista, tem motivações de ordem teórico-metodológica, bem como pessoais. Trata-se de um sujeito pioneiro como intérprete de LIBRAS¹ em uma Unidade Escolar Municipal onde reside, cuja trajetória profissional e pessoal, por suas características singulares poderão contribuir para a compreensão de aspectos culturais presentes das relações com outros indivíduos, seja na escola, na família, no trabalho ou noutros meios sociais.

Natural de São Paulo (Capital), migrei para Ilha Solteira/SP, município do interior paulista, em 1986, cidade que mantenho residência e iniciei a carreira docente. Formada em Magistério², aprovada em concurso público para ministrar aulas no Ensino Fundamental, séries iniciais, em 2002 e, neste período, já havia iniciado a graduação em Pedagogia concluindo em 2005.

No começo da carreira lecionei em uma escola municipal localizada num bairro considerado de periferia. Fundada em 2003, a unidade atendia alunos/as heterogêneos cognitivamente e socialmente, porém, a maioria de baixa renda e com acentuados problemas de ordem social, econômico e emocional. Foi neste período que grandes desafios foram lançados a mim, pois vastas eram as dificuldades em tratar das diferenças entre os/as educandos/as ligados as questões de preconceito social e das relações étnico-raciais, haja vista que tais situações ultrapassavam o cotidiano escolar.

Vários foram os entraves defrontados, pois, compreender o comportamento humano historicamente constituído por uma sociedade de classes que, apesar dos avanços, não resistiu à intolerância, racismo e conduta homofóbica, não se fez uma tarefa fácil, sobretudo quando tais posturas são expressadas por crianças que, hipoteticamente, estão iniciando a formação de sua subjetividade, mesmo sabendo que a influência de valores genealógicos e sociais tem consequência direta na formação do sujeito.

Em 2006 fui remanejada para outra Unidade Escolar, cuja clientela de alunos/as eram de zona rural e de grupos assentados do movimento MST³. Era uma turma de 4ª série e

¹ LIBRAS é a sigla de Língua Brasileira de Sinais, um conjunto de formas gestuais utilizada por deficientes auditivos para a comunicação entre eles e outras pessoas, sejam elas surdas ou ouvintes.

² Habilitação específica para o Magistério era o curso ofertado com certificação em nível médio e habilitava seus concluintes a atuarem como professores (as) no primeiro segmento do antigo 1º grau. (1ª a 4ª séries).

³ MST é a sigla para Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. Trata-se de um dos mais importantes movimentos político-sociais do Brasil. O foco principal da organização são questões relacionadas ao trabalhador do campo, essencialmente, no que tange à luta pela reforma agrária. Historicamente, no Brasil, o acesso a terra foi feito de forma desigual e, como consequência direta, predominou-se os grandes latifúndios.

todos no início do processo de alfabetização e com uma vivência cultural totalmente diferente das turmas dos anos anteriores, inclusive da minha visão de cultura. Foi uma experiência muito enriquecedora, por meio das relações com os/as educandos/as e seus familiares, engajados num movimento de base popular, que realmente aprendi a fazer educação na prática, na experimentação dos saberes, ou seja, este período foi o marco ao prelúdio pela busca do “real” conhecimento e formação política para a defesa aos Direitos Humanos⁴.

No ano de 2010 fui convidada pela Dirigente Municipal de Educação de Ilha Solteira/SP para trabalhar como Coordenadora Pedagógica do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental de 9 anos⁵, convite justificado pelo meu desempenho como alfabetizadora e pela atuação diferenciada nas relações interpessoais e concepções educacionais. Fiquei no cargo por 6 anos (2010 a 2016), e é neste recorte temporal que justifico a seleção do sujeito da pesquisa, haja vista que, na encetadura como coordenadora, assisti o ingresso do docente S.R.A., como vou reportar-me ao sujeito, que atuou como intérprete de LIBRAS conforme supracitado, pois o mesmo apresentou, em nosso convívio diário, a diferença/desigualdade sentida na pele de quem, cotidianamente, vivenciou e conviveu nos diferentes espaços sociais.

Com a inserção de crianças com deficiência nas escolas regulares e da adaptação das estruturas físicas e humanas para melhor atendê-las, incluindo novos profissionais, ficou evidente o despreparo de grande parte do corpo docente em discutir as questões relacionadas a inclusão⁶, aceitação ao outro e respeito mútuo. Neste momento constatei que a dificuldade não estava em aceitar e/ou incluir as crianças especiais no contexto escolar, mas sim das relações com os demais profissionais que atuariam no desenvolvimento social e cognitivo das mesmas, principalmente tratando-se de um sujeito com características tão singulares com as do indivíduo em questão, pois tal destoava-se dos padrões historicamente estabelecido pela sociedade, ou seja, negro, gay e de uma religião sincrética africana/brasileira, considerada por muitos, doutrina voltada para a magia negra.

Nesse contexto surgiu, na década de 1980, o MST. Defendendo os direitos dos trabalhadores rurais, assim como exercendo forte oposição ao modelo de reforma agrária imposto pela ditadura militar, o movimento social se fundamentou na busca pela redistribuição mais justa das terras improdutivas.

⁴ Direitos Humanos são os direitos básicos de todos os seres humanos. São os direitos civis e políticos; direitos econômicos, sociais e culturais; direitos difusos e coletivos.

⁵ LEI Nº 11.274, DE 6 DE FEVEREIRO DE 2006. Altera a redação dos artigos. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de **9** (nove) **anos** para o **ensino fundamental**, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) **anos** de idade

⁶ Inclusão é o **ato de incluir e acrescentar**, ou seja, adicionar coisas ou pessoas em grupos e núcleos que antes não faziam parte. Socialmente, a inclusão representa um **ato de igualdade entre os diferentes indivíduos** que habitam determinada sociedade. Assim, esta ação permite que todos tenham o direito de integrar e participar das várias dimensões de seu ambiente, sem sofrer qualquer tipo de discriminação e preconceito

Em 2015 ingressei como aluna especial no Programa de Pós-graduação em Educação em nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS / Unidade Universitária de Paranaíba. No ano de 2016 prestei o Processo de Seleção para aluno/a regular e fui aprovada com um projeto voltado às questões relacionadas a Educação para o Campo, pensando em minha experiência profissional e das angústias relacionadas ao tema.

Na primeira conversa com meu orientador e pesquisador Ademilson Batista Paes, que vem contribuindo para a produção científica acerca da história com foco na diversidade, surgiu a ideia em aprofundar-me nos estudos relacionado as questões étnico-raciais e homossexualidade a partir de uma pesquisa histórica, nesta perspectiva a escolha da metodologia no campo da História Oral, tornou possível compreender como o sujeito se constitui subjetivamente em uma sociedade caracterizada homofóbica e racista.

Destarte, a nossa pesquisa visa o objetivo de, não somente narrar a história de vida de um sujeito negro, cuja raça e orientação sexual foi marginalizada historicamente, mas de narrar a História de Vida de alguém que experienciou e vivenciou os mais diferentes tipos de preconceito ao longo de sua construção identitária. Por ser professor e acreditar na importância da escola para a formação do sujeito democrático, reforça em suas narrativas, o quão urgente é a mudança dos paradigmas educativos e a desconstrução de ideologias eurocêntricas que circulam nas instituições escolarizadas.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada em um município de 25 mil habitantes situado no Noroeste Paulista, cuja cidade foi construída de forma planejada para abrigar trabalhadores/as, de diferentes níveis sociais, para a construção de uma usina hidrelétrica pertencente ao Complexo Urubupungá⁷, cuja principal característica social e cultural da mão-de-obra pertenciam a uma sociedade patriarcal e machista, onde se buscaram, na perspectiva da diversidade sexual, apenas servidores do sexo masculino para atuar nos diferentes setores da empreiteira. Como as obras não respeitavam feriados ou finais de semana, poucas eram as opções de lazer, umas das primeiras edificações a serem construídas, além das moradias e escolas, que eram construídas conforme classe social⁸, foi a Igreja Católica, em 1970, que servia como “entretenimento” às mulheres e crianças pertencentes as famílias dos barrageiros. Não obstante desta realidade, é possível afirmar que as famílias migrantes deste município, mesmo com a evolução da história, trouxeram em suas bagagens as raízes cristãs, religião dominante.

A escolha do colaborador, S.R.A, justifica-se pelas singularidades pessoais do mesmo que, aos 38 anos de idade, nascido, criado e formado nos arredores do município referido, traz consigo uma vasta experiência profissional na carreira docente na educação inclusiva (contexto global da palavra), por assumir-se gay e Pai de Santo, bem como de sua própria vivência e experiências: “[...] é através dessa trajetória de vida que poderia ver como são, do que gostam, seus desejos, seus sonhos, seus temores e suas dores” (FELIZARDO, 2009, p. 17). Assim, é necessário ver em S.R.A um ser social, articulado em “um lugar de produção”.

Por já ser uma pessoa conhecida desta pesquisadora, facilitou os primeiros contatos e o processo de aceitação na colaboração para o trabalho. No primeiro contato, foi exposto os objetivos, buscando o início de uma relação de confiança que foi significativo para o envolvimento durante as entrevistas e o desenvolvimento da pesquisa, porém, por se tratar de uma história complexa e por envolver outros sujeitos, ficou acordado que trataríamos de

⁷ Complexo de Urubupungá é formado pelas usinas de Jupia, Ilha Solteira e Três Irmãos, operando com potência total de 4,6 milhões de quilowatts exercendo influência em área que se estende pelos estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Goiás.

⁸ Foram estabelecidos seis tipos de residência: Nível 1 (área construída de 32,64 m² destinada aos serventes, braçais, vigias, zeladores); Nível 2 (área construída de 42,27m² destinada a carpinteiros, funileiros soldadores, operadores de máquina); Nível 3 (área construída de 42,27 m², com um dormitório a mais, destinada a compradores, enfermeiros, auxiliares especializados); Nível 4 (área construída de 67,68 m² destinada a professores, projetistas, vigário, supervisores, contabilistas); Nível 5 (área construída de 106 m² destinada a chefias sem nível universitário); Nível 6 (área construída de 152 m² destinada a chefias com nível universitário)

sua identificação apenas com siglas de seu nome e que ocultaríamos qualquer trecho que pudesse comprometer a ética e imagem dos coadjuvantes.

A trajetória escolar do sujeito, em termos de educação básica, isto é, do curso primário ao colegial, bem como a formação acadêmica, se deu em escolas públicas, sendo assim, a investigação perscrutou as dificuldades enfrentadas ante as relações entre raças e a problemática da discriminação no que tange sua orientação sexual no espaço público educativo, perpassando sua escolarização e convivência familiar.

Neste viés, o objetivo geral do trabalho visa em estabelecer uma argumentação salientando a proficuidade da História Oral (H.O) enquanto método ou metodologia de pesquisa e suas contribuições para a História da Educação do Brasil, para tal, compreender S.R.A como ser social, sua formação profissional docente e identidade negra serviram de elementos potencializadores para o alcance deste objetivo.

Como objetivos específicos pretendemos resgatar a história de vida como um dos elementos que constituem as fontes de pesquisa; contribuir para a compreensão de aspectos culturais presentes nas relações entre sujeitos; investigar, por meio da análise das memórias, os aspectos socioculturais que norteiam a formação do indivíduo; subsidiar pesquisas correlatas.

O recorte temporal estabelecido nesta investigação compreende os anos de 1979 a 2017, enfatizando o primeiro como período de nascimento do sujeito de averiguação, nosso colaborador⁹. Por conseguinte, o segundo, faz a tratativa do tempo presente, tendo em vista que o indivíduo está contextualizado neste período histórico. Nesta perspectiva, Maranhão Filho (2000, p.2) afirma que “[...] este campo se ampara no pressuposto metodológico de que a história não é somente o estudo do passado, mas também, com um menor recuo e métodos particulares, no tempo presente.

Ao escolher o colaborador que representará um grupo de pessoas que tem em comum a docência, a homossexualidade e a imersão na cultura afro-brasileira, se respalda na ideia de “memória cultural” (BURKE, 2008), juntamente com o conceito de valorização da memória e da micro história. A proposta investigativa preocupou-se e ocupou-se das representações e práticas difundidas por Chartier (1995) com respaldo da nova história cultural (NHC), uma vez que traz a trajetória de vida e toda a subjetividade que se apresenta do sujeito da pesquisa.

⁹ O conceito de colaboração em história oral, segundo Meihy e Holanda (2015), compreende que a relação entrevistador/entrevistado deve ser de “colaboração”, já que ambas as partes devem trabalhar juntas durante o processo da elaboração do documento, desde sua fase oral até a da escrita.

Como já exposto nos objetivos, mesmo que o tema traga consigo a história do preconceito e levante tabu entre as pessoas, devemos perceber que a identidade sexual e religiosa não pode ser vista como um dado a ser controlado por alguém ou por alguma instituição, devemos colocar o respeito ao outro como princípio máximo desta questão. Para Foucault (1998), o sujeito produz-se nas relações de poder, não tem autonomia, ele se materializa pelas posições de sujeitos que definem seus discursos pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios.

Em se tratando de um sujeito homossexual, para fundamentar teoricamente nossa argumentação, nos pautamos nas ideologias de Mott¹⁰ (2001), pois, segundo o autor, dos diferentes grupos sociais que constituem o povo brasileiro, são os homossexuais que representam as maiores contradições e surpresas em sua história, grupo este cuja memória é a mais rica em detalhes. Mott (2001) diz ainda que, a homossexualidade, equiparada a traição nacional, foi o delito que mais deixou registros para o resgate de suas memórias sobre as punições as quais foram submetidos os seus praticantes. Segundo o autor, ele mesmo realiza importantes registros acerca da história sobre a homossexualidade neste país desde o início da colonização, entre eles podemos encontrar diversos homicídios sem nenhuma preocupação no que diz respeito à sua dignidade.

Neste contexto histórico conhecemos uma nação de diversidade étnica-racial, porém, enraizada de princípios eurocêntricos e heteronormativo, mesmo tendo uma população formada por grande número imigrantes multiculturalista, bem como de negros e indígenas, num estado considerado Laico, a ideologia cristã ainda se faz muito presente no processo de formação do ser humano. Destarte, ao se falar na construção identitária do indivíduo e sua orientação sexual, preconceitos e valores enraizados no comportamento humano interferem nesta construção, assim sendo, a sociedade brasileira, em seu caráter uno, é algo de sérios questionamentos baseados no multiculturalismo que marca a formação social do país de diferentes grupos étnico-raciais.

¹⁰ Luiz Roberto de Barros Mott, mais conhecido como Luiz Mott, nasceu em São Paulo, em 1946, mas é filho de família do interior mineiro. Estudou em Seminário Dominicano de Juiz de Fora. Formou-se em Ciências Sociais pela USP. Possui mestrado em Etnologia em Sorbonne e doutorado em Antropologia, pela Unicamp, atualmente é professor titular aposentado do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia, UFBA e é professor e orientador do programa de pós graduação em História da Universidade Federal da Bahia, UFBA. Desde o final dos anos 70 radicado em Salvador, cidade que lhe concedeu o título de *Cidadão Honorário*. Em 2006 a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia concedeu o título de cidadão baiano a Luiz Mott. Revelou sua orientação sexual em 1977.^[1] Luiz Mott é fundador do Grupo Gay da Bahia, uma das principais instituições que laboram em prol dos direitos humanos dos LGBTs no Brasil.

De acordo com Lacan, o primeiro encontro com o processo de construção de um “eu”, por meio da visão do reflexo de um eu corporificado, de um eu que tem fronteiras, prepara, assim, a cena para todas as identificações futuras. Para Silva (2014, p. 96) “Se prestarmos, pois, atenção a teorização cultural contemporânea sobre identidade e diferença, não poderemos abordar o multiculturalismo em educação simplesmente como uma questão de tolerância e respeito para com a diversidade cultural”.

Neste contexto, é possível afirmar que a sociedade contemporânea se comporta diferentemente dos portugueses colonizadores? Como se dão os relacionamentos atualmente? A prática sexual é entendida de forma natural pelo núcleo religioso? E o matrimônio, além da união heterossexual, aceita-se casais do grupo LGBT compreendendo e respeitando a nova configuração da família, ou ainda vivemos numa sociedade hipócrita, intolerante e preconceituosa? A busca por tais indagações dificilmente encontramos nas bibliografias tradicionais ou fontes documentais, haja vista que são carregadas de subjetividade concebida por influência do poder político e elitizado, para compreendermos o que se esconde por de traz destes documentos e discursos propomos dar voz ao sujeito advindo da massa, dos grupos silenciados e diminuídos.

Trazer à tona memórias de um sujeito que vivenciou, em diferentes contextos temporais, situações de preconceito e discriminação, fazer este cruzamento de fontes é importante para organizar e refletir as ações do presente, haja vista que relembrar e refletir o passado é dar um passo inteligente rumo ao futuro.

Por meio desta pesquisa é possível propiciar novas investigações científicas acerca da temática em questão, vislumbrando o preenchimento das variadas lacunas existentes no que tange à história de docentes negros e homossexuais. Para tal, a opção pela História Oral como metodologia, pautou-se pela busca por uma renovação incessante do campo historiográfico, onde há uma revalorização de uma análise que privilegia o qualitativo e o resgate das experiências individuais e da subjetividade. Neste contexto, as fontes orais vem assumido um papel importante nos estudos da H. O, inserindo-se no amplo movimento de retorno da história política e de consideração do papel do sujeito nos processos de retomada de decisões.

Acerca da H.O, é importante considerar, como bem enfatiza Freitas (2002, p. 19), que ela “[...] tem como principal finalidade criar fontes históricas. Portanto, essa documentação deve ser armazenada, conservada, e sua abordagem inicial deve partir do estabelecimento preciso dos objetivos da pesquisa”. Freitas (2002, p. 81) acrescenta que: “[...] essa permite a integração com outras fontes, a confrontação entre as fontes escritas e

orais e a sua utilização multidisciplinar. Mas a fonte oral é resultado da relação e interação entre informante e pesquisador”.

Para Montenegro (2001, p. 26), [...] as entrevistas permitem instituir um novo campo documental que muitas e muitas vezes, tem-se perdido com o falecimento dos seus narradores. Neste sentido, para realizar as entrevistas, foi descartado o uso de questionários estruturados e feita a opção por eixos temáticos como: infância; formação e identidade nos quais haviam perguntas como: Conta-me um pouquinho de sua infância, como era a sua família, amigos/as? Seus pais?

Como as questões relacionadas a diversidade são abundantes e a intolerância ao diferente se faz presente em nosso cotidiano, muitas reflexões permeiam no pensamento ao observar o comportamento da sociedade: o que hoje destrói as relações humanas? Por que tantos conflitos entre os povos de diferentes raças se, perante a lei, somos todos iguais e temos os mesmos direitos inclusive de ser diferente? É possível, através da educação escolarizada ou não, construir e sustentar escolhas mediante a formação de nossa identidade visando o respeito e aceitação numa sociedade dita democrática, porém, racista, preconceituosa e homofóbica? Para um trabalho de dissertação seria improvável discutir e refletir acerca de tantos questionamentos, portanto, a última questão serviu-nos como eixo norteador a ser problematizada. Neste viés, o presente trabalho aponta a importância de um levantamento bibliográfico e referencial teórico de qualidade que permita ao/a pesquisador/a a interpretação das subjetividades e experiências individuais, pois quando se trata de memórias este paralelo torna-se fundamental para a real compreensão do contexto histórico dos fatos narrados.

Como nas relações sociais é necessário desenvolver estratégias de convivência e enfrentamento para que se tenha amadurecimento o suficiente para não se recair emocionalmente diante da estupidez e intolerância, além do aporte teórico sobre a temática, a metodologia escolhida para se efetivar a pesquisa, a História Oral - estudo de caso - em consonância e cruzamento com outras fontes, buscamos promover maior relevância e veracidade aos fatos, pois, segundo Thonson (1992, p. 197) “Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.”

Algumas questões foram levantadas e discutidas ao longo do processo investigativo, questões estas que nos conduziram à reflexão sobre as consequências socioculturais enquanto potencializadoras ou não do comportamento heteronormativo e racista à formação identitária dos indivíduos classificados fora da normatividade padronizada

pela sociedade. Além do problema da pesquisa, durante as entrevistas, outras questões foram surgindo, tais como o momento da vivência do indivíduo que possibilitou identificar os estigmas do legado deixado pela história da civilização que associava a prática sexual como proibição e pecado.

Se somos resultado de uma dicotomia e cultura entre o sagrado e o profano, o certo e o errado, herdado pelos colonizadores elitizados e preconceituosos, como podemos contribuir para a desconstrução de tais ideologias, conscientizando e atuando em defesa dos Direitos Humanos, no respeito as individualidades, de seus segmentos socioculturais, bem como de sua orientação sexual? Nesta perspectiva, entendendo a infância como construção histórica cultural e social, momento este essencial na formação do sujeito, empreendemos investigações acerca das memórias de infância com relação as questões de raça, orientação sexual, formação profissional e religiosa.

Para tal discussão, desloco as contribuições de Elias (1994) e sua teoria do “processo civilizador” que considera a raça e sexualidade como um fator eminentemente social que se transforma no decorrer da história à medida que a sociedade vai se transformando e, por consequência, buscando novas maneiras de relacionar-se. Neste viés, o processo educativo, institucional ou familiar, pode contribuir ativamente na implementação de novas práticas sociais em que o leitor de mundo e da palavra seja igualmente sujeito do seu dizer e produza a necessária transformação da “realidade”, subsidiando práticas significativas em suas especificidades para esse grupo marginalizado culturalmente, socialmente e historicamente (afro-brasileiros e homossexuais).

O conhecimento do contexto histórico e social, em suas dimensões universais e particulares, é requisito fundamental para o processo educativo, pois o mesmo se desenvolve em situações concretas. A realidade em sua teorização se assentam, portanto, na materialidade das formas de produção e reprodução da vida e, o agente educativo, seja ele escola, núcleo familiar ou religioso, podem auxiliar na apropriação, sistematização e ampliação destes conhecimentos, de acordo com interesses individuais e coletivos buscando contemplar expectativas futuras.

Além da opção da metodológica da H.O, para contribuir na compreensão do objeto de estudo, buscamos auxílio na ciência da antropologia com o propósito de decodificar e analisar o universo cultural constituinte, pois, neste viés, torna-se impossível compreender a realidade sem considerar a cultura popular, tão pouco compreender a cultura sem considerar a trajetória da sua construção.

A opção por uma abordagem interdisciplinar, propiciou o cruzamento de dados e fontes para que se desconstrua visões ideológicas próprias típicas de fontes escritas, assim, nós preconizamos a problematização do conteúdo tendo vistas subsidiar a compreensão da formação identitária do sujeito protagonista da pesquisa, visto que a identidade não é estática e está em constante construção, sendo formada culturalmente, sendo assim, no âmbito do pensamento pós-moderno, a cultura adquire cada vez mais um papel significativo na vida social e na construção do “eu” e de “nós”.

Talvez seja exagero afirmar que estamos imersos numa cultura de discriminação, na qual a demarcação entre “nós” e “os outros” é uma prática social permanente que se manifesta pelo não reconhecimento dos que consideramos não somente diferentes, mas inferiores, por diferentes características identitárias e de comportamento. Tais ações discriminatórias revelam a violação de direitos das pessoas, baseados em critérios injustificados e injustos, que podem manifestar-se com violência física ou abuso verbal trazendo um estado de opressão e ausência de liberdade.

Paulo Freire na obra *Pedagogia do Oprimido*, diz que também foi oprimido, porque viveu na pobreza, passou necessidade e foi excluído em várias situações. Aliás, quando escreveu o livro, estava exilado por conta de suas ideologias. Portanto, ele falava da opressão como alguém que vivenciou, e não sobre ela. É nesta obra que Freire aponta como se deve trazer à tona a consciência do oprimido, do pré-conceitualizado, valorizando suas memórias.

Por fim, para tratar desta realidade, além da contribuição das produções antropológicas, buscamos identificar discursos preconceituosos produzidos nas diferentes esferas sociais, por meio das memórias do sujeito que é um docente negro, gay e Pai de Santo da Umbanda, efetivo na rede estadual do Estado de São Paulo como professor de sociologia no noroeste paulista, ex seminarista e homossexual. Para tal, apresentaremos, não somente a narrativa por meio da tradicional entrevista semiestruturada, mas também um trabalho do tipo etnográfico¹¹ realizado no centro de Umbanda fundado pelo mesmo, bem como nas rodas de gira, onde a observação da cultura religiosa se deu de forma participativa e colaborativa. Através do diário de bordo (caderno de anotações) iremos descrever a experiência produzindo uma análise reflexiva que servirá de suporte para a análise dos dados coletados nas entrevistas.

¹¹ A **etnografia** (do grego *ἔθνος*, *ethno* - nação, povo e *γράφειν*, *graphein* - escrever) é o método utilizado pela antropologia na coleta de dados. Baseia-se no contato intersubjetivo entre o antropólogo e o seu objeto, seja ele uma aldeia indígena ou qualquer outro grupo social sob o qual o recorte analítico seja feito. A base de uma pesquisa etnográfica é o trabalho de campo.

Como embasamento teórico-metodológico deste trabalho, a busca por produções de cunho acadêmico/científico trará referências de autores/as que dedicaram suas pesquisas às temáticas relacionadas a diversidade, focalizando questões da infância, escolarização, profissão e religião no que tange as relações étnico-raciais e de livre orientação sexual, haja vista que, em 2001, a Conferência Geral da Unesco, aprovou a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, enfatizando no documento o reconhecimento das diferenças como necessário à realização e respeito aos Direitos Humanos e define a Diversidade como patrimônio comum da humanidade.

No caso brasileiro, a Constituição da República preconiza um Estado Laico e de direito, onde especifica, em seu artigo quinto, a igualdade entre todos os cidadãos do país.

Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]. (BRASIL, 2012, s.p.).

Em vista da constituição, portanto, a discriminação e a inferiorização de indivíduos, por motivos de qualquer natureza, passam a ser indesejáveis. O estudo deste tema pode proporcionar uma autorreflexão, não apenas no conhecimento do sujeito, na medida em que “[...] muito aprendemos sobre nós mesmos quando estudamos o diferente” (GREEN; TRINDADE, 2005, p. 51).

Nesta perspectiva, ao trazer para a discussão questões relacionadas a cultura do um sujeito, cujo segmento religioso está diretamente ligado a cultura afro-brasileira, ou seja, de matriz africana, propor algumas reflexões acerca da influência da igreja católica, religião dominante por séculos, se faz necessário para a compreensão da realidade que se segue, principalmente quando se trata de um indivíduo homossexual, pois a religião tem sido, há muito tempo, objeto de estudo nos mais diferentes campos de pesquisa.

A questão da relação cultural entre os estigmas cristãos e as religiões afro-brasileiras, bem como a livre orientação sexual já tem uma longa trajetória. A própria questão da terminologia empregada nas discussões e mudanças conceituais ocorridas pelo menos desde o século XIX, apresentam inúmeras discussões (TREVISAN, 2000, p. 177-186). A religião está presente desde as sociedades da antiguidade, demonstrando assim, como defende Berkhof (1990, p. 24) a “[...] presença universal do reino de Deus [...]” na mente humana. Quando falamos de religião, distinguimos de espiritualidade no seguinte sentido: “É um erro supor que pode haver uma religião totalmente interior, sem regra, liturgia, sem sinais

exteriores de estados interiores. Em religião, tal como em sociedade, a forma exterior é a própria condição de existência” (DOUGLAS, 1991, p. 79).

Dentro de uma análise dialética, Berger (1985, p. 15) entende que a sociedade é produto do homem e o homem é produto da sociedade, a religião e a diversidade fazem parte da construção do homem, cada um exercendo seu papel, todavia, interligados, contribuindo para as legitimações socioculturais. Para compreensão e melhor entendimento deste processo dialético, Berger divide-os em três momentos: a exteriorização, a objetivação e a interiorização, assim, o primeiro momento do processo dialético bergeriano, define-se como um indivíduo exteriorizante por essência, cujo fato antropológico funda-se na constituição biológica do mesmo e essa peculiaridade manifesta-se nas relações do homem com seu próprio corpo e com o mundo ao qual se insere que, por ser inacabado ao nascer, esta relação é a base para sua formação futura (BERGER, 1985, p. 17).

O segundo momento da análise de Berger (1985, p.22) é a objetivação, onde define a cultura externalizada a subjetividade do indivíduo atingindo o caráter da realidade objetiva, podendo ser, ou não, absorvida pela consciência.

Após a efusão da realidade ocorrida no primeiro momento, esta, posteriormente, adquire um status ontológico que será interiorizado num terceiro momento. De acordo com Berger (1985, p. 86), é neste momento que o homem passa a ser moldado pela sociedade que ele mesmo criou, a interiorização é, portanto, “a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente, de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva [...]”. Berger analisa a religião como empreendimento humano com o qual se estabelece um cosmo sagrado, definindo como algo apreendido pelo homem, desta forma, o inverso do sagrado é o profano, por isto as manifestações históricas de ambos são tão distintas e complexas, para ele, o enfrentamento ao sagrado é uma realidade poderosa e distinta do ser, colocando a sua existência numa ordem carregada de significados.

Por se tratar da história de vida de um sujeito homossexual e pai de santo, refletindo as análises de Berger (1985, p. 41) que o mundo sempre esteve impregnado do sagrado, podemos pensar na sexualidade humana como algo ligado às construções sociais, principalmente a religião, a qual, sempre exerceu um papel regulador na moral da sociedade. Os papéis sexuais variam de acordo com a cultura e a época, Cavalcanti (1992, p; 15) afirma: “A vivência da sexualidade não paira nos ares, tão pouco desconectado de um dado fundamental – a cultura”. É esperado um certo comportamento tanto do homem como da mulher e qualquer desvio é reprimido, pois: “as formas de expressão do desejo sexual não são

inatas, elas são aprendidas pela experiência social e definida pela sociedade (GREEN; TRINDADE, 2005, p. 125)

Em relação a sexualidade e a cultura afro-brasileiras, além dos já citados, alguns autores tornam-se importantes para a compreensão do tema desde a antiguidade até os nossos dias. Peter Brown (1990) trabalha com a construção do poder da Igreja Católica, como eixo central às discussões a respeito da sexualidade e da espiritualidade, ou seja, continência sexual, jejuns, peregrinação, messianismo, celibato e virgindade.

Vainfas (1989) faz uma inquietante reflexão sobre temas que contribuíram para a construção de uma moral sexual no ocidente, desde os primórdios do Cristianismo ao fim da Idade Média até o período de Colonização.

Sem dúvida, o poder dos ideais cristãos exerceu grande influência na moralidade sexual mundial, em específico no Brasil desde o seu descobrimento, já no primeiro impacto, os primeiros padres jesuítas referiram-se à nudez indígena como algo pecaminoso, pois “Os portugueses quando chegaram em terras americanas, ficaram horrorizados ao ver os índios nus e ao constatar como eles lidavam com a sexualidade. A expressão utilizada traduz bem o impacto: devassos do paraíso” (CECARELLI, 2007).

Souza (1986) realiza um estudo sobre a feitiçaria nos tempos coloniais, uma verdadeira arqueologia da religiosidade popular, com base em cronistas da época, devassa eclesiástica e processos da Inquisição. As ideologias doutrinárias fazem os valores religiosos impregnar as concepções éticas nas culturas e, os critérios de bem ou mal se acham vinculados a fé, nesta perspectiva, os valores transcendem de geração à geração, onde o homem moral é o homem temente a Deus.

Há um interessante diálogo sobre a tolerância e o respeito a todas as crenças religiosas, relatado por Leonardo Boff, ao participar de uma mesa redonda sobre religião e paz entre os povos. Boff relata que indagou ao Dalai Lama qual era a melhor religião, ao que respondeu: “A melhor religião é a que mais lhe aproxima de Deus. É aquela que te faz melhor”. Boff tornou a perguntar: “O que me faz melhor? Dalai respondeu: aquilo que te faz compassivo, mais sensível, desapegado, mais amoroso, humanitário, responsável ... e a religião que conseguir fazer de ti isso, é a melhor religião”. (FONSECA, 2011. s/p).

Na construção dessa nova história, no viés da livre construção identitária, no respeito a diversidade e aos Direitos Humanos, este Estado moderno, na tentativa de disfarçar o domínio da igreja moralista, adotou o princípio da liberdade religiosa, onde cada indivíduo professa sua fé onde e como quiser, que demandou tempo para que se chegasse à aceitação de

que os homens eram capazes de organizar a vida em sociedade a partir de princípios éticos laicos. (MARTINEZ, 1996).

Desse modo, o Estado Laico é uma das conquistas da democracia que busca assegurar o respeito e o trato igualitário entre os diferentes, uma das características que torna o ser humano rico e plural é a diversidade, ou seja, a capacidade que temos de sermos diferentes entre si, apesar de parecidos.

A sexualidade humana manifesta-se através de padrões culturais historicamente construídos e determinados, onde a sociedade se incumbem de reforçá-los. Ao longo da história da humanidade, a sexualidade pode ser experienciada por culturas e períodos de abertura sexual, intercalados por momentos de recato e privações (FOUCAULT, 1988).

O reconhecimento dessa pluralidade como parte da tradição cultural brasileira, o caráter hegemônico ou mesmo a capacidade de organização e pressão social serviram e servem de justificativa para que agentes do poder público favoreçam ou tomem decisões que implicam a sociedade como um todo a partir de interesses de grupos e/ou instituições específicas.

Nesse sentido, a diversidade étnica e de livre orientação sexual no âmbito da atuação do Estado, como objeto de estudo e debate em diferentes áreas do conhecimento, deve-se seguir no sentido de que todos somos diferentes em raça/etnia, idades, cultura, experiências, gênero e identidade e aprender a conviver com estas diferenças é o grande desafio, portanto, desenvolver a ética e não hierarquizar grupos socioculturais entre melhor ou pior é entender, de fato, que somos e temos o direito de ser diferentes.

Dessa forma, as dimensões de gênero/orientação sexual, raça e cultura ainda encontram-se lutando, mesmo dentro da possibilidade de construção de um outro mundo, por um lugar de reconhecimento. A sociedade, por meio de diferentes movimentos e manifestações, está em permanente luta contra as exclusões e todas as formas de desigualdades que privilegiam uns e desconsideram muitos, digladiando em prol dos direitos humanos para o exercício do convívio com a diversidade, coabitação que vai além do respeito e da tolerância, que corresponda a olhar os outros com sensibilidade, num posicionamento de alteridade.

A proposta de estabelecer uma análise sobre tais temáticas, além dos relatos do sujeito e o trabalho etnológico, é submeter-se uma análise de si próprio, do outro e, o mais importante, questionar qual sujeito a sociedade está formando e qual sociedade queremos formar, ou seja, estamos contribuindo para a desconstrução de discursos discriminatórios ou reforçando-os, mesmo que de forma velada?" A resposta não estará dentro do texto, mas sim

na submissão reflexiva da própria subjetividade e forma de viver e conviver na sociedade contemporânea, pois, historicamente, o modelo de indivíduo que identifica poder na sociedade é o homem branco, adulto, jovem, cristão e heterossexual, com situação econômica privilegiada.

Nesta perspectiva, a ascensão de sujeitos que não alinham-se a estes padrões normatizadores – mulheres de qualquer raça, negros/as, indígenas, membros do grupo LGBT – a essa esfera, as rejeições são mais acentuadas, haja vista que, o racismo e discriminação que se desenvolve, está associado à ignorância, primitivismo, incapacidade e indisciplina.

Para tal discussão, a despeito das ideias e conceitos mencionados, organizamos a pesquisa em três seções, vislumbrando uma melhor concentração e qualidade dos elementos textuais. Na primeira seção, intitulada “HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E ETNOGRAFIA” abordaremos as ideias que permeiam a opção da História Oral como metodologia de pesquisa, que permite o diálogo com outras fontes, de forma interdisciplinar com outras áreas do conhecimento e, se tratando de um docente com características tão singulares, por ser homossexual e pai de santo, a etnografia nos permitiu uma maior concentração nas concepções de cultura e como ela se constitui através do trabalho do tipo etnográfico. Traremos ainda, as ramificações presentes neste método, com foco na História de Vida¹² na perspectiva de Meihy e Holanda (2015).

Na segunda seção, com o título “ESTADO DA ARTE”, traremos um levantamento acadêmico/científico das produções cadastradas na plataforma IBICT¹³ com três descritores distintos, visto que, a princípio, com o descritor “História de Vida de docentes negros e homossexuais no noroeste paulista” não foi possível fazer a análise devido a inexistência de produções que abordem tal singularidade, por isso nossa produção é inédita e de grande relevância social e acadêmica.

Na última, “HISTÓRIA DE VIDA: das memórias de infância à profissão docente – caminhos trilhados na construção identitária”, transportaremos as memórias do sujeito da pesquisa de modo a estabelecer uma análise reflexiva por meio processo de transcrição, textualização e transcrição¹⁴ de suas narrativas. Outrora, a questão imbricada nessa temática é sobre as adversidades de ser professor negro e homossexual e como sua identidade se

¹² Meihy e Holanda (2010) dividem o procedimento de história oral em três ramificações: história oral de vida (que são entrevistas abertas); história oral temática (tem a função de promover discussões em torno de um assunto específico e costuma fazer a entrevista por meio de questionário) e tradição oral.

¹³ IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) trata-se de uma biblioteca visual de teses e dissertações cadastradas como fonte de pesquisa, em diferentes campos de atuação, para pesquisadores em geral.

¹⁴ Transcrição é o conceito-chave da obra de Meihy e Holanda (2015).

fortaleceu e edificou. Esta seção discute não só a formação e constituição identitária de S.R.A., mas observar as consequências por traz da mesma, bem como trazer um relato de experiência enquanto pesquisadora. A expectativa de trazer este relato para o texto é de evidenciar de forma singela, traços da cultura afro-brasileira por meio da manifestação religiosa de nosso sujeito, as experiências descritas na última seção fazem parte de uma série de visitas ao centro de Umbanda fundado pelo nosso sujeito, bem como da participação das rodas de gira e observação do processo de iniciação de novos filhos da casa.

Para finalizar, o texto apresenta as Considerações, seguidas das Referências e Apêndices.

1. HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E ETNOGRAFIA

1.1 Aspectos teóricos-metodológicos da H.O

A presente pesquisa propõem narrar a história de vida de um docente do noroeste paulista, negro e homossexual, seguidor de uma doutrina religiosa, a Umbanda¹⁵, fornecendo a nós pesquisadores/as subsídios reflexivos acerca das relações étnico-raciais, de preconceito e discriminação presentes na sociedade.

O trabalho torna-se fonte e vislumbra contribuir com a História da Educação acerca das questões relacionadas à diversidade com foco na desconstrução de estereótipos racistas e homofóbicos, contribuindo para a construção de novas relações na busca de uma sociedade plural, multicultural¹⁶ e democrática, haja vista que a homofobia e racismo se caracterizam por expressões de repulsa, desprezo e ódio que se manifestam por meio da violência verbal e física.

Trazer para uma pesquisa a H.O como metodologia simboliza discutir questões contemporâneas relacionadas às memórias individuais e/ou coletivas que versem a construção da identidade subjetiva e objetiva quando esta construção estiver relacionada a história de uma comunidade. De todos os temas relacionados a contemporaneidade e globalização, trabalhar com as memórias passa ser central nesta discussão, haja vista que está diretamente ligada a formação identitária do sujeito, perguntas elementares como: quem sou? A que comunidade pertencço? Nos convida a pensar historicamente na formação do ser. Na perspectiva de Zygmunt Bauman (2001) e a ideia de mundo líquido, as concretudes do ser moderno acabam se desfazendo, pois, ao mesmo tempo que somos brasileiros/as, somos alfabetizados/as ... ou seja, somos de tal forma pertencentes a várias comunidades que nos encaixamos em várias situações estereotipadas e, com isto, nos tornamos também seres humanos líquidos.

A velocidade dos acontecimentos, a relatividade das relações que antes, eram estáveis, tudo contribui por se diluir e, na verdade, desfazer-se em águas. Assim, as nossas identidades são fragmentadas e, com elas, nós passamos também a pertencer a muitas comunidades, conhecidas como polos identitários.

¹⁵ Umbanda é uma **religião afro-brasileira** formada através de elementos de outras religiões como o catolicismo ou espiritismo juntando ainda elementos da cultura africana e indígena.

¹⁶ O multiculturalismo é a **convivência pacífica de várias culturas** em um mesmo ambiente. É um fenômeno social diretamente relacionado com a globalização e as sociedades pós-modernas.

Nunca a história foi tão convocada a dar respostas, quanto mais nós nos esvaziamos de referenciais exatos, mais precisamos fazer questionamentos. Neste viés encontra-se a polarização entre duas situações: o que é memória e o que é história? E são coisas absolutamente distintas, ainda que ligadas em seus objetos de busca, pois, o desejo de ambas são de qualificação das identidades e das comunidades.

Mas em que a memória difere-se da história? A resposta vem da relação que a memória tem com a lembrança e o esquecimento, ela não passa apenas por questões naturais, mas também pela vontade de lembrar ou esquecer de fatos do passado, pois, em seu uso ideológico, tem o papel de inventar, ocultar e manipular desejos, sentimentos e anseios. Assim, cabe-nos a produzir as lembranças para que não haja o esquecimento, muitas vezes para servir de parâmetro para que os fatos não se reproduzam, outras, para celebrar e buscar para que o fato memorado sirva de referência. Isto não ocorre apenas na História Social, mas também, na história de vida de cada um de nós.

Mas o que é História Oral? Fazer H.O é trabalhar com o tempo presente, pois implica a percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e, cujo processo histórico não está acabado. É uma forma de captação de experiências pessoais de sujeitos dispostos a falar sobre aspectos de sua vida mantendo um compromisso com o contexto social, cujas narrativas servirão como fonte de documentação histórica para reflexão social por meio do resgate das memórias, bem como para a ampliação do conhecimento sobre o passado, tomando como ponto privilegiado as análises dos relatos de S.R.A.

Diante do exposto, conforme já descrito na parte introdutória do trabalho, ao observar as dificuldades diárias em que nós, sujeitos sociais, reproduzimos e produzimos comportamentos de preconceito social e racial, superar estas dificuldades demanda uma percepção e um novo posicionamento perante as diferenças, que rompam com as abordagens etnocêntricas e heteronormativas. Para tal, propor uma reflexão mediante a interação entre as pessoas, problematizando os processos sociais que se originam, faz da H.O a metodologia mais assertiva para esta análise, pois, a intenção é sinalizar, por meio das memórias, os espaços do segredo, do silêncio e da vergonha, dentro e fora das entidades educativas, de modo a contribuir para a transformação da realidade

Ser negro e homossexual potencializa as dificuldades de inserção e aceitação social, a sexualidade é uma construção social histórica. Segundo Louro, “através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas” (2007, p. 11).

As transformações sociais e o processo de ascensão que o Brasil viveu nas últimas décadas, contribuiu para o surgimento de reivindicações em todas as esferas sociais, encabeçadas por minorias étnicas e raciais, com necessidades especiais, de diferenças sociais e culturais, gênero e orientação sexual. Baseando-se nessas minorias que nos instiga o interesse em fazer História Oral de Vida de um sujeito que experienciou, em sua trajetória, parte destas singularidades, pois, S.R.A nasceu em família de baixa renda, filho de uma dona de casa e pai barrageiro¹⁷.

Na perspectiva de Meihy e Holanda (2015), a história oral se classifica em três gêneros: história oral de vida; história oral temática; e tradição oral. A partir destas concepções, podemos elucidar que a H.O.V é o relato de um/a narrador/a sobre sua existência ao longo do tempo, com mais autonomia para que possa dissertar, o mais livremente possível, sobre suas experiências pessoais e suas subjetividades:

No caso da história oral de vida, o que a distingue é exatamente os suportes probatórios. As incertezas, descartabilidade da referiação exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais úteis à História. Em particular, a história de vida se espraia nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções. [...] Porque as histórias de vida são decorrentes da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala. Isso talha a essência subjetiva da história oral de vida. (MEIHY, 2015, p.34-35; HOLANDA, 2015, p. 34-35)

Sobre a História Oral Temática, podemos concluir, que é uma narrativa mais objetiva, haja vista que as narrativas se revelam em torno de uma temática central, para Meihy e Holanda (2015, p. 35):

No caso da histórica temática, contudo, a existência de um foco central que justifica o ato da entrevista em um projeto, recorta e conduz a possíveis objetividades. Por lógico reconhece-se que a objetividade absoluta não existe, mas há recursos capazes de limitar devaneios e variações. Uma das práticas decisivas na diferenciação entre história oral de vida e história oral temática é a existência de um questionário [...]; em história oral temática, o que deve presidir são os questionários, que precisam estabelecer critérios de abordagem de temas. As perguntas e respostas, pois, são partes do andamento investigativo proposto.

Sobre a tradição oral, reflete-se em relatos de fatos onde o/a narrador/a presenciou ou sobre as quais detem informações, focaliza na permanência de mitos e na visão de mundo

¹⁷ O homem chamado de "**Barrageiro**", é uma espécie de profissional nômade, pois acompanha as grandes obras de construção pelo Brasil e pelo mundo afora.

de comunidades, cujos valores, são filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto, que se manifestam no folclore e na transmissão geracional. Meihy e Holanda (2015, p. 35) afirmam:

Tradição oral, por ter predicados únicos, por se assentar com bases na observação e se trabalhar com elementos da memória coletiva, não se encaixa na discussão sobre entrevistas. Ademais, a tradição oral depende de entendimentos entre os fundamentos míticos, rituais e vida material de grupos. A soma dessas balizas constitutivas demandam trabalhos profundos em que a observação dirige as entrevistas de maneira a submeter a narrativa a uma prática expressa.

Destarte, ao observar S.R.A como um sujeito social, considerando os aspectos econômico, cultural e político é necessário salientar o essencial diálogo com outras ciências, não só a antropologia, mas da Nova História Cultural e da Micro história afins de auxiliarem nesta pesquisa. Segundo Burke (2008), a NHC é um novo paradigma da historiografia e enfatiza os sentimentos e suposições de seus objetos de pesquisa, pois, não é uma teoria que contribui apenas no campo historiográfico, mas também para os trabalhos no âmbito educacional: “nas últimas décadas, três grandes tendências influenciaram decisivamente o campo da História da Educação, com sua contribuição para renová-lo: a história cultural, a história social e a micro história” (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 32).

Nesta perspectiva, este trabalho visa estabelecer esses princípios da NHC, utilizando a história oral, pois é importante destacar:

A história oral dá visibilidade aos estudos culturais, as estruturas sociais e aos processos históricos [...] O indivíduo representa a realidade como mosaico em que há pedaços diferentes, contudo, quando reunidos, busca-se a coerência entre fatos e a possibilidade de compreender transformações de uma época, das quais esses indivíduos foram atores ou testemunhas. (CARVALHO, 2007, p. 23).

Em se tratando da H.O método ou metodologia de pesquisa, três períodos lineares contribuem para sua compreensão. Na década de 50, a H.O era utilizada apenas com o único objetivo de compilar materiais para futuros historiadores, no decênio seguinte, ampliando a sua concepção, ficou marcada pelo surgimento de uma ideologia ambiciosa, haja vista que extrapolava a simples junção de documentos. Neste período, pesquisadores atreveram-se a fazer outra história, constituída por meio de narrativas de um povo “sem história”, sujeitos estes categorizados como marginais, operários/as, negros/as, homossexuais e mulheres de todas as classes sociais, neste viés, a H.O toma forma com um novo caráter: político e militante, e passa a ser utilizada fora das academias (noutros segmentos).

A partir da década de 70, conhecido como terceiro período, ela ganha espaço para discussões nos encontros organizacionais de âmbito internacional, envolvendo países como Brasil, Inglaterra, França, Espanha, entre outros da América Latina. Mesmo com toda resistência em seu uso como método e futura fonte de pesquisa, é consenso que, em qualquer época, fazer H.O, em sua gênese, significa dar voz a sujeitos que encontram-se fora da imagem heroica e acontecimentos midiáticos, ou seja, produzir um documento por meio de relatos destes indivíduos significa valorizar suas trajetórias de vida, memórias e biografias¹⁸. Para discutir a relevância da H.O e contribuições para a História da Educação e outros campos da ciência, alguns autores servem de referência para tais análises. No âmbito internacional, temos Thompson (2000); Pollack (1992); nacionais podemos citar Alberti (1990, 1997); Amado e Ferreira (1996); Bosi (1999); Freitas (2002); Meihy e Holanda (2015).

Nessa relação entre pesquisador e colaborador é que desenvolve-se o trabalho, neste caso, o colaborador deve ter participação voluntária, mesmo sem identificação (consenso nosso) em que seja estabelecida uma situação de diálogo e confiança para que haja uma troca de conhecimentos e o pesquisador, o estímulo da conversa para criar possibilidade de a memória fluir.

[...] para o historiador (...) em particular, não existem fatos importantes em si, que precisam ser revelados “do a quem doer”; além disso, o que lhes interessa não é o inusitado por ele mesmo. Também sua forma de encarar a verdade é – ou deveria ser – mais sofisticada, e tensionada, do que aquela própria do senso comum, limitada à factualidade imediatamente apreensível. [...] Respeito pelo personagem biografado – no sentido de compreendê-lo em sua historicidade e não como uma celebridade a ser desnudada – e respeito pelas regras, historicamente construídas, do ofício de historiador: tais me parecem ser os parâmetros mais importantes desta ética (SCHMIDT, 2009, p. 24-25)

A base da História Oral é o depoimento gravado e, portanto, os elementos que constituem essa construção se baseiam no pesquisador/a, pesquisado/a e os instrumentos necessários para o registro/gravação que pode ser de som e imagem ou apenas o som. As entrevistas constituem um processo de diálogo no qual, o sujeito, é a principal fonte dos dados e, ao contar suas experiências, o/a entrevistado/a seleciona e organiza os acontecimentos de acordo com seus referenciais do tempo presente, imprimindo-lhes um sentido e transformando em linguagem aquilo que foi vivenciado. O processo de gravação e registro ocorre por meio de um roteiro amplo e abrangente, elaborado pelo/a pesquisador/a, com vistas a construção de

¹⁸ **Biografia** é a história escrita da **vida** de uma determinada pessoa. Biografia é a descrição dos fatos particulares da vida de uma pessoa, podendo conter fotos que testemunham os acontecimentos. É um documento que consta a trajetória de vida de uma pessoa, com dados precisos, incluindo nomes, locais e datas dos principais acontecimentos.

sua fonte para, posteriormente, estabelecer uma análise reflexiva por meio da entrevista transcrita de forma absoluta¹⁹ e, sequencialmente, textualizada/lapidada²⁰.

Questões como trajetória escolar, familiar, orientação sexual, convívio social e cultural foram abordadas nas seções de entrevista de modo casual, ou seja, sem perguntas diretas. O não uso de questionários contribuiu para uma maior liberdade ao colaborador na narrativa de sua história a partir de sua personalidade e liberdade para se expressar de modo confortável e com confiança, haja vista que o objetivo é compreender a articulação da memória e a experiência do sujeito.

[...] fica claro que o estímulo existe durante todo o processo, afinal é para o oralista que a entrevista precisa ser dada, é entre oralista e colaborador que se dará o diálogo e não há incoerência entre o voluntarismo e o estímulo, pois o que teremos é o resultado de um processo transcriativo, que se inicia desde a elaboração de um projeto até a recepção pública das narrativas. (HOLANDA, 2006, p. 31).

Para Burke (1992), por meio das produções de historiadores da Nova História Cultural, sinalizou-se a necessidade de reunir-se fontes inovadoras que dessem conta do conhecimento historiográfico da realidade em ascensão. Neste viés, recuperar a memória de sujeitos, especialmente tratando-se de um grupo socialmente excluído (negros/as e homossexuais, lésbicas, e outros membros do grupo LGBT) e que defronta diversas formas de opressão e coersão, é de suma relevância para o mundo acadêmico/científico. Não trata-se apenas de um círculo pouco investigado historicamente, mas de indivíduos segregados para atender interesses de um grupo hegemônico situado em uma época, sendo assim, ouvir esses sujeitos significa desvelar e/ou contrapor ideologias e valores implícitos em documentos já produzidos, haja vista que, segundo Carlos Bacellar (1997) não há neutralidade em documentos já produzidos, sempre carregam a subjetividade da pessoa ou órgão que o concebeu.

O trabalho com história oral vem despertando interesse no mundo acadêmico pelo resgate e valorização da oralidade como fonte de pesquisa. Há quem defenda, por permitir a releitura do passado em diferentes ângulos dando voz a sujeitos desconsiderados historicamente, mas há também quem a critique devido ao elevado grau de subjetividade,

¹⁹ Transcrição é o conceito-chave da obra de Meihy e Holanda (2015, p. 140). Na transcrição absoluta, segundo os autores, coloca-se as palavras ditas em estado bruto, ou seja, perguntas e respostas são mantidas, bem como repetições, erros e palavras sem peso semântico.

²⁰ Textualização, na obra de Meihy e Holanda (2015, p. 142) é a fase em que se eliminam as perguntas do/a entrevistador/a, retirando os erros gramaticais e rapara-se as palavras sem peso semântico.

principalmente pesquisadores com ideologias positivistas²¹ que reconhecem apenas o conhecimento científico como verdadeiro.

Segundo Thompson (1992, p.89) o criador da H.O foi Allan Nevins, um historiador da Universidade de Columbia, quando resolveu utiliza-la como técnica para gravar as memórias de personalidades da elite norte-americana. O que propomos nesta pesquisa é contrapor a memória das elites registradas nas bibliografias tradicionais, escritas por intelectuais, em momentos históricos distintos. Utilizar a H.O como procedimento metodológico buscará, através da narrativa, reinterpretar o passado em suas múltiplas dimensões.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula a professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Leva a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ela ajuda os menos favorecidos, principalmente os idosos, a conquistarem dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. É para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a um determinado lugar e determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente à sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história. (THOMPSON, 1992, p. 44)

Na visão de Gonçalves e Lisboa (2007) a história oral tem caráter multidisciplinar, pois permite a relação entre diferentes vertentes curriculares e, na pesquisa proposta aqui, traremos um diálogo constante entre História, Educação e Antropologia, haja vista que a perspectiva é compreender a complexidade sociocultural na atualidade.

O método da história oral, em suas vertentes histórias de vida, narrativas, trajetórias de vida, requer o uso de fundamentos epistemológicos, isto é, o pesquisador deve orientar-se através de pressupostos que delimitam o entendimento sobre o uso de procedimentos metodológicos em questão, que por sua vez definirão o caráter de investigação social. (GONÇALVES, 2007, p. 86-87; LISBOA, 2007, p. 86-87).

Mesmo com a importância de se oportunizar aos sujeitos marginalizados socialmente e historicamente, falar sobre suas experiências de vida, ainda há resistência em reconhecer a história oral como fonte, mesmo se tratando de resgate de memórias, principalmente quando estas desarticulam interpretações equivocadas das fontes já produzidas, seja elas em documentos históricos ou bibliografias. O que ainda não se reconhece é que qualquer tipo de fonte é passível de compreensão subjetiva, dar voz às

²¹ O positivismo inaugura a ideia de história oficial, tendo como base a exaltação dos fatos que, por meio de uma investigação concreta, atingiria a verdade da pesquisa, que, por sua vez, jamais seria questionada. No campo da história, essa teoria era praticada pela Escola Metódica.

memórias significa romper com as interpretações lineares dos fatos, recolocando os sujeitos na história de modo a recuperar o contexto histórico de suas vivências, permitindo transpor o passado para o presente e, o mais importante, analisar as mudanças sofridas no decorrer do tempo.

Empenhar-se na análise de memórias permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pela memória o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com percepções imediatas, como também empurra, desloca essas últimas, ocupando o espaço da consciência. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 46)

No processo de análise foram utilizados conceitos de narrativa, memória, e esquecimento que:

É sempre e inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões. Portanto, como discurso em eterna elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si. Convém lembrar que por mais parecidas que sejam as narrativas dos mesmos fatos, todas as vezes reditas carregam diferenças significativas. (MEIHY, 2002, p. 50)

A opção em utilizar a H.O como metodologia para a pesquisa em questão pautou-se na perspectiva de poder dialogar entre diferentes áreas, não só na História por se tratar de uma pesquisa histórica, mas também da antropologia e etnografia por se tratar de uma história que envolve a cultura afro-brasileira, ciências estas que trazem para a temática um amparo teórico e cultural que permite interpretar e compreender os relatos do sujeito e sua história de vida.

É necessário que as fontes deem conta, na medida em que dizem respeito a fenômenos culturais-étnicos específicos, das diferentes interferências culturais que atuam nos fenômenos e fundamentaram as atitudes dos agentes sociais diante dos outros, assegurando uma dada continuidade ou natureza dos processos de aculturação internos ou externos. (VAINFAS, 1997, p. 326)

A valorização das representações do imaginário social e da compreensão dos usos políticos do passado pelo presente promoveu uma reavaliação das relações entre história e memória e permitiu aos historiadores repensar as relações entre passado e presente e definir para a história do tempo presente o estudo dos usos do passado. A história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado, assim, é possível revisitar o passado por meio de uma avaliação crítica das documentações, com novos enfoques, por meio de um processo de

parceria entre pesquisador e pesquisado, bem como uma análise dialógica entre a fonte oral e a escrita.

A entrevista de forma semiestruturada oferece flexibilidade e liberdade de improvisar, oportunizando-nos questionar e esclarecer as dúvidas e inquietações sempre que achar viável, permitindo também ao entrevistado expor suas angústias e anseios. E as razões para o uso da H.O sempre evocam a possibilidade de fazer uso de múltiplas expressões que servem de comunicação entre sujeitos históricos e suas relações sociais:

A abordagem metodológica escolhida para o desenvolvimento deste estudo, de caráter qualitativo, foi a História Oral, metodologia que privilegia os testemunhos não escritos, as fontes não hegemônicas e, ao mesmo tempo, dialoga com uma multiplicidade de fontes escritas, visuais e inclusive as oficiais. (PEREIRA, 2008, p. 162).

Os registros gravados por meio de recursos tecnológicos são as emoções, sentimentos, a memória viva do sujeito que fornece em seus depoimentos por meio de lembranças pessoais. Através das narrativas, é possível obter uma visão mais complexa sobre sua visão de mundo e o grupo ao qual pertence. Thompson (2002, p. 197) diz que “Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta”.

A opção por este tipo de metodologia propicia ao historiador (a) a integração de diferentes práticas. Na tarefa de se produzir o conhecimento histórico, a reflexão teórica e o trabalho empírico se torna rico e atual e por meio do vínculo interpessoal o processo de produção científica transforma o pesquisador em quem ele sempre pretendeu ser: um historiador.

O maior desafio para este tipo de pesquisa é manter o distanciamento subjetivo e conseguir mediar o diálogo de forma a mobilizar as memórias mais ocultas do sujeito entrevistado, mobilizando seus pensamentos de modo a retirá-lo da zona de conforto levando-o a um conflito interno no momento da reflexão dos dados, sem estabelecer julgamento do passado e enaltecer o presente, pois o trabalho com este tipo de fonte é o de focar num estudo contemporâneo e que ofereça uma análise entre o ontem e o hoje, principalmente quando se trata de temáticas que abordam a diversidade em suas diferentes faces.

Na perspectiva de ouvir o sujeito e compreender o processo de (trans) formação de sua identidade, as narrativas não devem aparecer apenas como apêndice ou anexo do trabalho, devem ser articuladas nos diferentes contextos históricos para que se possa apoiar-se

na fusão entre o individual e o social, expressões subjetivas e informações objetivas, articulando-as de forma dialética e dialógica, buscando as relações entre as culturas e suas transformações no tempo e no espaço, ou seja, é situar o tempo passado no tempo presente, refletindo e analisando os fatos históricos pelos diferentes olhares, de quem escreveu a história e de quem vivenciou o lado mais oculto e desconhecido.

A H.O traz consigo uma nova forma de compreender o passado e pensar a sociedade contemporânea por uma nova perspectiva, é compreender a macro história através da micro história. Produzir H.O é um processo sistemático, contínuo e dialógico, que envolve a relação entre pesquisador/a e sujeito que, apesar de resultar numa narrativa carregada de subjetividade, remete-se a uma problemática coletiva, muitas vezes velada pela sociedade elitizada.

A que garante unidade e coerência às entrevistas enfileiradas em um mesmo conjunto é a repetição de certos fatos que, por fim, caracteriza a memória coletiva. A observância em relação à pessoa em sua unidade, contudo, é condição básica para se formular o respeito à experiência individual que justifica o trabalho com entrevista, mas ela vale no conjunto. Neste sentido, a história oral é sempre social. Social, sobretudo porque o indivíduo só se explica na vida comunitária. Daí a necessidade de definição dos ajustes identitários e culturais. (MEIHY, 2015, p. 28; HOLANDA, 2015, p. 28)

Trabalhar com H.O em um projeto de pesquisa busca ressignificar as memórias relativas à vivência de intolerância religiosa, preconceito racial e de orientação sexual no espaço escolar, as particularidades presentes nas experiências do indivíduo diferenciadas pelo gênero, classe, cor, nível social e profissional, neste contexto, o gênero da história oral selecionado para tratar de tal problemática trata-se de uma história de vida, trazendo para o contexto atual temas “supostamente” superados socialmente, porém, velados e circulantes na sociedade tal como no passado colonial, pois, segundo Seixas (2001, p. 51):

A memória age “tecendo” fios entre os seres, os lugares os acontecimentos (tornando alguns mais densos em relação aos outros), mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como “realmente” aconteceram. Atualizando os passados – reencontrando o vivido “ao mesmo tempo no passado e no presente” –, a memória recria o real; nesse sentido, é a própria realidade que se forma na (e pela) memória.

Para gravar e registrar as entrevistas foram necessários vários encontros, haja vista que a “memória é um fenômeno construído” (POLLAK, 1992, p. 4), pode ser consciente ou não a sua construção e é o colaborador, por intermédio do/a pesquisador/a, quem irá organizar

o que dizer e a sequência dos fatos narrados. Assim sendo, os variados momentos entre pesquisador/a e entrevistado vão afunilando os laços e o que a memória organizou.

1.2 História de Vida: Memória e Subjetividade

A nossa proposta ao pensar em utilizar a história oral como metodologia para a pesquisa, é pensar e compreender o cotidiano através da memória, considerando o saber histórico já constituído, porém, revisitando o passado com uma nova perspectiva, reconstituindo a evolução do comportamento humano mediante situações conflituosas presentes no cotidiano escolar, como o preconceito de raça, orientação sexual e intolerância religiosa, num espaço que deveria ser de informação e formação de sujeitos.

Meihy e Holanda (2015) classifica a História Oral em três tipos, porém, a ramificação escolhida foi da história de vida que, além dos fatos, admitem fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções que enriqueceram o trabalho de pesquisa.

Por uma ou outra via, contudo, tem-se um leque de aceitação enorme, que tanto permite aos leitores de literatura como os estudiosos da área de humanidades e mesmo ciências clínicas se aproximarem das histórias de vida. Nessa direção, o acréscimo de “oral” às histórias de vida é um ganho permitido pela junção de aparelhagem eletrônica com os procedimentos que se enfeixam nos critérios da investigação em história oral. (MEIHY, 2015, p. 37-38; HOLANDA, 2015, p. 37-38).

A memória é um importante material à construção de uma história velada ainda subterrânea, pois estas não se alinham com a imagem que a sociedade dominante majoritária deseja revelar. Geralmente tais acontecimento circulam apenas no quadro familiar, redes de sociabilidade afetiva e cultural que, só se tornam acessíveis por meio da história oral e, neste caso, buscamos ordenar os acontecimentos por meio da memória individual de S.R.A.

Mesmo a memória sendo algo individual, elas se constituem e são indissociáveis da organização social da vida, visto que a função social da memória é definir e reforçar sentimentos de pertencimento, ora individual, ora coletiva.

Para um historiador/a, como para pesquisadores/as de outras áreas, trabalhar com histórias de vida traduz mergulhar-se no universo da micro história, ou seja, é direcionar-se na perspectiva de olhar o individual para o geral. Na vida de todos os dias, na busca de memórias vividas em determinado espaço e tempo, compreender o contexto histórico do passado e dialogar com o presente, é neste movimento espiral que o/a historiador/a encontra a chave de

entendimento do conhecimento produzido, considerando as relações sociais que se deram e como se constituíram.

O campo da memória se construiria, dessa maneira, a partir dos acontecimentos e dos fatos que também se transformam em elementos fundantes da história. Mas, enquanto a memória resgata as reações ou o que está submerso no desejo e na vontade individual e coletiva, a história opera com o que se torna público, ou vem à tona da sociedade, recebendo todo um recorte cultural, temático, metodológico a partir do trabalho do historiador. (MONTENEGRO, 2001, p. 20)

Invadir a memória de um sujeito é remeter-se a uma série de questões, pois, a identidade é a construção do que nos tornamos e do que não os tornamos. Destarte, para se produzir uma História Oral de Vida a subjetividade²² torna-se protagonista deste movimento, ou seja, diferente da produção da história através da história, por meio de documentos já produzidos, fazer história por meio da história oral significa escrever por meio das emoções: choros, desabafos, sorrisos. É a manifestação da subjetividade, onde o sujeito que narra, se coloca no tempo passado estabelecendo juízo de valor e, neste momento, faz conexões, representações e discute o imponderável, isto é, é o sujeito atuante na história.

A narrativa da memória de S.R.A representa diversos grupos minoritários da sociedade, a população LGBT, iniciantes e simpatizantes das religiões afro-brasileiras e que, neste caso, se identificam com tais lembranças, pois a pesquisa se tornará pública não só no espaço acadêmico, mas à toda sociedade, o que trará à tona discussões que poderão contribuir para a desconstrução de discursos e ações de preconceito para com esses grupos.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou Estado desejam passar e impor. (POLLAK, 1989, p. 8).

No que se refere a subjetividade e sua relação na constituição de uma história de vida, Gonçalves e Lisboa (2007, p. 87) afirmam que: “[...] trabalhar qualitativamente significa dar conta de entrelaçar a dimensão pessoal e subjetiva com a estrutura social. [...] Cada sociedade é uma maneira de fazer o tempo, de construir o tempo. É na sociedade que o indivíduo torna-se sujeito”.

²² Subjetividade é o processo de constituição do sujeito em sua interação histórica, na sua história de vida e relações sociais.

Para Santos (2008, p. 9), uma narrativa baseada em memórias “é uma forma de superar esquecimentos, de reelaborar significações e (re) estabelecer relações com o passado, permitindo aprender a dinâmica da própria sociedade”.

Na perspectiva de Viñao (1999, p. 83-84), a memória é tão seletiva quanto o esquecimento:

Onde acaba a ficção e onde começa a realidade? Como se entrelaçam ambas na memória? Quais são os limites ou indicadores aos quais recorrer, em cada caso para elucidar se estamos diante de uma autobiografia romanceada, mais ou menos imaginária, ou uma novela com elementos autobiográficos? [...] Todos, sem exceção, recriamos o passado e mesclamos recordações e esquecimentos. A memória não é um espelho, sim um filtro, e o que sai através deste filtro, não é nunca a realidade mesma, sim uma realidade sempre recriada, reinterpretada e, às vezes, inclusive, consciente ou inconscientemente imaginada até o ponto que pode chegar na mente daquele que recorda, a substituir, com vantagens, o realmente acontecido.

Ainda falando da importância da memória para a construção da pesquisa com a História de Vida de nosso sujeito, reportando-nos às ideias de Le Goff (1996), o qual mencionou em suas pesquisas a relevância da memória nas narrativas de vida de professores/as nos estudos sobre a abordagem histórica da memória como fonte do passado no presente; Pollak (1992) que contribuiu com pesquisas versando sobre memórias e identidade social; e Ecléia Bosi (1994) que reforça a influência dos grupos sociais na formação das memórias. Neste viés, podemos afirmar que a memória é a chave à interpretação da subjetividade.

Ao se falar e pensar em história, a palavra em si já nos remete a fatos já evidenciados e registrados em fontes documentais e bibliográficas, fatos estes que ocorreram num determinado tempo e espaço e, muitas vezes, registrados por grupos elitizados e com interesses políticos implícitos ou explícitos em cada palavra e/ou imagens.

Tornar-se sujeito não é somente o crescimento do poder físico, do poder do corpo; é também o reconhecimento da valorização de uma imagem. É, portanto, o jogo dos modos de subjetivação que fazem e desfazem a identidade, tecendo outro, desmontando e remontando os dados que definem o campo dos possíveis, agenciados, além disso, o direito e a capacidade, o texto e a realidade, as palavras e os corpos. (CARDOSO, 1997, p. 272; VAINFAS, 1997, p. 272).

Na história de vida as questões subjetivas são fatores primordiais para compreender os diferentes processos na construção desta identidade e, buscar, nas fontes históricas já produzidas, uma nova interpretação do conhecimento constituído, reformulando-o e ressignificando-o, de modo a produzir um novo olhar sobre a história pelos diferentes grupos sociais.

Quando paramos para olhar o cotidiano, é comum tentarmos buscar, nos registros históricos, desvendar lacunas do presente de problemas que, teoricamente, deveriam ter sido superados no passado. Podemos exemplificar esta afirmação com inúmeros registros de casos relacionados a comportamentos preconceituosos e de ordem social para com sujeitos da raça negra e homossexuais, ao invés de serem superados são reproduzidos pela sociedade mesmo que de forma velada.

Buscar na memória lembranças “não ditas” (POLLAK, 1989, p. 8) de um passado tão presente no cotidiano é desafiar e desconstruir, a todo momento, um saber histórico supostamente já constituído, é permitir-se mergulhar no universo sociocultural em contextos e momentos históricos diferentes, pois, falar de história oral no Brasil é uma forma de afirmar a democracia, haja vista que veiculará opiniões diferentes e divergentes aos interesses políticos da sociedade elitizada e capitalista.

[...] a memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre num meio dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. (PORTELLI, 1997, p. 16).

Optar pela história de vida para tratar questões cotidianas como preconceito e racismo permite-nos manusear uma dupla linguagem, que articula a verdade singular do sujeito e uma verdade estrutural, fazendo-nos contrapor, a todo momento, nossa própria subjetividade, pois, manter o distanciamento de nós mesmos é o grande desafio da pesquisa em história oral.

[...] em História Oral o entrevistado é considerado, ele próprio, um agente histórico. Neste sentido, é importante resgatar sua visão acerca de sua própria experiência e dos acontecimentos sociais dos quais participou. Por outro lado, a subjetividade está presente em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas ou visuais. (FREITAS, 2006, p. 44).

Para Meihy e Holanda (2015, p. 37) “ a história oral tem vocação a valorizar o indivíduo em detrimento do exclusivismo da estrutura social”, portanto, a história oral de vida foge do senso comum por se tratar de histórias carregadas de subjetividades, não porque outras metodologias sejam banais ou desqualificadas para tratar tal temática, mas é porque é conhecimento construído de forma compartilhada entre sujeitos – pesquisador e pesquisado – por meio de uma interação social resultante dos processos de entrevistas, que segundo

THIOLLENT (1982, p. 86) “ o entrevistador se mantém numa situação flutuante que permite estimular o entrevistado a explorar o seu universo cultural, sem questionamento forçado.”

Neste viés, pautamo-nos em entrevistas com questões semiestruturadas nos eixos temáticos relacionados a infância, escolarização, vínculo religioso, relação familiar, orientação sexual, atuação profissional, entre outros. Assim, construímos a história de vida de nosso sujeito que, por sua singularidade e subjetividade encontra-se fora dos padrões eurocêntricos e heteronormativos, padrões estes criados pela sociedade ao longo dos tempos, baseando-se na ideologia cristã imposta como verdade e que encontram-se arraigadas na sociedade brasileira.

Embora o coletivo esteja sempre presente na memória individual, a sensibilidade e empatia é um fator determinante na construção da narrativa da história de vida, pois a medida que o tempo passa, o distanciamento das lembranças é fato comum até como mecanismo de defesa para buscar o esquecimento, ou seja, uma estratégia pessoais de gerir as próprias memórias.

1.3 A Contribuição da Antropologia e do trabalho do tipo etnográfico para a Construção da História Oral de Vida.

Para responder tantas questões em vista a superar o individualismo, a pesquisa nos subsidiou no sentido de traçar, delinear e delimitar o caminho a ser percorrido na defesa do direito, seja ele na identidade de gênero ou no âmbito das reflexões teológicas, na busca pela validade da laicidade do Estado, haja vista que os Direitos Humanos são desconsiderados, violando o indivíduo em construção nos diferentes grupos étnicos.

O preconceito é um dos males do mundo e encontra-se presente em nossa cultura, apesar da humanidade ter percorrido um longo processo de desenvolvimento e evolução educacional, cultural e político ao longo dos tempos, com tal evolução, a diversidade e pluralidade cultural despertaram comportamentos preconceituosos que caminham, de forma concomitante com o desenvolvimento.

Conhecida como ciência da alteridade por analisar o ser humano em sua vertente social e sua relação de dependência com o outro, a antropologia se dedica, de forma complexa, ao estudo do indivíduo e traz consigo a possibilidade de dialogar com outras áreas do conhecimento, pois, ao pesquisar o ser humano e a forma como se relaciona e interage com o meio e com o outro, suas diferentes culturas e modo de viver em sociedade, outros conhecimentos são mobilizados e precisam ser ancorados em outras disciplinas, tais como a

própria história, geografia, filosofia, sociologia, língua portuguesa e, por se tratar também do próprio comportamento humano, até da psicologia. Nas análises de Peirano:

Pode-se argumentar, contudo, que o feedback entre pesquisa e teoria constitui o procedimento básico do conhecimento científico em geral, e que, para todas as ciências humanas, não existe fato social que independa da referência à totalidade da qual ele faz parte. No entanto, a pesquisa de campo antropológica, concebida como a procura incessante do diálogo com o outro, amplia e deixa mais explícitos esses pressupostos. Assim, o estranhamento passa a ser não só a via pela qual se dá o confronto entre diferentes teorias, mas também o meio de autorreflexão. (PEIRANO, 2004, p. 17)

O historiador que busca pesquisar sobre questões relacionadas a cultura de uma sociedade deve, a priori, familiarizar-se com os problemas de ordem conceitual e metodológico, bem como epistemológico abordados pelo campo da antropologia que hoje, em meio a sua evolução histórica, deixou de ver o sujeito como um mero meio de informação sobre a realidade cultural na qual o mesmo está inserido. Nesta nova perspectiva, a antropologia passa a considerá-lo, por meio das narrativas, um sujeito que (re) constrói sua realidade social e individual, sendo assim, em relação a postura tradicional, este campo da ciência atua deslocando a objetividade e a possibilidade de conhecer e interpretar a cultura do outro, cujo processo de conhecimento se dá, primordialmente, por meio do diálogo.

Com o auxílio da antropologia histórica, o cotidiano e a vida privada permitem ser analisados numa abordagem global, que atribui a cada ator e cada elemento da realidade histórica um papel no funcionamento dos sistemas que permitem a decifração desta realidade. A antropologia corresponde à necessidade de encontrar, no cotidiano e na vida privada, diferentes formas de transformação, de fazer seu inventário, de compreender seus mecanismos e afirmar a sua pluralidade. (CARDOSO, 1997, p. 270; VAINFAS, 1997, p. 270)

No caso da pesquisa em questão, por se tratar da história de vida de um sujeito afrodescendente cuja crença religiosa pauta-se nos princípios da cultura afro-brasileira, no caso a Umbanda, o apoio na antropologia se fez presente em todo momento junto ao conhecimento histórico, haja vista que a cultura de um povo não surge de um dia para o outro, ela se constrói e se solidifica ao longo de um processo histórico socialmente constituído, portanto, além das entrevistas para a constituição da história de vida, a busca por aporte teórico nos materiais bibliográficos que trouxessem para nosso trabalho melhor compreensão de parte da cultura negra, este cruzamento de fontes – oral e escrita – se fez primordial ao longo do processo.

Para um historiador dedicado ao estudo das relações entre os grupos étnicos, ou ao estudo das particularidades culturais da sociedade, a consideração deste caminho de mão dupla cultural apresenta algumas especificidades metodológicas interessantes. Como se trata de um estudo que busca discutir as interpretações culturais dos mais diversos tipos, simbólicos/espirituais, ou materiais, entre os povos e agentes sociais, termina-se por exigir um novo olhar problematizador sobre as fontes. É necessário que as fontes deem conta, na medida em que dizem respeito a fenômenos culturais-étnicos específicos, das diferentes interferências culturais que atuaram nos fenômenos e fundamentaram as atitudes dos agentes sociais diante de outros, assegurando uma dada continuidade ou natureza do processo de aculturação internos ou externos. (CARDOSO, 1997, p. 326; VAINFAS, 1997, p. 326)

A imersão no processo etnográfico realizado no centro de Umbanda, fundado pelo sujeito logo após seu rito de iniciação como Pai de Santo, foi de suma relevância no momento das análises das narrativas. Este trabalho não estava previsto no início da pesquisa, porém, se fez necessário para compreender os princípios que fundamentam a Umbanda, como ela se organiza e qual seu diferencial para com as outras crenças, considerando a religião como parte do contexto cultural sócio histórico. As narrativas e as leituras não nos satisfizeram, o trabalho de observação e “participação” nos cultos, trabalhos, oferendas e, até mesmo de resguardo e preparação espiritual foram enriquecedores à construção do todo.

O trabalho do tipo etnográfico aqui proposto, foi pautado na perspectiva da antropologia para compreender como a cultura umbandista se constitui e, para tal, o trabalho de campo foi fundamental para a elaboração de um conteúdo rico, complexo e qualitativo, realizado de forma intensa e participativa no intuito de ultrapassar o senso comum, pois, para Peirano (2004, p. 386):

A primeira e mais importante qualidade de uma boa etnografia reside, então, em ultrapassar o senso comum quanto ao uso das linguagens. Se o trabalho de campo se faz pelo diálogo vivido que, depois, revelado por meio da escrita, é necessário ultrapassar o senso comum ocidental que acredita que a linguagem é basicamente referencial. Que ela apenas “diz” e “descreve”, com base na relação entre uma palavra e uma coisa. Ao contrário, palavras fazem coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados. E palavras não são o único meio de comunicação: silêncios comunicam. Da mesma maneira outros sentidos (olfato, visão, espaço, tato) têm implicações que é necessário avaliar e analisar. Dito de outra forma, é preciso colocar no texto – em palavras sequenciadas, em frases que se seguem umas às outras, em parágrafos e capítulos – o que foi ação vivida. Este talvez seja um dos maiores desafios da etnografia – e não há receitas preestabelecidas de como fazê-lo.

Neste contexto podemos afirmar que, neste caso, a etnografia foi utilizada para explorar, analisar e coletar dados da Umbanda por meio da História de Vida narrada, pois, nas H.V.²³ o pesquisador se depara com uma dupla subjetividade: a de si mesmo que poderá

²³ H.V História de Vida

influenciar no momento da escrita e análise dos dados e a do próprio sujeito, portanto, o mais importante no processo de observação e entrevistas, manter o distanciamento e conter a subjetividade latente torna-se um grande desafio, a vivência ativa na pesquisa de campo contribui para a ruptura de paradigmas e para um reflexão imparcial da história narrada.

Neste ponto, destacamos a metodologia da História Oral como uma nova possibilidade, visto que, embora esta apareça como método e instrumento de pesquisa, não é utilizada como uma metodologia com suas especificidades e possibilidades. Outro ponto importante a se considerar é que nas pesquisas com foco na história de vida, temos como colaborador um docente negro, gay e pai de santo, não tendo, portanto, a presença de outras pessoas envolvidas para a produção da H.V Assim, definimos, portanto, a pretensão de investigar junto a este sujeito que atua na educação áreas distintas, suas trajetórias em meio ao ambiente docente e/ou escolar, bem como seu convívio em sociedade e sua religião, e o reflexo desse fator em outros âmbitos da sociedade.

Dessa maneira, o colaborador desta pesquisa, com suas memórias individuais referentes às suas vivências, sejam pessoais, sejam profissionais, compõem uma memória coletiva até então desconhecida por muitos, pois faz parte da nossa história, além de contribuir na compreensão dos aspectos culturais e sociais amparados na ciência da antropologia. As histórias de vida demonstram como a memória pessoal ou individual se constitui como parte da memória coletiva ou histórica, da mesma maneira que aspectos sociais que compõem a memória histórica da região se apresentam como auxílio na elaboração da memória individual do sujeito.

Entretanto, Ginzburg (2006, p. 20) pontua:

Porém, se a documentação nos oferece a oportunidade de reconstruir não só as massas indistintas como também personalidades individuais, seria absurdo descartar estas últimas. [...]. É claro que existe o risco de cair no anedotário, na famigerada *histoire événementielle* [...]. Contudo, trata-se de um risco evitável. Alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo – e justamente por isso representativo –, pode ser pesquisado como um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico. [...].

Por tratar-se da H.V de um sujeito negro, não podemos ignorar parte de sua história e, neste caso, suas práticas sexuais. Diante do exposto, analisando a prática homossexual entre negros/as, pode-se afirmar que poucos são os registros históricos que comprovam a prática homoerótica entre negros/as no Brasil por livre arbítrio, mesmo acostumados a casta pelas condições de vida que levavam, aqueles que se rendiam a sodomia praticavam-na nas senzalas dentro dos engenhos, justificando a escassez do sexo oposto. O

que mais marcou a vida sexual de negros/as no Brasil foi o abuso sofrido pelos senhores do engenho que exigiam manter relações sexuais com os mesmos havendo até registro de casos de estupros, principalmente para com os escravos do sexo masculino. Os atos aconteciam em lugares ocultos: matas, senzalas ... porém, os latifundiários com maior poder, sem temer ao julgamento do Santo Ofício, praticavam até debaixo de suas alcovas, na casa grande. Para Carmo, (2011, p. 62) “Alguns senhores foram denunciados por praticar o “nefando” tanto em negros quanto em negras. Foi o caso de Manuel de Souza Meirelles, nas Minas, acusado de sodomizar não só os moleques Antônio e Sebastião, como sua escrava Ana Maria”.

Neste contexto histórico conhecemos uma nação de diversidade étnico-racial, porém, com raízes de princípios eurocêntricos e heteronormativo, mesmo tendo uma população formada por grande número de diásporas e afro-brasileiros, multiculturalista, num estado considerado Laico, a ideologia cristã ainda se faz presente no processo de formação do ser humano e, onde a intolerância a cor e a cultura religiosa, parte do objeto de nossa pesquisa, é manifesta na sociedade contemporânea.

Ao se falar na construção identitária do indivíduo e sua orientação sexual, preconceitos e valores enraizados no comportamento humano interferem nesta construção a sociedade brasileira, em seu caráter uno, é algo de sérios questionamentos baseados no multiculturalismo que marca a formação social do país de diferentes grupos étnicos. De acordo com Lacan, o primeiro encontro com o processo de construção de um “eu”, por meio da visão do reflexo de um eu corporificado, de um eu que tem fronteiras, prepara a cena para todas as identificações futuras. Para Silva (2014, p. 96) “ Se prestarmos, pois, atenção a teorização cultural contemporânea sobre identidade e diferença, não poderemos abordar o multiculturalismo em educação simplesmente como uma questão de tolerância e respeito para com a diversidade cultural, pois compreender o multiculturalismo é entender que fazemos parte desta diversidade, visto que somos frutos de uma mistura de raças e, portanto, se somos intolerantes para com a raça negra, somos intolerantes consigo mesmo e com nossos antepassados”.

É importante salientar que a narrativa oral nos aponta as funções do sujeito em seu contexto social, que os elementos de ordem racial os colocam em uma relação de dupla identidade; terão que dialogar culturalmente em seu processo formativo para legitimar a identidade Por meio de Munanga²⁴ (2005), certificamo-nos que as identidades são dinâmicas

²⁴ Kabengele Munanga nasceu na aldeia de Bakwa Kalonji, no Congo Belga, membro do povo luba. Aos dez anos deixou a aldeia para estudar em outras cidades, em escolas coloniais católicas. Em 1964 ingressou no curso de Ciências Sociais da Universidade Oficial do Congo, em Lubumbashi, inscrevendo-se dois anos depois no recém-criado curso de Antropologia. Ao terminar a graduação em 1969, foi convidado para fazer mestrado

e dialéticas e, ao se constituir enquanto sujeito em constante relação com o outro, quando se trata da raça negra, estes indivíduos tornam-se interdependentes já entre si para criar seu espaço e, assim, ter sua identidade, que está em constante processo, principalmente quando este, além da cor da pele, sua orientação sexual foge dos padrões historicamente estabelecidos.

Nas análises de Munanga (2005, p. 15), este afirma:

Não precisamos ser profetas para compreender que o preconceito incutido na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado. O que explica o coeficiente de repetência e evasão escolar altamente elevado do alunado negro, comparativamente ao do alunado branco.

Os aspectos históricos são, portanto, fundamentais na busca e construção da identidade e compreensão da subjetividade humana e os estudos antropológicos são peças chave no entendimento do passado para transcender o preconceito do presente. Toda essa caminhada evidencia a luta e a reflexão produzida para o reconhecimento da livre orientação sexual, identidade de gênero e diversidade religiosa descritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

1.3.1 O trabalho de campo do tipo enográfico: relato de experiência.

O Brasil é um país de muitos, porém, de poucos. Quando dizemos muitos amparamo-nos na realidade de um país habitado por diferentes tribos indígenas, colonizado por europeus que, por sua necessidade de gerar riquezas, traficou negros africanos para escravizá-los e, após a abolição da escravatura, abriu os portos do país à imigração de diferentes povos vislumbrando mão-de-obra barata. Mesmo com essa realidade étnico-racial, sendo um país tão diverso entre culturas e costumes, sempre foi alvo de questionamentos os motivos de intolerância e preconceito ante a diversidade.

na Universidade de Louvain, na Bélgica. Kabengele voltou ao Congo para terminar sua tese, mas não pode concluí-la; o domínio político da ditadura da recém-criada República do Zaire sobre a universidade o impediu. Chegou ao Brasil por convite do professor Fernando Mourão, da Universidade de São Paulo, onde terminou seu doutorado e retornou ao Congo.^[1] Em 1980 estabeleceu-se no Brasil, para assumir a cadeira de Antropologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. No ano seguinte, muda-se definitivamente para São Paulo. Foi professor de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, vice-diretor do Museu de Arte Contemporânea, diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia e do Centro de Estudos Africanos da USP.

Como já exposto, o trabalho de observação e inserção na vida do S.R.A. iniciou desde constituição do projeto de pesquisa, já no primeiro semestre de 2017. Inserir-se na cultura de outrem não é tarefa fácil, haja vista que envolve anular ideologias próprias, bem como deslocar nossa subjetividade, redefinir conceitos e abrir os olhares para uma nova realidade.

Na concepção de que as boas situações de pesquisa advém das inquietações de nossas subjetividades, compreender as questões relacionadas a diversidade e como os indivíduos homossexuais e/ou negros defrontam o preconceito e o racismo é, sem dúvida, algo de interesse e relevância social. Neste viés, para compreender as particularidades de parte da cultura afro-brasileira, neste caso a religião Umbanda, que decidimos mergulhar no trabalho do tipo etnográfico para desconstruir os pré-conceitos e preconceitos que se tem acerca da doutrina. Diante do exposto, ao optar por esta fusão entre os métodos da História Oral de Vida e etnografia, método utilizado pela antropologia para compreender como uma cultura se constitui e fazê-lo de forma ativa e participativa, foi fundamental e de extrema relevância para o amadurecimento das concepções explanadas neste trabalho.

Assim como a maioria dos sujeitos que foram engendrados na ideologia doutrinária catolicista, a visão que tinha das religiões de matriz africana era imensamente negativa, cuja malignidade era predominância, ou seja, em minha ignorância toda crença cultuada pelos descendentes de escravos estavam relacionadas as forças do mal. A crença cristã moldou minha subjetividade inclusive à prática sexual e as questões de gênero, cuja única relação reconhecida e permitida era aquela praticada entre o homem e a mulher para fins de procriação, mesmo não sendo meu objeto da pesquisa, compreender a concepção de gênero e como ela se constitui se fez indispensável para constituir a escrita deste trabalho ao falarmos da orientação sexual de nosso sujeito.

Todas as seções de entrevista foram feitas no Centro de Umbanda fundado pelo sujeito S.R.A., lugar selecionado por ele logo em nosso primeiro contato, pois, segundo ele, é o local onde sentira-se mais à vontade para falar sobre sua trajetória. Logo na primeira seção foi possível compreender o motivos da escolha do local. Não é possível descrever em palavras a sensação experienciada naquele momento. Devido aos pré-conceitos sobre a doutrina, mesmo após várias leituras, a insegurança e medo eram os sentimentos iniciais ainda latentes, todavia, conhecer o ambiente e todos os rituais realizados eram primordiais para entender a cultura religiosa a qual o sujeito faz parte e, como consequência, trazer para o texto um material discursivo que fosse capaz de subsidiar a desconstrução de algumas ideologias socialmente construídas.

FIGURA 1: Altar com as imagens sincréticas dos Santos/Orixás da Umbanda



Fonte: Fotografada pela pesquisadora Ariane C. Xavier

Vale ressaltar ainda nesta experiência de pesquisa que, ao longo do processo a filha desta pesquisadora filha revelou-se bissexual, revelação esta que, sem dúvida, nos fez ir mais a fundo nas leituras e trabalhos científicos já realizados sobre as relações entre indivíduos do mesmo sexo e, conversar com o sujeito S.R.A sobre tal temática, discutir sobre situações de preconceitos e discriminações vivenciada por ele ao longo de sua trajetória trouxe subsídio teórico e discursivo para escrever sobre o assunto. É evidente que por ser heterossexual não seria capaz de descrever com propriedade as diversas situações de preconceito e discriminação vivenciadas por tais grupos socialmente excluídos, somente após muitas leituras e do processo de diálogo por meio das seções de entrevista foi possível propor algumas reflexões acerca do assunto. Neste pressuposto, a metodologia da História Oral de Vida tornou esta pesquisa tão rica em detalhes que subsidiarão a sociedade para novos olhares.

Em relação a cultura religiosa umbandista, observar o respeito que se tem com os orixás assentados no centro observado, no caso Ogum²⁵ e Yemanjá²⁶ (pai e mãe de cabeça) e o quarto de Oxalá²⁷ que, para entrar em seu aposento, apenas é permitido ao Pai de Santo

²⁵ Ogum é um dos principais Orixás adorados na Umbanda, estando presente em praticamente todas as vertentes da religião afro-brasileira. Ele é o Orixá guerreiro, que protege contra as guerras e as demandas espirituais negativas.

²⁶ Deusa das Águas e Rainha do Mar. Sincretizada com Nossa Senhora da Conceição, por haverem semelhanças, pois tanto Nossa Senhora da Conceição quanto Iemanjá possuem atributos de maternidade. Iemanjá é o orixá feminino mais popular do Brasil, e um dos mais reverenciados, tida como mãe de vários orixás. Também conhecida como Janaína, Inaê, e Princesa de Aioká (como os negros bantos chamavam o fundo do mar). Formosa e vaidosa, a deusa de cabelos longos e perfumados, gosta de receber flores, água de cheiro, pente e espelho.

²⁷ Mestre Jesus, O Cristo, Governador do Planeta Terra. Constitui o mais elevado estágio vibratório, o mais sublime Avatar já encarnado neste Plano. Simboliza Paz, Amor, Abrigo, Resignação, Dignidade, Consciência Cósmica, Harmonia Universal, o Exemplo Maior de Evolução. Deve ser invocado quando se busca abrigo no desamparo, consolação nas dores, iluminação nas incertezas, amor na solidão, paz nas aflições, asilo nos desesperos, apoio nas dificuldades, enfim, nas horas em que tudo parece perdido à nossa volta. Na Linha Branca de Umbanda e Demanda, Oxalá é sincretizado com Jesus Cristo. Esse sincretismo é uma herança do

fundador da casa, após banho específico de ervas, com roupa branca, descalço e após pedir permissão, sem dúvida foi uma das melhores experiências. O ritual de incorporação também me chamou muita atenção, os cânticos proferidos, as oferendas específicas para cada orixás e o que elas simbolizam para cada um, ofereceram um leque de conhecimento espiritual.

Ver a transformação do sujeito após a incorporação do Caboclo Boiadeiro, entidade a qual trabalha na casa, uma das falanges de Ogum e sua relação com o Cambono²⁸, vínculo este de respeito e ética para com os frequentantes da casa, nos fez adquirir um respeito e admiração muito grande pela doutrina, haja vista que, para participar de todos estes rituais, foi necessário pedir permissão ao guia, tomar os banhos de purificação antes das seções na casa, utilizar vestes brancas, fazer jejuns de sexo, bebida e alimentação, enfim, para ter a autorização do Boiadeiro, tivemos que nos submeter as suas exigências, porém, sempre foi muito claro que esta preparação não significava a iniciação na religião, mas sim um ritual utilizado por todos/as os/as filhos/as da casa. As participações foram realizadas em todos os rituais, inclusive nas duas rodas de gira²⁹, pois, segundo S.R.A, assim como no centro, precisamos nos colocar descalços, receber a defumação do pai de santo, mentalizar boas energias, entoar os cantos, ou seja, precisamos nos preparar para que o nosso corpo esteja apto a qualquer tipo de chamado espiritual.

FIGURA 2: Água de purificação e neutralização de energias negativas.

aculturamento sofridos pelos negros ao longo do período colonial. Uma associação ora forçada pelos Jesuítas na imposição da fé Cristã, ora um símbolo de resistência onde da imagem do Santo Católico, se cultuava os Orixás africanos (por isso as datas dos festejos dos Orixás, coincidem com as dos Santos Católicos).

²⁸ O termo “cambono” ou “cambone” tem origem angolana, “Kambono” e são as pessoas que não entram em transe mediúnico, exercendo diversas atividades e responsabilidades dentro de um ritual sagrado. Portanto, este termo já era bem conhecido antes do surgimento da Umbanda, e utilizado pelos cultos de origem afro. Posteriormente foi absorvido pela religião de Umbanda para designar os “obreiros” (trabalhadores, auxiliares) dos guias espirituais no trabalho mediúnico. Ao contrário do que muitos pensam, os cambonos são tão importantes quanto os médiuns de trabalho, pois são eles que ajudam a garantir segurança, firmeza e proteção para o grupo, e para o trabalho; enquanto os outros, juntamente com os seus Guias Espirituais, desenvolvem o trabalho assistencial em atendimentos fraternos.

²⁹ A gira (ou jira) vem da palavra em quimbundo *nijra*, que significa “caminho”, “rota” ou “via”. De um lado espiritualizado, podemos compreendê-la como o caminho que nos levará em contato divino com todas as entidades da Umbanda. Deste modo, podemos dizer que é o contato com os orixás. Assim como cultos de outras religiões, a gira de umbanda também tem suas particularidades. Podemos dividir a gira de umbanda em duas categorias, sendo a primeira a “gira aberta” e a segunda a “gira fechada”. A primeira se concretizam como a grande maioria das giras umbandistas. Estas são abertas ao público em geral e promovem as assistências. Durante estas assistências, o público, através da ajuda dos auxiliares se aproxima dos médiuns no congá para pedirem conselhos e receberem ajuda espiritual. Já a segunda também conhecidas como giras internas, são giras de umbanda destinadas aos estudiosos e iniciantes da umbanda. Nelas são discutidos aspectos da religião, sua história e o desenvolvimento da mediunidade, a fim de que os novos integrantes possam evoluir para também manterem contato direto com os espíritos.



Fonte: Fotografada pela pesquisadora Ariane C. Xavier

A roda de gira fechada foi de suma relevância para maior absorção dos elementos constitutivos da cultura africana, porém, devo deixar explícito, que tais participações não me tornam uma umbandista, foi apenas um início para a aquisição do conhecimento da doutrina mas, acima de tudo, um período de desconstrução e deslocamento da minha subjetividade para a construção do meu objeto de pesquisa, não a religião, todavia, o preconceito ante as relações étnico-raciais e de religiosidade que permeiam, não só a cor da pele do/a negro/a, mas também a cultura que o antecede, bem como o respeito que esta religião tem ao indivíduo independentemente do gênero e orientação sexual.

A experiência obtida durante as seções de entrevista, nas observações das consultas, no feito dos trabalhos - conhecidos como Ebó na religião – e participação nos rituais de iniciação de alguns filhos/as da casa nos fortaleceram, consolidando as leituras, sustentando e reforçando os aportes teóricos utilizados na escrita do trabalho, salientando a importância do cruzamento de diferentes fontes à escrita de novas histórias.

2. ESTADO DA ARTE

2.1. O que é Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento?

O conhecimento sobre determinado objeto e/ou tese, parte dos estudos de embasamentos que justificam tal pesquisa. Todavia, pode-se conceituar Estado da Arte como documentar sobre um campo de estudo, o que é gerar levantamentos de tudo que já foi publicado, ou estudado sobre um determinado tema. Portanto é de “[...] grande importância conhecer o conhecimento que vem sendo gerado no campo científico-acadêmico de qualquer área, bem como o de conseguir reunir dados que possibilitem construir seu “estado da arte”.” (KUNSCH, 2015, p. 2)³⁰.

É importante salientar que este levantamento não é uma tarefa fácil, pois, demanda debruçar sobre a temática estudada e discussão sobre a problemática e dialogar entre os autores sobre a questão. Contudo, “[...] Exige disposição e persistência, sabendo também das possíveis lacunas e de que nunca será um trabalho completo e acabado” (KUNSCH, 2015, p. 2).

Logo, as representações do estado do conhecimento desse trabalho é o debate sobre as pretensões dos autores, principalmente na análise dos discursos às práticas que fundamentam e definem o Estado da Arte. Portanto, os objetos de estudo e suas marcas partem das análises, buscando associar esses discursos e suas considerações de caráter bibliográficos.

O presente trabalho foi vislumbrado e executado com o objetivo de realizar um estado da arte sobre as produções científicas que norteiam as ideias relativas a “intolerância religiosa e preconceito étnico-racial na educação escolarizada” cadastradas na Biblioteca Virtual de Teses e Dissertações – IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) que serve de fonte de pesquisas, em diferentes campos de atuação, para pesquisadores em geral.

Com o descritor “memórias de docentes negros e homossexuais”, por se tratar de uma abordagem ampla, a busca na plataforma deu-se de forma fragmentada,

³⁰ KUNSCH, Margarida Maria Krohling. A produção científica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas nos programas de pós-graduação no Brasil: identificação, temáticas e tendências. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2859-1.pdf> >. Acesso em: 17 out. 2018.

pois não há registros de pesquisas em educação que abordem todas estas questões de forma concomitante e sistemática.

2.2 Produções acadêmicas: “Professores Negros”

Descrever ou relatar uma história é algo que precisa ter consciência de tempo e espaço que justifiquem seus relatos. Em um contexto histórico em que o papel da docência era destinado ao sexo feminino e em poucas hipóteses, a professoras negras. Trazer para o universo acadêmico a H.V do homem negro como professor é abordar sobre um quadro de desigualdades, ressaltando os discursos preconceituosos que geram sobre esse tema. Ao analisar essas histórias depara-se com conceitos e determinações preconceituosos sobre a atuação destes que sempre estiveram a margem. Vozes que foram silenciadas pela sociedade que faz distinção de raças.

No entanto, esse tema leva a muitas discussões, principalmente em trabalhos acadêmicos. No banco de dissertações e tese do IBCTI registra-se 709 (setecentos e nove) trabalhos acadêmicos que tratam sobre essa problemática. Todavia, verifica-se bastante preocupação sobre a atuação dos trabalhadores em sala de aula de afrodescendente no Brasil. Dentre essas pesquisas temos o quadro abaixo que determinará o quantitativo por instituições e repositórios.

Quadro 1: Levantamento de Produção com o descritor “Professor Negro”

Instituições que discutem sobre a atuação do “professor negro”	Repositórios Identificados	Quantitativos
IBICT	Repositório Institucional do IBICT	195
UFRGS	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFRGS	59
FAMERP	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da FAMERP	38
UFC	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFC	34
USP	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP	34
UFBA	Repositório Institucional da UFBA	28
UFSCAR	Repositório Institucional da UFSCAR	27
UNICAMP	Repositório Institucional da UNICAMP	22
PUC_SP	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC-SP	21

UNESP	Repositório Institucional da UNESP	20
UFPA	Repositório Institucional da UFPA	15
UFRN	Repositório Institucional da UFRN	12
PUC-GO	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC-GO	11
UNB	Repositório Institucional da UNB	11
UFES	Repositório Institucional da UFES	10
UFMG	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFMG	10
UFPB	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPB	10
UEPB	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UEPB	9
UFSC	Repositório Institucional da UFSC	9
UNINOVE	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UNINOVE	9
UFPE	Repositório Institucional da UFPE	8
UERG	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERG	7
UFAM	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFAM	7
UFG	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFG	7
PUC-RIO	Repositório Institucional da PUC-RIO	6
PUC-RS	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC-RS	6
UTFPR	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UTFPR	6

No entanto, outras Instituições também foram identificadas no IBICT, porém o número de publicações eram menores que cinco, portanto não foram citadas no quadro.

2.3. Produções acadêmicas: “Memórias e História de Vida”.

Assim como abordar trabalhos que retratem a história e experiência do docente negro, discorrer sobre histórias de vida e memórias de sujeitos com histórias singulares não é muito comum, haja vista que são pessoas que consentem em contar suas histórias, até então desconhecida por muitos, significa deslocar memórias que, por vezes, podem não ser muito agradáveis, principalmente em trabalhos acadêmicos que as tornam públicas. No banco de dissertações e tese do IBCTI registra-se 2179 (dois mil cento e

setenta e nove) trabalhos acadêmicos que tratam sobre essa problemática, em todas as áreas do conhecimento. Todavia, verifica-se apenas 90 (noventa) nos Programas de Pós-graduação em Educação. Dentre essas pesquisas temos o quadro abaixo que determinará o quantitativo por instituições e repositórios.

Quadro 2: Levantamento de Produção com o descritor: Memória e História de Vida”

Instituições que discutem sobre “Memória e História de Vida”	Repositórios Identificados	Quantitativos
IBICT	Repositório Institucional do IBICT	218
UFRGS	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFRGS	201
FAMERP	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da FAMERP	58
UFC	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFC	76
USP	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP	189
UFBA	Repositório Institucional da UFBA	73
UFSCAR	Repositório Institucional da UFSCAR	19
UNICAMP	Repositório Institucional da UNICAMP	141
PUC_SP	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC-SP	155
UNESP	Repositório Institucional da UNESP	20
PUC-GO	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC-GO	32
UNB	Repositório Institucional da UNB	75
UFES	Repositório Institucional da UFES	33
UFPE	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPB	51
UEPB	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UEPB	79
UFSC	Repositório Institucional da UFSC	71
UERG	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERG	41
UFG	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFG	20
PUC-RIO	Repositório Institucional da PUC-RIO	41
PUC-RS	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC-RS	29
PUC-RS	Repositório Institucional da PUC-RS	24

UFMG	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFMG	40
UF JF	Repositório Institucional da UF JF	33
UNIOESTE	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UNIOESTE	29
UNISINOS	Repositório Institucional da UNISINOS	20
UEL	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UEL	25
UFS	Repositório Institucional da UFS	24
UFPEL	Repositório Institucional da UFPEL	25
UDESC	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UDESC	17
USC	Repositório Institucional da USC	17

Mediante os resultados encontrados, privilegiamos as produções que tivessem sido feitas com memórias de sujeitos, cujas experiências de vida estiveram ligadas a histórias de preconceito e/ou intolerância vivenciadas dentro do núcleo educacional que contribuíram, de maneira direta ou indireta, para a formação de sua identidade e construção da subjetividade, onde serão exploradas e discutidas no último item desta seção.

2.4 Produções acadêmicas: “Professores Gays”

Após a busca deste descritor, foi possível constatar uma carência de produções acadêmicas, nos diferentes campos científicos que o abordam. No banco de dissertações e tese do IBCTI, assim como nos outros descritores, registra-se apenas 24 (vinte e quatro) trabalhos acadêmicos, considerando todos os campos de atuação, que tratam sobre a homossexualidade na docência, o que reforça a função social de nossa pesquisa, bem como as contribuições para a academia, em específico, nos programas de Pós-graduação em Educação, visto que, neste campo há somente 1 (um) trabalho registrado. Dentre essas pesquisas apresentamos o quadro abaixo que determinará o quantitativo por instituições e repositórios.

Quadro 3: Levantamento de Produção com o descritor “Professores Gays”

Instituições que discutem sobre “Professores Gays”	Repositórios Identificados	Quantitativos
UFRGS	Biblioteca Digital de Teses e	2

	Dissertações da UFRGS	
FAMERP	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da FAMERP	2
UNISUL	Repositório Institucional da UNISUL	2
PUC_SP	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC-SP	1
UNESP	Repositório Institucional da UNESP	2
PUC-GO	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC-GO	1
UCSAL	Repositório Institucional da UCSAL	1
UFES	Repositório Institucional da UFES	2
UEPB	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UEPB	1
UFSC	Repositório Institucional da UFSC	3
UFBA	Repositório Institucional da UFBA	1
PUC-RS	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC-RS	1
UFV	Repositório Institucional da UFRV	1
UEL	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UEL	1
UFPA	Repositório Institucional da UFPA	1
UFPEL	Repositório Institucional da UFPEL	1
UFS	Repositório Institucional da UFS	1

Neste contexto, é possível afirmar que a sociedade contemporânea superou o modelo de nossos colonizadores? Como se dão os relacionamentos atualmente? A prática sexual é entendida de forma natural pelo núcleo religioso? E o matrimônio, além da união heterossexual, aceita-se casais do grupo LGBT compreendendo e respeitando a nova configuração da família, ou ainda vivemos numa sociedade hipócrita, intolerante e preconceituosa? A busca por tais respostas dificilmente encontramos nas bibliografias tradicionais ou fontes documentais, haja vista que são carregadas de subjetividade concebida por influência do poder político e elitizado, para compreendermos o que se esconde nas entrelinhas destes documentos e discursos, propomos ouvir a um sujeito advindo da massa, dos grupos silenciados e diminuídos.

Trazer à tona memórias de um sujeito que vivenciou, em diferentes contextos temporais, situações de preconceito, fazer este cruzamento de fontes (H.O.V.

e documental) é importante para organizar e refletir as ações do presente, pois, lembrar e refletir o passado é dar um passo inteligente rumo ao futuro e a educação, escolarizada ou não, é um dos caminhos.

2.5 A diversidade religiosa e a fecundidade da história oral³¹

Além do levantamento quantitativo realizado com diferentes descritores que caracterizam nosso sujeito, nesta subseção, primando por um levantamento de qualidade e análise das produções que mais se aproximam da nossa proposta, voltado especificamente para o campo da educação, verificamos que não há registros de pesquisas que tratem do tema abordado.

Neste viés, a presente análise apontará a importância de um levantamento bibliográfico e referencial teórico que permita ao pesquisador/a a interpretação das subjetividades das experiências individuais, pois quando se trata de memórias, este paralelo torna-se fundamental para a real compreensão do contexto histórico dos fatos narrados, bem como trazer apontamentos do que ainda não foi discutido nestas produções e o que ainda é possível se discutir em futuras pesquisas.

No entanto, buscando em campos distintos, foi possível localizar e selecionar, de forma fragmentadas, alguns trabalhos dos descritores anteriores que nos serviram de apoio e subsídio à nossa escrita, conforme segue no quadro:

Quadro 4: Trabalhos de pós-graduação em nível de Mestrado

Acadêmico/a	Título do Trabalho	Ano de Defesa	Campo de pesquisa
Hulda Silva Cedro da Costa	Umbanda, uma religião sincrética brasileira	2013	Ciência da Religião
Constantino José Bezerra de Melo	Representações Sociais das religiões afro-brasileiras: o que pensam os estudantes das escolas estaduais de referências da cidade do Recife	2015	Ciência da Religião
Rachel de Souza da Costa e Oliveira	Intolerância Religiosa na escola: uma reflexão sobre estratégias de resistência à discriminação religiosa a partir de relatos de memórias de adeptos da Umbanda	2014	Serviço Social
Carla Adriana Menegotto	Gênero e Sexualidade: história de Homossexuais	2015	Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática

³¹ Este tópico compõem parte do artigo escrito e publicado nos anais eletrônicos do IV EHECO.

Lúcia Helena de Assis Machado	Professores negros, experiências de discriminação, de racismo e pedagogias anti-racistas	2007	Educação
Raquel Myriam de Lima Costa Palhari	Prática docente em João Pessoa: Histórias e Memórias da Educadora Ana Maria Meira Leal	2013	Educação

Quadro 5: Trabalhos de pós-graduação em nível de Doutorado

Acadêmico/a	Título do Trabalho	Ano de Defesa	Campo de pesquisa
Andréa Forgiarini Cechin	Vivências em Espaços educativos: Constituição de identidades homossexuais em homens adultos	2006	Ciência da Religião

Durante as leituras dos trabalhos, foi possível compreender que, independente da metodologia de pesquisa adotada, todos primaram por uma abordagem qualitativa capaz de levar à análise dos dados coletados a partir de uma pesquisa antropológica e trabalho etnográfico, sem fugir de vista a produção de futuras fontes.

Por se tratar de memórias, as produções científicas analisadas tiveram como eixo central a história de vida de docentes negros e homossexuais, considerando sua infância, escolarização, constituição familiar, percurso profissional e cultural. Dos eixos analisados, a intolerância religiosa voltada às crenças afro-brasileiras, por fazer parte da cultura, é a que carrega mais austeridade, até porque tratar de religião nas Instituições Educativas (família, escola e sociedade como um todo), mesmo vivendo em um país considerado laico, ainda é um grande desafio aos pesquisadores, pois não se trata apenas de formação cultural de um povo, mas de mudanças de paradigmas ideológicos e genealógicos de uma sociedade eurocêntrica.

Do encontro das diferentes etnias africanas nas senzalas do período colonial com seus cânticos ritualísticos que formavam um só culto, junto à cultura ameríndia e europeia (cultura dominante), formou-se uma verdadeira colcha de retalhos, dando início a uma nova formação identitária.

A construção deste “novo sujeito” constituiu-se a partir do modelo dominante, ou seja, nos padrões europeus, uma tarefa árdua para esses nativos, pois os colonizadores queriam civilizar negro/as e índios/as em sua forma de vestir, alimentar e, inclusive, abandonar suas crenças.

Para Hulda Silva Cedro da Costa em sua dissertação “Umbanda, uma religião sincrética brasileira”:

[...] a nova identidade africana se forma a partir da identificação com aquilo que serviu como referencial e é percebido na outra cultura. A formação da nova identidade africana construída numa condição e espaço de cultura

dominada, se deu de forma imposta, apesar de ter ocorrido algumas relações de trocas, negações, ganhos e perdas entre ambas as culturas envolvidas. (COSTA, 2013, p.73)

Na luta para preservar seus costumes e raízes, os negros tiveram a necessidade de recriar um espaço que fosse semelhante ao de seus ancestrais, assim constroem um universo próprio onde vivenciam e reinventam um processo religioso e ritualístico, composto de elementos africanos, preservando sua cultura, e católico, tornando essas manifestações altamente sincrética.

O sincretismo afro-brasileiro foi uma estratégia de sobrevivência e de adaptação, que os africanos trouxeram para o novo mundo. No continente africano, nos contatos pacíficos ou hostis com povos vizinhos, era comum a prática de adotar divindades entre conquistados e conquistadores. Foi uma estratégia de sabedoria que pode ser entendida no primeiro significado da palavra apresentada no Dicionário Aurélio: reunião de vários estados da Ilha de Creta contra o adversário comum. Além disso, na própria África é sabido que diversos povos receberam muito cedo influências cristãs, mesmo antes do tráfico ter se tornado mais intenso. (FERRETI, 2006, p. 466)

Constantino José Bezerra de Melo (2015), em sua dissertação de Mestrado em Ciência da Religião, “Representações Sociais das religiões afro-brasileiras: o que pensam os estudantes das escolas estaduais de referências da cidade do Recife”, cita uma passagem de Prandi que retrata 3 fases da história das religiões afro-brasileiras no Brasil fundamentais para a compreensão do processo e contexto histórico da luta dos negros pela preservação de sua cultura e crenças religiosas:

- O sincretismo com o catolicismo, que resultou no candomblé, xangô e tambor de mina;
- O processo de branqueamento, que gerou a umbanda;
- A fase da reafricanização, ou seja, a libertação do sincretismo histórico.

A fase na qual nos ancoraremos na pesquisa para dissertação é o processo de branqueamento que resultou numa herança cultural e histórica riquíssima do Brasil, porém, que sofre, ainda hoje, um grande processo discriminatórios de uma sociedade enraizada de valores genealógicos estabelecidos pelos colonizadores portugueses. Assim, no ano de 1908, no Rio de Janeiro, foi criada a umbanda, espalhando-se por São Paulo e outros estados brasileiros, num processo único de sincretismo europeu-africano-indígena.

Segundo Melo (2015, p. 24) “durante todo o processo de construção histórica das religiões afro-brasileiras, a perseguição e o preconceito social contra os religiosos foram evidentes nas humilhações, nas prisões, incêndios e mortes [...]”. As

religiões de matriz africana sempre ocuparam um lugar de subordinação frente as religiões detentoras do poder político e social. Além das perseguições, preconceito, discriminação, forma velada de violência, fizeram e fazem parte da história de sujeitos adeptos destas crenças, tendo sua fé desqualificada em detrimento de outras.

Rachel de Souza da Costa Oliveira (2014), em sua dissertação de Mestrado em Serviço Social, afirma que:

[...] a violência é fruto de uma verdadeira epidemia com raiz nas estruturas sociais e nos costumes e reproduzida em ações institucionais e interpessoais. Além disso, ela atravessa todo tecido social, instalando-se, inclusive, nas instituições sociais e políticas entendidas a priori como espaços privilegiados para a proteção dos indivíduos. (OLIVEIRA, 2014, p. 38)

Por ser um sujeito extremamente marginalizado culturalmente, desvalorizado e ainda com a imagem de escravo/a, doméstica, menino/a de rua, ao tratar de sua religião, não poderia ser diferente, quando ensinada ou comentada, as instituições de ensino, costumeiramente, trazem uma abordagem associadas às forças do mal ou algo tribal e o que lhe sobra é um olhar de menosprezo de um sujeito que necessita ser liberto.

Os discursos que circulam nas escolas públicas brasileiras, na maioria das vezes, tanto de professores quanto de alunos, são carregados e contaminados de valores judaico-cristãos, pois a intolerância está além da religião de matriz africana e compreende a cultura negra num contexto geral de subalternização. Segundo Oliveira (2014, p. 48), “o temor implantado entre os muros escolares tem diversas faces – humilhação, zombaria, exclusão e agressão; e dá espaço para formas de resistência que lembram muito um passado recente [...]”.

O trabalho com as memórias de sujeitos vítimas de preconceito, nos permite reconstruir a história com os olhos e voz de quem viveu o contexto do lado marginalizado, pois, bem sabemos que, a reconstrução histórica é feita pelo viés elitizado por sujeitos privilegiados socialmente. No trabalho de conclusão de Mestrado “Intolerância Religiosa na escola: uma reflexão sobre estratégias de resistência a partir de relatos de memórias de adeptos da Umbanda” e após análise dos discursos produzidos, Rachel de Souza da Costa e Oliveira (2014) relata a associação da umbanda a um culto maligno e demoníaco – o mal que contrapõem o bem – os relatos refletem que, o trato da religião nas instituições escolares vai além da crença, ou seja, está a

serviço de uma ideologia dominante e os sentimentos de inferioridade se sobrepõem ao de enfrentamento.

A LGBT fobia é uma temática que levanta tabus em todos os âmbitos sociais. As discussões sobre a relação entre gênero e orientação sexual ainda causam grande estranhamento e desconforto no campo educacional, sentimentos que assolam famílias, corpo docente, alunos e alunas e toda comunidade ligada de forma direta ou indireta ao núcleo escolar.

A não abordagem dessas questões nas aulas e nos diferentes ambientes escolares não se dá apenas pela falta de compreensão sobre o que é ser mulher, ser homem e como se dá essa relação na sociedade, mas também por mero preconceito para com aqueles que, na visão socialmente construída, fogem dos padrões heteronormativos estabelecidos pela igreja e que estão enraizados na concepção da maioria das famílias, com padrões e valores rígidos, sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, cuja a única concepção de família é aquela constituída por um casal de gêneros opostos.

Ao pensar na dificuldade da tratativa para com as subjetividades de sujeitos heterônimos, como pensam, como agem em sociedade e como modalizá-los a fins de mudar dogmas socialmente e genealogicamente construídos e as barreiras diante do enfrentamento para com os valores familiares, impossível não questionarmos um docente que enfrenta esse preconceito na pele por assumir-se homossexual e tentar fazer-se respeitar, ser aceito e, ao mesmo tempo, desconstruir discursos e posturas que desrespeitam a livre orientação sexual.

Sabendo da importância e relevância de trazer esta discussão para o campo da educação, com vistas na melhoria da ação e atuação dos profissionais que atuam com sujeitos em pleno processo de construção identitária, buscando estabelecer uma relação de respeito, tolerância e mediação das relações interpessoais, ao realizar a busca por produções científicas cujo foco central é a história de vida de docentes que construíram suas identidades, assumindo-se como membros de grupos LGBTs numa sociedade preconceituosa na qual a concepção de escola é aquela que forma sujeitos que agem e pensam de forma padronizada e politicamente estabelecida, onde o único sujeito aceito é aquele que se encaixa nos padrões eurocêtricos e heteronormativos, por não encontrar produção científica no campo educacional, realizamos a busca em outros campos como o da sociologia, assistência social e ciência da religião.

Dos trabalhos encontrados e já citados, selecionamos dois para realizarmos uma análise com o objetivo de subsidiar o nosso trabalho de dissertação, pensando nas

lacunas que ficaram, cujas respostas são fundamentais para a contribuição da qualidade de vida desses sujeitos e, quem sabe, vislumbrar uma educação livre de preconceito que respeite o ser em sua essência e subjetividade.

As duas produções escolhidas tratam de histórias de vidas de homens e mulheres de grupos LGBTs, com relatos de atos preconceituosos ao longo de sua trajetória educacional, escolarizada ou não, mas que apresentam em suas narrativas episódios de sofrimento e violência na construção de suas identidades.

Na dissertação para obtenção do título de Mestre em História da Ciência pela Universidade Federal do ABC apresentada por Carla Adriana Menegotto (2015), “Gênero e Sexualidade: histórias homossexuais e seus discursos identitários”, realiza-se a leitura das aflições explícitas em seus escritos, de forma menos complexa, despertou-nos ainda mais o anseio de produzir um trabalho que possa oferecer mudanças em nossa sociedade.

O modo como pesquisamos e, portanto, o modo como conhecemos e também como escrevemos é marcado por nossas escolhas teóricas e por nossas escolhas políticas e afetivas. É certamente, afetado por nossa história pessoal, pelas posições de sujeito que ocupamos, pelas oportunidades e encontros que tivemos e temos. O modo como conhecemos é, por tudo isso, incontrolável, volátil. (LOURO, 2007, p. 213)

A grande questão do trabalho de Menegotto (2015, p. 19) é “como o preconceito e seus discursos dentro do ambiente escolar influenciam na formação escolar destas pessoas e em suas respectivas histórias de vida” na perspectiva da cultura escolar, neste viés já podemos realizar um diferencial de nossa intenção, haja vista que iremos buscar os pontos dos discursos vivenciados que serviram de fatores influenciadores na construção da identidade, fazendo um paralelo entre discurso e história e historiografia da educação. Os sujeitos selecionados para as entrevistas fazem parte de movimentos sociais feministas e LGBTTT dos municípios de Maringá/Paraná e Santo André/São Paulo, sendo dois do gênero masculino e um do feminino.

Segundo Menegotto (2015), para sistematizar seu roteiro de conversa, abordou questões como: cultura escolar, segregação familiar, formação e ligação com os movimentos sociais, corpo e negação do corpo, corporeidade e identidades plurais. Como conclusão de suas análises, falar em preconceito e sua influência na formação do sujeito é muito mais complexo e requer muitas respostas, pois:

[...] As múltiplas e diversas identidades moldam os sujeitos conforme os diferentes contextos, instituições e/ou agrupamentos sociais. Entre as instituições e os agrupamentos sociais podem se colocar a família, a escola, a religião e os grupos sociais com os quais estamos envolvidos parte dos meios que perpassam a formação das múltiplas identidades. (MENEGOTTO, 2015, p. 56)

No trabalho produzido por Andrea Forgiarini Cechin (2006) como tese de Doutorado em Educação pela Pontífica Católica do Rio Grande do Sul, foi abordada como foco central a história de vida de oito homens adultos homossexuais em diferentes espaços educativos, formais e/ou informais, incluindo os ambientes religiosos que, segundo seu discurso, é um dos ambientes de maior discriminação e resistência. Em sua pesquisa, revela que a escola, ao invés de reverter o preconceito com ações de conscientização e combate à indiferença e ao silêncio que predominam no espaço escolar, não o faz, com isso, não se sabe ao certo se essa postura se dá pelo despreparo dos profissionais, por receio da receptividade das famílias ou se é pela própria concepção subjetiva dos atores que, ao calar-se, revela o preconceito velado.

As igrejas ensinam que essa condição é pecado e procuram curá-la através da penitência e oração. Os meios de comunicação nos mostram, através de comerciais, um ideal de relacionamento que é o heterossexual, desconsiderando totalmente as outras formas de amor. Quando uma novela apresenta um casal homossexual, torna-se alvo de curiosidade, aumenta os índices de audiência, mas causa uma polêmica nacional. Na escola, na maioria das vezes, esses sujeitos são ignorados pelos professores, mas, certamente, não passam despercebidos pelos colegas. Essa orientação sexual não aparece em livros didáticos e, por não saberem lidar com uma identidade sexual diferente de heterossexual, quase sempre, esses sujeitos são considerados um problema pelos educadores. Todos esses espaços nos ensinam a ser preconceituosos em relação aos homossexuais. (CECHIN, 2006, p. 58)

Ainda revela Cechin (2006), o encobrimento, no início da escolarização, é a estratégia mais comum:

Em nossa sociedade e cultura, a expectativa dos familiares de meninos é que sua masculinidade seja atestada e confirmada desde o nascimento. Para tanto, eles são socializados e vigiados, tendo-se como pressuposto a representação hegemônica de que ser homem é ser heterossexual, agressivo, forte, não chora, não se emociona, e/ou não demonstra sentimentos. (CECHIN, 2006, p. 139)

Com tal análise, podemos refletir no caminho que iremos percorrer e nortear os passos necessários e primordiais para nossa dissertação, levantando os dogmas

religiosos que perpassam os discursos de “todos” os envolvidos no processo educativo que transmitem atos de preconceito e intolerância ante ao diferente.

No que tange ao espaço das religiões, à exceção das religiões de matriz africana, grande parte das igrejas condena a homossexualidade, considerando o homossexual uma pessoa pecadora, cuja alma está doente e pode, através de resignação, penitência e oração, converter-se à heterossexualidade. Alguns sujeitos deste estudo que tiveram uma rigorosa formação religiosa corroboram a suposição de que homens homossexuais que cresceram em ambientes nos quais a religião tem presença marcante tendem a internalizar, mais intensamente, valores negativos em relação à sua orientação afetivo-sexual. (CECHIN, 2006, p. 140)

Na pesquisa realizada por Lúcia Helena de Assis Machado (2007) cujo título de pesquisa é “Professores negros, experiências de discriminação, de racismo e pedagogias antirracistas”, ela traz para discussão sua própria experiência como docente negra na rede pública do estado de Goiás e as dificuldades enfrentadas para ter reconhecida sua competência profissional. O eixo que norteia seu trabalho, pautando-se na busca pela construção de um processo reflexivo que compreenda as dificuldades das relações étnico-raciais, dentro e fora do cotidiano escolar. Machado (2007) faz, junto com outros colegas de trabalho da mesma raça, um processo de constituição de suas memórias de atuação profissional, buscando nessas lembranças, a tentativa de explicitar a problemática da discriminação e preconceito racial.

Segundo Machado, seus objetivos para com a pesquisa são de avaliar discriminações e preconceitos sofridos por docentes negros/as em suas atuações, bem como de identificar estratégias para o enfrentamento em minimizar a prática racista e discriminatória.

Em seu texto, Machado (2007, p. 19) coloca que:

Deste modo, para os professores e professoras negras, que além de não corresponderem ao padrão físico exigido, um fator que lhe impediu o ingresso no magistério de forma igualitária relativamente aos brancos (as): a grande maioria da população negra era e continua privada do acesso à educação. Assim poucos têm sido os que ingressam na profissão docente.

Analisando as questões expostas, é possível vislumbrar a escola como espaço de formação, porém, não é o único instrumento educacional da formação do sujeito e de mudanças de discurso. A família é a grande responsável pela idealização de um indivíduo socialmente perfeito, que nasce, cresce, estuda, trabalha para casar e constituir família, esta também, idealizada por uma formação entre pai, mãe e filhos e,

quando o sujeito se vê fora destes padrões, a tendência é o silêncio e a opressão de si e para si, pois, historicamente, sempre houve a necessidade de se afirmar e formar sujeitos heterossexuais e, somente esses são considerados “normais” perante a sociedade.

Diante de tal reflexão, podemos perceber o quanto a sociedade manifesta-se de forma preconceituosa e o quanto tais posturas são influenciadas pelos dogmas religiosos e refletidas na educação escolarizada, seguindo neste viés a desconstrução de tais ideologias que podem e devem ser abordadas dentro dos muros da escola e, para tal, o preparo de todos os sujeitos envolvidos no processo é algo a ser pensado e requer políticas públicas efetivas de combate ao preconceito LGBT³², sigla já citada anteriormente, e intolerância religiosa.

Em nossas observações e análises das dissertações e teses publicadas no IBICT, as que foram citadas no *corpus* do presente trabalho permitem-nos afirmar que pouco se produziu sobre as formas de preconceito vivenciadas por docentes negros e homossexuais dentro das Unidades Escolares.

No banco de dados nota-se estudos no campo da Ciência da Religião; Sociologia; Serviço Social; Ensino, História, Filosofia, Ciências e Matemática. No campo da Educação, apenas uma produção foi localizada, uma tese que retrata a história de vida de homens adultos e homossexuais em sua trajetória escolar. As dissertações fazem tratativas sobre a intolerância ante as religiões afro-brasileiras ou a questões de gênero e orientação sexual, porém, nenhum dos trabalhos tratam de ambas abordagens de forma sistematizadas e inter-relacionadas. Neste contexto, a urgência e relevância da nossa pesquisa reforça-se, pois, a escola é um espaço de (trans)formação de sujeitos e não de (re)produção de discursos preconceituosos e ações intolerantes.

A urgência em contribuir para a repaginação da cultura e papel escolar e de contribuir para a construção de uma sociedade digna, nos leva a crer que a pesquisa histórica, com a contribuição da história de vida como elemento de análise do passado, do ponto de vista subjetivo irá nos fornecer dados importantes para a compreensão da história da educação e sua relação com a marginalização dos sujeitos negros e homossexuais e, em que momento é possível propor uma ação transformadora da

³² LGBT é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Em uso desde os anos 1990, o termo é uma adaptação de LGB, que era utilizado para substituir o termo gay para se referir à comunidade LGBT no fim da década de 1980.^[1]Ativistas acreditam que o termo "gay" não abrange ou não representa todos aqueles que fazem parte da comunidade

realidade, amenizando as dores do passado, pois este é o papel do pesquisador, de mediar o processo de construção da identidade subjetiva e da sociedade.

Em todas as produções analisadas, conforme referenciado, não há estudos no campo da educação que tragam memórias de docentes homossexuais. A reflexão que aqui se propõem pauta-se no motivo dos silenciamentos dessa classe, principalmente quando tratamos de professores/as afrodescendente. Seria porque quantitativamente não há sujeitos colaboradores para tais pesquisas? Ou porque a negação/aceitação ainda é uma lacuna na educação, tanto escolarizada quanto familiar? Resposta a tais indagações estão no levantamento das produções já realizadas, valorizando, academicamente, nosso trabalho, sua relevância social e material que subsidiara pesquisas futuras.

3. HISTÓRIA DE VIDA: DAS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA À PROFISSÃO DOCENTE – CAMINHOS TRILHADOS NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA.

3.1 Família, infância e escolarização.

Tenho 38 anos, sou negro, meu pai migrou para esta cidade para trabalhar na construção da Usina como eletricista de alta força montagem. Meus pais sempre foram muito religiosos e tradicionais aos costumes cristãos, pois frequentavam missas aos domingos, faziam e participavam de novenas, comungavam, cumpriam rigorosamente a quaresma, enfim, tudo o que um cristão exemplar deve fazer. Minha mãe, dona de casa, sempre submissa ao meu pai, nunca trabalhou fora porque ele não permitia, em sua concepção, lugar de mulher é na cozinha. Vieram do nordeste, do estado do Ceará, assim que se casaram, meu pai veio trabalhar na construção da usina, era pedreiro, hoje já se aposentou, mas sempre foi muito rigoroso com a nossa educação, tanto que desde muito criança frequentava a igreja católica da cidade, fui Coroinha, uma espécie de ajudante do padre nos dias de missa e na preparação da eucaristia, por muitos anos, era o orgulho dos meus pais, participava da coroação de Nossa Senhora, missa que a paróquia fazia todos os anos no dia de Nossa Senhora da Aparecida, minha mãe fazia questão de fazer a roupa e eu, me sentia o máximo com aquelas asas de anjo enormes. Minha infância foi bem tranquila, tive vários amigos, vários colegas. Sempre morei em meio de viela³³, tenho amigos/as de infância que permanecem até hoje ... sempre tive facilidade em fazer amizades. Comecei a estudar aos 7 (sete) anos de idade, no prezinho. Na época o ensino era muito tradicional e rigoroso, pois rezávamos e cantávamos o hino nacional todos os dias antes de entrar para a aula. Depois fiz todo o Ensino Fundamental na mesma escola, também com os mesmos costumes, reza e hino e utilizávamos a cartilha Caminho Suave, fui logo alfabetizado, mas não entendia muito porquê os textos eram tão chatos e sem sentido. No ensino médio eu fiz o curso técnico de contabilidade mas não me interessei em trabalhar na área, até porque já sabia o que queria para a minha vida, queria ser padre, então quando terminei o curso, em dezembro, depois das férias de janeiro já fui para o Seminário, aos 17 anos de idade. Lembro-me muito bem da minha primeira professora, tenho contato com ela até hoje, ela mora em um município vizinho e, a maioria dos/as professores/as que lecionavam na cidade eram desta cidade. Na escola nunca tive problemas, apesar de ter alguns colegas que faziam piadinhas me chamando de “negrinho”, saci-pererê”, me zoando, sempre levei na brincadeira, isso nunca me atrapalhou, até porque eu também chamava os colegas negros/as pelos mesmos nomes, fazia piada também. Sempre fui bem resolvido quanto a minha cor, a única coisa que me incomodava, onde eu me sentia diferente, era o fato de não gostar de meninas como os meus amigos. (S.R.A. , I.S., 13 de setembro de 2017)

Neste primeiro fragmento, S.R.A. traz uma narrativa comum nas famílias denominadas como tradicionais³⁴, composta por gêneros opostos, submissão feminina e

³³ Viela, no município de residência do sujeito, são ruas estreitas constituídas por casas germinadas e niveladas, na década de 80, por níveis socioeconômicos.

³⁴ Uma família tradicional é normalmente formada pelo pai e mãe, unidos por matrimônio ou união de fato, e por um ou mais filhos, compondo uma família nuclear ou elementar. A família é considerada uma instituição responsável por promover a educação dos filhos e influenciar o comportamento dos mesmos no meio social.

a influência da religião no comportamento humano, pois, ao longo dos séculos, por mais que a sociedade tenha evoluído, o comportamento machista, ainda presente, principalmente nos espaços culturais em que se compreende e reforça a inferioridade de gênero, como é o caso da interpretação que reconhece “o sexo masculino como superior ao sexo feminino” (SCOTT, 1995, p. 72), podemos compreender que a igreja é um desses espaços de consolidação desta interpretação.

Ainda neste trecho, o sujeito traz relatos que se referem aos atributos qualificados a ele quanto a sua raça e orientação sexual, mesmo que ainda obscura em sua formação identitária no período da infância. Segundo o mesmo, os cognomes quanto a sua cor nunca lhes foram incômodos, mesmo porque o racismo para ele era algo natural. Isso traz uma preocupação quanto a negação da própria raça, ou até mesmo por assimilá-la como inferior, objeto de ridicularização. Nessa linha (CASHMORE et al., 2000, p. 453) esclarece que “[...] raça pode significar um grupo de pessoas socialmente unificadas numa determinada sociedade em virtude de marcadores físicos como a pigmentação da pele, a textura do cabelo, os traços faciais, a estatura e coisas do gênero”. Esta ideologia de raça e os termos racistas, concebida historicamente, traz consigo, em relação aos negros, a inferioridade pelo processo de escravidão, pois “[...] os negros brasileiros de hoje são os descendentes de africanos que foram trazidos para o Brasil pelo tráfico negreiro. Muito deles são mestiços resultantes da miscigenação entre negros e brancos, negros e índios” (MUNANGA; GOMES, 2005, p.18).

O preconceito de cor nada mais é do que a raiva irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles que eles consideram inferiores, e depois o amargo ressentimento daqueles que foram oprimidos e frequentemente injuriados. Como a cor é o sinal exterior mais visível da raça, ela tornou-se o critério através do qual os homens são julgados, sem se levar em conta as suas aquisições educativas e sociais. As raças de pele clara terminaram desprezando as raças de pele escura e estas se recusam a continuar aceitando a condição modesta que lhes pretendem impor (FANON, 2008, p.110).

Por ser um sujeito culturalmente excluído, ao tratar das crenças de matriz africana não poderia ser diferente, pois, a sociedade, costumeiramente, associa essas manifestações como algo relacionado às forças do mal ou algo tribal e o que lhe sobra é um olhar de menosprezo. A própria narrativa de S.R.A. nos revela que a intolerância está além da religião de matriz africana, compreende a cultura negra num contexto geral de subalternização. Segundo Oliveira (2014, p. 48), “o temor implantado entre os muros

escolares tem diversas faces – humilhação, zombaria, exclusão e agressão; e dá espaço para formas de resistência que lembram muito um passado recente [...]”.

Eu nunca imaginei que me tornaria professor, pois minha vontade mesmo era ser padre, como já disse anteriormente, fui Coroinha por muitos anos, cresci dentro da igreja, acompanhei por muitos anos o padre da minha paróquia, inclusive ele ainda é vivo e, às vezes, vou visitá-lo no centro de recuperação para dependentes de álcool. Tenho uma estima muito grande por ele, haja vista que foi o responsável pela minha ida para o Seminário, foi minha inspiração na ânsia de me tornar Padre. Naquela época eu não entendia muito bem o que acontecia comigo, não era igual aos outros meninos, durante as pregações na missa e nas aulas de catequese, sempre ouvi que a família é o bem maior que podemos adquirir neste plano e, para mim, a família era formada por casais de gêneros diferentes, portanto, se me tornasse padre, não seria obrigado a me casar com uma mulher, nada contra ao gênero, mas nunca senti atração/desejo por nenhuma, sempre me sentia diferente quando estava perto dos meus colegas na escola, disfarçava para que ninguém desconfiasse, pois, em meus ensinamentos religiosos, qualquer ato que fugisse ao modelo da família tradicional era pecado. Foi um período muito difícil da minha vida, pois, quando fui para o seminário percebi que as coisas não eram bem assim, que ser padre não significava ser puro, muitas coisas vi, ouvi e vivi. (S.R.A., I.S., 13 de setembro de 2017)

Nas memórias de adolescência de S.R.A, é possível reforçar a influência da cultura religiosa no comportamento conservador do sujeito, na qual se reforça que o padrão familiar reconhecido pela sociedade é advindo da conjunção carnal entre gêneros opostos, tendo como resultado, a procriação e ampliação da sociedade civil. Para compreender esta concepção de gênero, apresentado pelo sujeito na década de 80, exige uma retomada histórica sobre o conceito de cultura e de como ela influencia e modeliza a compreensão que o indivíduo tem de si e do outro. Nesta perspectiva, pode-se pensar sobre a diversidade - objeto linear e delimitado do trabalho de modo a conceber o respeito ao negro e homossexual como parte integrante da sociedade de forma igualitária - considerando como se concebe as relações humanas e a construção da subjetividade, observando os aspectos biológicos, as intervenções e interpretações culturais.

Para tal discussão, nos anos 2000, o conceito de gênero passa a ser debatido com ênfase nas inquietações sobre a identidade do sujeito e como ele se define, sua orientação sexual e aspectos biológicos, compreendendo a subjetividade apresentada para além da materialização do corpo, considerando seus desejos e prazeres de forma independente das concepções históricas sobre gênero e relações sexuais.

Quando fui para o seminário já sabia o que significava ser gay, eu não me aceitava e também não queria decepcionar meus pais e familiares. Tenho um primo que se revelou homossexual e todos viraram as costas para ele, era o assunto das reuniões de família e eu não queria sofrer esse desprezo. Escolhi ser padre porque achava uma forma de me repreender, como todo mundo sabe, padre não casa e, na minha concepção, não praticava sexo, ao menos era o que se pregava na igreja. Ir para o seminário significava optar por uma vida celibatária, quando iniciei meus votos, deparei-me com vários seminaristas na mesma condição que a minha, ou seja, optaram pela vida religiosa para se esconder da sociedade, porém, a realidade a qual me defrontei foi bem diferente, é lá que os gays se realizam porque a prática homossexual era muito comum entre os internos, padres e bispos, pelo menos nesta unidade que frequentei, porém, por uma questão de ética, não posso revelar o nome da instituição. Ao me deparar com tais situações, de práticas homossexuais e até com práticas de pedofilia, pois a maioria dos internos, assim como eu, eram menores de idade, levei um susto ... como disse, para mim ser padre significava ser santo, ser fiel para com as ideologias cristãs, livre de mentiras e falsidades. Com o tempo fui percebendo o tamanho da hipocrisia que se pregava nas missas, confesso que fiz parte dessa comunidade hipócrita por quase 10 anos de minha vida, visto que dei início aos 17 anos de idade, aos 28 me ordenei e por 2 anos preguei em missas as mesmas mentiras que ouvi durante anos, pois me tornei sacerdote com esta idade e, por pouco tempo, nesses dois anos, respeitei os princípios da batina. Eu era considerado a ovelha desgarrada daquele lugar, nos dias de folga eu gostava de ir para os bailes e festas da cidade, o reitor e o bispo do seminário me chantageavam em troca de permissão para sair, não era sempre que eu cedia aos assédios, não porque eu não gostava, mas porque não achava correto fazer sexo com padres, tanto que tinha alguns colegas que eram as pupilas do reitor, tinham toda a liberdade para fazer o que queriam, até carro para andar. Na casa paroquial era comum a prática sexual pedófila como moeda de troca, deixei de ter muitos privilégios por não concordar fazer sexo oral por exemplo, de todas as vezes que me rendi aos superiores era passivo no ato, afinal, era o que eu gostava, mas muitos deles também gostavam de ser passivos, nestes casos, eu me negava e sofri sanções por conta disso. Cheguei pagar penitência sem saber o porquê, porém, se questionasse, os períodos de rezas aumentavam ... como disse, foi um período muito difícil, o que mais teve de positivo foi que no seminário despertei o interesse pela carreira docente, pois fiz graduação em Filosofia e Teologia e, concomitantemente à primeira formação, fiz um curso de intérprete de Libras ministrado por um dos internos que era surdo sonoro, no próprio seminário, para trabalhar com surdo/mudo em uma paróquia da cidade. (S.R.A., I.S., 13 de setembro de 2017)

Este foi um dos trechos mais complexos da entrevista de nosso sujeito, memórias estas que, dificilmente não se envolver com os relatos, visto que, assim como S.R.A. a maioria da sociedade tem a mesma concepção que ele sobre a vida celibatária de padres e bispos. Não se pode generalizar, mas há pesquisas históricas do período colonial brasileiro que afirmam que, depois dos índios, os primeiros registros de práticas homossexuais no Brasil foram cometidos pelos padres jesuítas³⁵ e, seus

³⁵ Os jesuítas faziam parte de uma ordem religiosa católica chamada Companhia de Jesus. Criados com o objetivo de disseminar a fé católica pelo mundo, os padres jesuítas eram subordinados a um regime de privações que os preparavam para viverem em locais distantes e se adaptarem às mais adversas condições. No Brasil, eles chegaram em 1549 com o objetivo de cristianizar as populações indígenas do

praticantes, condenados pelo Santo Ofício. Carmo (2011, p. 56) cita em sua obra, a primeira confissão ouvida na primeira visitação do tribunal eclesiástico ao Brasil, em 1591:

Outro fanchoso convicto foi o conhecido padre Frutuoso Alvares, de 68 anos, que, por ser sodom tico, fora degradado de Braga para Cabo Verde, e da , por reincidência, para a Bahia. Costumava praticar sodomias e masturba es com homens e rapazes, sendo “ora agente, ora paciente”. O referido padre, primeiro a se apresentar   mesa do Santo Ofício, em Salvador, disse ao inquisidor que alguns de seus parceiros “por serem pequenos demais não entendiam ser pecado”. [...] O relato causou espanto ao inquisidor, pois tratava-se de um sacerdote e era a primeira pessoa ouvida na primeira visita o do Tribunal do Santo Ofício ao Brasil.

S.R.A. tinha a expectativa de tornar-se um padre de respeito, figura está projetada desde a infância formado pelos anseios de um ideário sociocultural. Além de se achar diferente,   possível afirmar que, desde a tenra idade, nosso sujeito já sinalizava que algo em si mesmo destoava dos demais indivíduos de sua convivência e, como consequência, mesmo que não deixando explícito em sua narrativa, podemos inferir que buscou o isolamento no seminário na necessidade de camuflar os sentimentos que o inquietavam.

O momento histórico em que S.R.A. assumiu a si mesmo ser homossexual se deu em meados da década de 80, período em que ocorreu sua escolaridade, uma época intensa, quando ainda temas como diversidade sexual e de raça eram poucos ou quase nada explorados nas escolas, o que certamente contribuiu para a necessidade de “isolamento” , até porque, junto ao período de escolariza o, a frequência na igreja tornava-se cada vez mais intensa, visto que os estudos religiosos eram necessários para o ingresso ao seminário, portanto, os sentimentos de tormenta e de inferioridade se reforçavam e ampliavam cada vez mais. Não havia espaço para discutir a sexualidade em nenhum dos polos educativos do sujeito: escola, família, igreja, todos com elementos conservadores de doutrina o.

A família, a escola e a religião são núcleos de convívio muito intensos,   por meio dessa rela o que toda a cultura que permeia esses núcleos se chocam, refletindo e promovendo nos sujeitos conflitos que seriam de suma importância para reflexões, se fossem realmente abordados com respeito a diversidade que permeia esses espaços. Em

território colonial. Incumbidos dessa missão, promoveram a cria o das missões, onde organizavam as popula es indígenas em torno de um regime que combinava trabalho e religiosidade. Ao submeterem as popula es aos conjuntos de valor da Europa, minavam toda a diversidade cultural das popula es nativas do território.

busca de neutralizar-se desses núcleos, muitas vezes intolerantes, a busca pelo silenciamento e repressão é um comportamento muito comum em sujeitos que entram no seminário, segundo as memórias de S.R.A., em busca de sua identidade subjetiva inerente à já constituída.

Resolvi abandonar a batina quando fui morar com o bispo no palácio epicostal fiquei por pouco tempo, pois não concordava com seu comportamento pedófilo para com os coroinhas e novos egressos. Com ele nunca mantive relação, me convidou para morar com ele porque dizia que eu tinha a mente aberta para estas questões, mas se enganava, mesmo tendo consciência da minha orientação sexual, não conseguia aceitar essas práticas por padres e acho que tenho isso comigo até hoje. Foi então que decidi me afastar, isso eu já tinha quase 30 anos, voltei para minha cidade e por uns dias refleti muito sobre todos os anos que passei no seminário, depois de tanto refletir, pensei “meu Deus, o que vou fazer da minha vida agora?”, decidi mudar radicalmente a minha vida e comecei a fazer faculdade de jornalismo de num município vizinho localizado no Mato Grosso do Sul, decidi porque gostaria de trabalhar como repórter investigativo, na época, até pensei em desvelar os escândalos dos seminários, porém, sentia-me envergonhado de fazer parte. Depois de três meses no curso percebi que não era o que queria para mim, porém, como tinha formação em Libras, a faculdade me convidou para ministrar uma disciplina na turma de Pedagogia, foi a época que a Educação Inclusiva começou a se disseminar pelo país a partir da Declaração de Salamanca³⁶, em 1994, e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9394-96. A busca por cursos de Língua Brasileira de Sinais era desmensurado, então abri uma firma de consultoria e de prestação de serviços na área de educação e comecei a viajar o país todo trabalhando com treinamento e formação de professores. Além dos cursos, ministrei aulas de Filosofia em escolas privadas até conseguir o cargo efetivo como docente desta área no estado de São Paulo e, posteriormente, como seletista na Prefeitura do meu município como Intérprete de Libras na Rede Municipal de Educação, área esta que é minha paixão desde quando eu trabalhava com os surdos/mudos no seminário. Neste mesmo período resolvi contar para meus pais que era gay, sonhava com este dia, até discurso eu ensaiei, passava noites em claro planejando o momento e pensando “E se eles não me aceitar? O que o restante da família vai pensar? E minha avó, será que vai me desprezar?” ... quando de fato decidi contar, fiquei surpreso com a reação dos meus pais, eles se olharam e minha mãe disse que já desconfiavam e só estavam aguardando minha revelação, pediram que eu tomasse cuidado para não sofrer e que NÃO queriam me ver vestido de mulher. Jamais esperei que fossem ter esse comportamento, visto que minha família, como já disse antes, foi formada e educada pelos preceitos cristãos, a conhecida família tradicional e exemplar modelo. Meu pai se encarregou de contar para o resto da família, inclusive minha avó paterna, a maioria deles não tiveram uma reação muito amigável, mas minha vizinha de quase 80 anos exigiu de todos que me respeitassem e que o dever da família é proteger os seus e fazê-los felizes e, para tal, o preconceito deveria ficar longe do seio familiar. Na verdade, o que me impulsionou e encorajou a contar foi o fato de estar em um relacionamento sério e tinha a perspectiva de União Estável, já tínhamos alugado residência, móveis e tudo mais ... ficamos juntos por três anos, porém, nossa relação não deu certo porque, diferente de mim, ele não quis revelar à sociedade sua orientação sexual, não me assumiu para seus

³⁶ A Declaração de Salamanca trata de princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. A inclusão de crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino é a questão central, sobre a qual a Declaração de Salamanca discorre.

familiares. Não saíamos como casal, ele me apresentava aos colegas como um amigo muito querido, atitude esta que gerava muita discussão e, com o tempo, a relação foi se desgastando e resolvemos terminar, assim, ele mudou da cidade e nunca mais tivemos contato. (S.R.A., I.S., 13 de setembro de 2017)

Este fragmento revela o início da transformação na vida de nosso sujeito, que revela os motivos do abandono da batina até o momento em que decidiu revelar a sua família sua orientação sexual. Por mais que, segundo suas memórias, seus pais tenham recebido a notícia com “naturalidade”, podemos afirmar que o desconhecimento da sociedade para com as questões de gênero e orientação sexual advém, na maioria das vezes, das concepções ideológicas das famílias tradicionais que compreendem que, qualquer homem que se relacione com outro homem, além de ser gay, é travesti ou transexual, ou seja, que o homossexual sente o desejo de vestir-se como mulher. Outra revelação deste discurso é o fato de seus pais reforçarem o medo do preconceito quando lhe aconselham a tomar cuidado para não sofrer e, segundo relatos da avó paterna, o preconceito não pode estar no seio familiar.

Estes discursos nos levam a reflexão de que, mesmo com os avanços da sociedade, mesmo que negamos, ainda reproduzimos comportamentos que introduzimos em nossa subjetividade mesmo que de forma inconsciente, ou seja, o preconceito não pode estar no seio familiar, mas e fora dele? Pode? O que justifica ter cuidado para não sofrer? Propondo uma reflexão nestas questões, é possível dizer que a sociedade é enraizada culturalmente pelos preconceitos e intolerância vivenciados e reproduzidos ao longo da nossa história e que, por mais que tenhamos avançado, ainda há um longo caminho para almejarmos uma sociedade justa e tolerante à diversidade. Para Chartier (1995, p. 182),

Nem a cultura de massa do nosso tempo, nem a cultura imposta pelos antigos poderes foram capazes de reduzir as identidades singulares ou práticas enraizadas que lhe resistiam. O que mudou, evidentemente foi a maneira pela qual essas identidades puderam se enunciar e se afirmar fazendo uso inclusive dos próprios meios destinados a aniquilá-las.

Reconhecer a importância dos espaços educativos para o respeito as diferentes culturas e raças, por causa do contato com outros sujeitos e de suas vivências em diferentes culturas, é reconhecer o poder existente das individualidades dos sujeitos com sua identidade, singularidade, subjetividade, e, primordialmente, seu poder de negociação diante das imposições que vêm de seus antepassados, mas, que ao se deparar

com uma gama de diversidade, adquire o poder da apropriação e se transforma, de forma silenciosa e constante.

Para compreender o processo de transformação de S.R.A, podemos citar Freire (2001, p. 35), que diz:

Foi reinventando-se a si mesmo, experimentando ou sofrendo a tensa relação entre o que herda e o que recebe ou adquire do contexto social que o recria, que o ser humano veio se tornando este ser que, para ser, tem de estar sendo. Este ser histórico e cultural que não pode ser explicado somente pela biologia ou pela genética nem tampouco apenas pela cultura. Que não pode ser explicado somente pela consciência como se está em lugar de ter-se constituído socialmente e transformado seu corpo em um corpo consciente tivesse sido a criadora todo-poderosa do mundo que o cerca, nem tampouco pode ser explicado como puro resultado das transformações que se operam neste mundo. Este ser que vive, em si mesmo, a dialética entre o social, sem o que poderia ser e o individual, sem o que dissolveria no puro social, sem marca e sem perfil.

A trajetória do nosso sujeito é significativa para nos fazer refletir o quão importante é trazer à tona a discussão sobre a temática da diversidade sexual e de raça, pois inúmeras histórias como estas justificam a formação do Conselho de Combate à Discriminação³⁷, e vem ganhando forças na trajetória histórica da civilização.

3.2 . Da profissão docente.

Conforme já explanado em trechos anteriores, S.R.A iniciou a carreira docente após desligar-se do seminário, porém, iniciou, durante seus votos, o trabalho como intérprete de pessoas com deficiência auditiva, ofício este que, segundo o mesmo, é sua maior paixão quando se fala de sua profissão como professor.

Depois que abri minha empresa e comecei a viajar pelo Brasil, conheci muitos lugares, convivi com diferentes tipos de pessoas e profissionais. Um lugar que me marcou bastante devido a forma com que as questões relacionadas as inúmeras diversidade eram tratadas, com respeito e solidariedade, foi um município situado no Mato Grosso, visto que consegui desenvolver, junto aos docentes, um trabalho muito bacana, nesta escola consegui que adaptassem uma sala de aula com piso de madeira e molas para que pudéssemos trabalhar com instrumentos musicais junto às crianças deficientes auditivas, em decorrência desta empreitada, conseguimos montar uma banda de alunos/as surdos tocando todos os tipos de instrumento: violão,

³⁷ Conselho Nacional de Combate à Discriminação é um conselho federal brasileiro sobre assuntos LGBT criado em 9 de dezembro de 2010 pelo decreto presidencial N ° 7,388 de Luís Inácio Lula da Silva e do Secretário de Direitos Humanos, Paulo Vannuchi. O documento diz que objetivo do conselho é o de "formular e propor diretrizes para ações do governo a nível nacional, visando combater a discriminação e promover e defender os direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais."

teclado, bateria ... claro que com auxílio de um profissional da música. Os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul são os estados que mais avançaram no trabalho com as questões de inclusão de alunos/as com D.A (deficiência auditiva), pela pouca experiência que tenho, por mais incrível que pareça, o estado de São Paulo, mesmo tendo uma escola/museu de referência neste trabalho, o colégio Helen Keller, uma escola que tem o nome de sua fundadora que alfabetiza e sonoriza alunos/as surdos/mudos em duas línguas, a de sinais e a língua portuguesa, ainda vem patinando na educação inclusiva de modo geral. Sou apaixonado pelo trabalho de intérprete, até me emociono em falar, até porque sou negro e homossexual e, como tal, sei bem o que é ser excluído pela sociedade, ainda mais depois de me tornar pai de santo da Umbanda. Vejo que os sujeitos portadores de qualquer deficiência, em especial os surdos, foram e são prejudicados ao longo da história, muitos são considerados como deficientes mentais, se a pessoa está em cadeira de rodas, as pessoas já a julgam incapaz de pensar ... enfim, deixam de frequentar o mercado de trabalho, salas de aula, passeios, porque o mundo, falando dos deficientes auditivos, não foi feito para eles/as, foi feito para ouvintes, um exemplo claro disso, é quando a defesa civil vai emitir um sinal de alerta de perigo, o sinal é sonoro, então indago, e quem não ouve? Morre? (S.R.A., I.S., 23 de setembro de 2017).

Admitir que somos diferentes para estabelecer a existência de uma diversidade cultural e social no Brasil, não é suficiente para opor-se a estereótipos e estigmas que ainda marginalizam milhares de indivíduos em nossas escolas e sociedade. Maria Vera Candau (2005, p. 19) afirma que:

Não se deve contrapor igualdade a diferença. De fato, a igualdade não está oposta à diferença, e sim à desigualdade, e diferença não se opõem à igualdade, e sim à padronização, à produção em série, à uniformidade, a sempre o “mesmo”, à mesmice.

Nas escritas de Silva (2014), apesar de não ser um ator ligado diretamente a História, podemos perceber em seus escritos que a diversidade biológica pode ser um produto da natureza, como no caso dos sujeitos com algum tipo de deficiência, mas o mesmo não se pode dizer sobre a diversidade cultural e social, pois, de acordo com o mesmo, a diversidade cultural não é um ponto de origem, ela é em vez disso um processo conduzido pelas relações de poderes constitutivos da sociedade que estabelece “outro” diferente do “eu” e “eu” diferente do “outro” como uma forma de exclusão, marginalização e intolerância ao diferente.

Refletindo sobre as memórias de S.R.A. e o início de sua carreira docente, como intérprete de alunos/as surdos/as, é possível perceber a mudança de contexto social a qual submeteu-se, ou seja, sair de um ambiente religioso para ganhar o mundo em busca de reconhecimento profissional totalmente destoado de sua trajetória até aquele momento. Dessa forma, podemos afirmar que a identidade não é definida

biologicamente, mas sim historicamente num constante processo de construção. Para Hall (2006), a identidade é o que “costura o sujeito à estrutura”; logo, é ela quem assegura a conformidade subjetiva, com as necessidades culturais. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos” (HALL, 2006, p.12-13).

De todos os lugares que trabalhei com formação de professores/as, o estado de São Paulo, principalmente no interior, é o espaço geográfico onde mais tive problemas com o preconceito. Percebi que as escolas pouco trabalham com questões relacionadas à diversidade, pouco se fala do empoderamento feminino, de orientação sexual, identidade de gênero, racismo, enfim, os assuntos abordados nos cursos de formação docente estão sempre relacionados a uma abordagem conteudista, voltado para o ensino da linguagem e matemática, desconsiderando temáticas que tratem de problemas sociais e culturais. Por ter uma visão mais contemporânea, muitos problemas interpessoais enfrentei ao iniciar a formação com a educação inclusiva, pois, não abordava apenas a Língua Brasileira de Sinais, aprender Libras é fácil, o difícil é compreender que trabalhar com alunos/as deficientes significa desenvolver o respeito ao outro, de aceitação ao diferente. Quando chegava nas escolas eu percebia alguns olhares de desprezo, pois, além de trazer um assunto diferente dos costumeiros, eu, um sujeito negro e homossexual, querendo ensinar como trabalhar com discentes portadores de deficiência auditiva, foi muito difícil de me posicionar enquanto profissional e me fazer respeitar. Teve uma escola que trabalhei aqui em meu município que descobri que assuntos sobre a cultura de raça (negros e índios) e que levem ao conhecimento da comunidade LGBT não são abordados em sala de aula como deveriam, pois, só se fala do negro como um sujeito que foi escravizado e que comemoramos o dia da consciência negra no dia 20 de novembro, ademais, questões ligadas a sua cultura, como a religião, são proibidos, haja vista que a doutrina africana é rotulada como magia e bruxaria, e que não se pode falar de religião na escola em respeito a diversidade de crenças existentes. Mas o que dizer das datas como páscoa e natal que são celebradas, prioritariamente, pelos católicos? Por quê são permitidas? Resumindo, como negro e homossexual posso dizer que estamos muito distantes de vivenciar uma educação democrática, onde todos/as tem seu espaço e liberdade de ser quem quiser ser. (S.R.A., I.S., 23 de setembro de 2017)

Na busca por respostas referentes ao racismo e homofobia, as entrevistas, nossos diálogos foram marcados por gestos, palavras e sentimentos que nos revelaram as angústias e as dificuldades enfrentadas pelo sujeito. Apresentar as memórias de S.R.A, permite afirmar que vivemos o preconceito cotidianamente.

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” na condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos- deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto. A escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes e adultos anunciem sem culpa ou vergonha, sem desculpas. O lugar do conhecimento, mantem-se, com relação a sexualidade, como lugar do desconhecimento e ignorância. (LOURO, 2000, p. 25).

Destarte, segundo os trechos da narrativa nos revelam, são necessárias ações educativas e políticas públicas que oportunizem a construção de uma sociedade justa e igualitária, e só se tornará possível a partir da aceitação das diferenças na estreita relação com o outro. As temáticas de igualdade, diversidade e inclusão são assuntos que causam desconforto e, sobretudo, desvelam as contradições histórico-sociais presentes na formação do povo brasileiro desde o processo de colonização e, sobretudo, durante o período de escravidão. Conforme afirma Cavalleiro (2000, p. 23):

O silêncio da escola sobre as dinâmicas das relações raciais tem permitido que seja transmitida aos(as) alunos(as) uma pretensa superioridade branca, sem que haja questionamento desse problema por parte dos(as) profissionais da educação e envolvendo o cotidiano escolar em práticas prejudiciais ao grupo negro. Silenciar-se diante do problema não apaga magicamente as diferenças, e ao contrário, permite que cada um construa, a seu modo, um entendimento muitas vezes estereotipado do outro que lhe é diferente. Esse entendimento acaba sendo pautado pelas vivências sociais de modo acrítico, conformando a divisão e a hierarquização raciais.

Não há políticas que fomentem esforços no trato a estas questões nas Unidades de Ensino, principalmente na formação de gestores que encontram-se a frente dos problemas sociais que circundam os espaços educativos. Portanto, muitos docentes, assim como nosso sujeito, enfrentam situações constrangedoras por não ter respaldo de seus superiores para o enfrentamento ao preconceito, neste contexto, a educação, escolarizada ou não, em sua maioria, torna-se um instrumento carregado de subjetividades que transborda intolerância, discriminação e preconceito.

3.3. De ex-seminarista a Pai de Santo: a trajetória da descoberta.

Quando era criança, ao me deitar para dormir, escutava passos dentro de casa, o piso era de madeira naquela época, então ficava com muito medo, pois, além dos passos, escutava vozes falando meu nome, com a sensação que alguém me cutucava e minha mãe achava que eu estava com manha para poder dormir junto com ela e meu pai. Ao ingressar no seminário, por ser um ambiente sagrado, achei que fosse acabar com essas alucinações, mas continuei vendo, ouvindo e sentindo esses fenômenos que se agravavam quando eu celebrava as missas (...) sentia fortes dores de cabeça, náuseas, vômitos e febre com temperatura muito alta. Achava muito estranho, visto que só aparecia os sintomas às quartas-feiras, dias estes que eram de minha responsabilidade o preparo da eucaristia e celebração da missa, deste modo, decidi procurar um médico e fiz vários exames, mas nenhuma patologia foi constatada que justificasse tais ocorrências, então o médico sugeriu um quadro de estresse. Em conversa com um colega do seminário, me aconselhou que procurasse um psicólogo, haja vista que poderia ser algo relacionado ao emocional, assim o fiz e comecei a fazer sessões de terapia e, após alguns encontros, por seguir a doutrina espírita, o terapeuta indicou-me

uma análise com um parapsicólogo³⁸ de sua confiança, pois, segundo ele, meu problema estava relacionado ao campo espiritual e não psicológico. No começo decidi suprimir meus sentidos e não busquei mais ajuda, porém, a situação se agravou, fiquei semanas na cama com febre alta sem explicação evidente, foi então que lembrei-me das falas do terapeuta e decidi procurar pelo parapsicólogo que, logo nas primeiras seções, revelou-me que eu tinha tendências a desenvolver a mediunidade. Pensei “esse cara deve estar louco, como um padre pode ser médium?” Depois dessa fala, nunca mais voltei até seu consultório, porém, os sintomas persistiam. (...) em uma viagem que fiz para Salvador/B.A, num congresso da igreja, passeando pela orla da praia de Itapuã, passei por um pai de santo que jogava búzios na praia, por curiosidade parei para ouvi-lo e deixei que jogasse-os para mim e, para minha surpresa, ele repetiu as mesmas palavras do parapsicólogo, mas acrescentou que se eu não desenvolvesse minha espiritualidade / mediunidade, eu poderia até pagar com minha própria vida. Fiquei muito assustado e preocupado, pensei “será que esse doido fez uma macumba para mim?” Pois cresci ouvindo isso, que essas pessoas sacrificam animais para fazer o mal para as outras e que cultuam entidades malignas. Quando retornei para o seminário, fui morar com o bispo conforme já relatei anteriormente e, depois de um tempo, decidi me afastar e retornar para junto de meus pais (...) fiquei um longo período sem servir a nenhuma religião, voltei a estudar e me dediquei integralmente à minha empresa, sempre viajando muito. Em uma dessas viagens eu resolvi visitar o padre da minha paróquia de infância na clínica de reabilitação, conversamos por horas e contei a ele os fatos ocorridos durante o período em que estive no seminário, inclusive as histórias de abusos e pedofílias, relatei sobre minhas seções com o psicólogo, parapsicólogo, minha ida à Bahia e tudo o que ouvi sobre minha possível mediunidade, perguntei o que ele achava a respeito e ele disse que deveria fazer o que meu coração mandava. No meu retorno para casa sofri um acidente de carro, atropelêi uma vaca na estrada e quase vim a óbito, até hoje me pergunto de onde ela surgiu, não cheguei a fazer ligação do atropelamento com as falas do pai de santo mas, quinze dias depois, voltando de uma viagem de trabalho, capotei o carro na estrada porque apaguei no volante, quando acordei, já no hospital, lembrei-me das falas de ambos profissionais que alertaram-me sobre a possível mediunidade, então pensei: “vou procurar uma ajuda espiritual, preciso de respostas”. Apesar do medo e receio pelo que poderia encontrar, resolvi visitar um terreiro de Umbanda situado em um município do Mato Grosso do Sul, divisa com o meu no estado de São Paulo, para conhecer e também atendendo a um convite de um amigo. Citei a palavra medo porque, como disse, cresci ouvindo que essas crenças são ligadas a “magia negra”, terminologia que carrega o preconceito até em seu adjetivo, pois associa a negritude com algo maligno (...). Ao contrário do que pensei, senti uma paz imensurável, foi então que comecei a frequentar o terreiro, com frequência, até me tornar Cambono³⁹ do Pai de Santo e fiquei como tal por três anos e, concomitantemente, estudava muito para conhecer a história, compreender os princípios e ideologias da religião a qual estava me doutrinando para, somente mais tarde, fazer a minha iniciação. Fiquei e sou apaixonado pela Umbanda, sofri muito preconceito da sociedade pela minha escolha, visto que falsas ideologias circundam sobre as crenças de origem africana que perpassam gerações. (S.R.A., I.S., 23 de setembro de 2017).

³⁸ Parapsicólogo é o especialista que atua na área da Parapsicologia que é uma pseudociência dedicada à investigação de supostos fenômenos paranormais e psíquicos. Seu propósito é a pesquisa científica de telepatia, precognição, retrocognição, clarividência, telecinesia, projeção da consciência, experiências de quase morte, reencarnação, mediunidade e outras reivindicações paranormais e sobrenaturais.

³⁹ Medium que ajuda a traduzir as falas e necessidades de uma Entidade dentro de um terreiro de Umbanda, como também é uma fase pra o medio ampliar seu conhecimentos. Um bom Cambono torna-se um grande Medium.

Ao analisar a trajetória de S.R.A ao que se refere a mudança de doutrina, foi possível perceber que ele faz parte de uma cultura na qual os sujeitos acreditavam que as religiões de matriz africana eram seitas que cultuavam entidades malignas, cujos trabalhos realizados tinham por objetivo fazer o mal para os supostos inimigos. Historicamente, no Brasil desde o período de colonização, os portugueses acreditavam que os cultos praticados dentro das senzalas eram seitas que destoavam das crenças ortodoxas, sendo assim, o termo atribuído é um modo pejorativo que descreve as práticas espirituais praticadas pelos africanos.

Para a coroa portuguesa a única religião reconhecida era a católica ortodoxa, visto que, no período do descobrimento e da colonização, padres jesuítas tinham a intenção de catequizar os índios e, posteriormente, os negros. Para os jesuítas, a catequização dos “pretos” e “pretas” era a salvação de suas almas, pois, vencer a ignorância sobre o poder de Deus, significaria a aceitação social. Mesmo tendo sua própria maneira de educar seus filhos/as e pertencerem a diferentes grupos organizacionais em suas culturas, sociedade, política, língua materna e religiosa, os nativos africanos, para evitar a perseguição, transformavam seus rituais em sincretismos católicos.

Mesmo sendo descendente de negros, segundo suas memórias, era desconhecido por nosso sujeito a raiz religiosa e doutrinas seguidas por seus ancestrais, pois, como consta em sua narrativa, sua família foi doutrinada pela igreja católica para reconhecer as ideologias cristãs como única e verdadeira, assim, podemos afirmar que a cultura eurocêntrica, trazida pelos nossos colonizadores, neste caso, atingiu seus objetivos, pois, de geração à geração a família foi moldada pela doutrina católica. Para Cardoso (2003, p. 133-134):

Nesta visão, os indígenas encontravam-se também num estado de menoridade espiritual e não somente de menoridade racional. Por isso, participar da civilização, ainda que como subalternos significava também a conversão ao cristianismo, a remissão dos pecados e a salvação da alma. E assim o conquistador aparece como indulgente, alguém que, por piedosa tolerância, vai inserir os indígenas na civilização e salvar suas almas, em troca da submissão de seus corpos ao trabalho escravo. E assim completou-se a justificativa da dominação: a civilização superior e a religião verdadeira. A cultura autoritária do colonizador era a única verdade em que residia a salvação da ignorância e do pecado.

Ao chegar no Brasil os/as negros/as foram obrigados a abandonar suas crenças e práticas culturais e religiosas, assim, fingiram aceitar as crenças católicas

transmitindo aos colonizadores uma ilusão catequética, pois com a imposição da cultura europeia e católica aos mesmos, a não aceitação implicaria em dias de tortura e sofrimento. Considerando que a religião é parte integrante da cultura de um povo, como resistir a imposição e manter as tradições sociais e culturais?

Para proteger os Orixás divindades africanas trazidas pelos Iorubas ao Brasil no início do século XIX da perseguição portuguesa, ou seja, dos colonizadores e suas falsas ideologias quanto ao culto praticado pelos africanos, o sincretismo religioso adentrou nas senzalas das grandes propriedades dos coronéis. Para que os/as negros/as pudessem disfarçar sua crença, camuflou-os debaixo dos santos católicos, ação necessária para a sobrevivência das crenças e das tradições africanas face a dominação cultural europeia.

Na cultura africana cultivar a ancestralidade de seu povo significa preservar suas memórias, neste contexto, a ancestralidade é um dos fatores mais relevantes na concepção de identidade que o sujeito constrói ao longo do tempo de sua existência, sobre si mesmo e os seus e aprende a afirmá-la e afirmar-se frente a sua fé.

Nesta perspectiva, Souza (1986, p.30) caracteriza a ancestralidade:

[...] para os povos africanos e seus descendentes, a ancestralidade ocupa um lugar especial, tendo posição de destaque no conjunto de valores de mundo. Vincula-se a categoria de memória, ao contínuo civilizatório africano que chegou aos dias atuais irradiando energia mística e sagrada. Integrantes do mundo invisível, os ancestrais orientam e sustentam os avanços coletivos da comunidade. A ancestralidade redefine a alegria de partilhar um espaço rodeado de práticas civilizatórias e o viver de nossos antepassados, conduzindo para um processo de mudança e enriquecimento individual e coletivo em que o sentimento e a paixão estão sintonizados com o ser e o comportamento das pessoas. A ancestralidade remete aos mortos veneráveis sejam os da família extensa, da aldeia, do quilombo, da cidade, do reino ou império, e à reverência às forças cósmicas que governam o universo e a natureza.

No trecho S.R.A cita a Umbanda como sua atual religião, porém, é uma doutrina relativamente nova, mas ao contrário do que se pensa, não é uma crença puramente africana, é o resultado sincrético da mistura do africanismo, cristianismo, indianismo, kardecismo e orientalismo. Foi batizada com este nome por Zélio Fernandino de Moraes, em 1908, um carioca de características europeias, que descobriu-se médium aos 17 (dezesete) anos em uma seção espírita.

Zélio começou a manifestar comportamentos estranhos que destoavam da realidade terrena, ora sua voz transparecia de um velho que, aparentemente vivera em

outra época e ora parecia uma espécie de felino. Após passar por diferentes opiniões médicas, um amigo da família, conhecedor de medicina, aconselhou-os a procurar uma igreja, pois a única explicação seria a possessão por um demônio. No caminho da igreja, passaram pelo centro espírita e resolveram adentrar-se, após explicar a situação, Zélio foi convidado a sentar-se na mesa dos médiuns para participar da sessão presidida por José de Souza. Durante os trabalhos, os médiuns incorporaram espíritos que se intitulavam negros escravos e índios. Imediatamente, o presidente da sessão solicitou que se retirassem, justificando que eram entidades atrasadas espiritualmente e não contribuiriam em nada, pois no período encarnado, não adquiriram cultura e conhecimento intelectual.

Zélio, nesta mesma sessão, tomado por uma força desconhecida, manifestou-se externando sua indignação ao ato, questionou os motivos de José de Souza em não permitir que os espíritos transmitissem a mensagem que vieram trazer e cumprir sua missão, em seu manifesto, questionou se os motivos faziam alusão a suas origens sociais e de cor.

Os médiuns presentes questionaram a procedência da entidade incorporada, visto que não entendiam como poderia defender a permanência de espíritos sem grau de cultura. De imediato, veio a resposta: “Se é um nome que querem, eu sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas⁴⁰, porque para mim os caminhos jamais se fecham”. Declarou ainda que sua missão espiritual seria de dar voz aos espíritos julgados como atrasados de índios/as e pretos/as, assim declarou a nova religião, que acolheria os humildes oportunizando igualdade entre todos, como deveria ser, entre encarnados e desencarnados.

Deus, em sua infinita bondade, estabeleceu na morte o grande nivelador universal, rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos se tornam iguais na morte; mas vocês, homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar essas mesmas diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço, se, apesar de não haverem sido socialmente importante na Terra, também trazem importantes mensagens do além? (JUNIOR, 2013, p.12)

O Caboclo das Sete Encruzilhadas normatizou o culto a partir de então, as sessões seriam de duas horas, com atendimento gratuito e os participantes deveriam

⁴⁰ Caboclo das Sete Encruzilhadas foi Padre em outra encarnação, chamado Gabriel Malagrida, acusado de bruxaria, foi sacrificado na fogueira da Inquisição em Lisboa no ano de 1717. Em sua última existência nasceu como Caboclo brasileiro.

utilizar vestes brancas, com rituais simples, com cânticos baixos e sem uso de palmas, instrumentos e sacrifícios. Com o passar dos anos, a diversidade ritualística foi acrescentando outros elementos, mas sempre pautados na caridade e amor ao próximo.

Quando as estruturas sociais foram dissolvidas pela escravidão, os antepassados perderam seu lugar privilegiado no culto, sobrevivendo marginalmente no novo contexto social e ritual. As divindades mais diretamente ligadas às forças da natureza, mais diretamente envolvidas na manipulação mágica do mundo, mais presentes na construção da identidade da pessoa, os orixás divindades de culto genérico, essas sim vieram a ocupar o centro na nova religião negra no território brasileiro. (PRANDI, 2006, p. 96).

Nesta perspectiva, religiosidade, virtude e humanismo não significa apenas os que pregam os ditos detentores da verdade, que exigem obediência, submissão, castidade e servidão aos interesses politicamente intrínsecos, mas simbolizam amor ao próximo, respeito às diferenças e caridade, sentimentos raros na sociedade contemporânea que, antes de conhecer, estabelecem o julgamento e inferiorizam a subjetividade do outro.

Por toda coibição sofrida por minha escolha, decidi estudar e me aprofundar nas religiões de matriz africana e afro-brasileira, pois, tinha a necessidade de entender o significado dos elementos que constituem tais crenças, como os símbolos, alimentos, entidades, guias espirituais, orixás, enfim, comprei vários livros e mergulhei nas pesquisas. O tempo em que me dediquei como Cambono foi de grande aprendizado, visto que o mesmo é um médium em desenvolvimento, servindo de mensageiro entre a entidade incorporada e o médium, para que, posteriormente ao período de incorporação, estabeleçam um diálogo a fins de preparar os trabalhos a serem realizados, como as oferendas, jejuns, entre outros que sejam do agrado do guia espiritual. Foi um período crucial para o desenvolvimento da minha mediunidade, onde ocorreu a primeira incorporação e, conseqüentemente, a iniciação (batismo) na religião nos moldes tradicionais, ou seja, na Umbanda meu pai de cabeça é o Caboclo Boiadeiro, o espírito de um índio desencarnado, no Candomblé, a cabeça foi feita e raspada por Ogum⁴¹. Para melhor explicitar, ambas as linhas religiosas trabalham com orixás, porém, no Candomblé, a maioria dos pais de santo não incorporam os guias espirituais, eles trabalham diretamente

⁴¹ Na África, a organização teológica funciona de modo diferente à forma como se desenvolve a religiosidade afro no Brasil. Lá, as pessoas acreditam que a divindade Iorubá é um ancestral comum aos moradores da tribo, cidade, ou etnia e não como uma divindade, como o é no Brasil. No caso, grande parte das pessoas que praticam as religiões "tradicionais" da região de Obéocutá, acreditam que Ogum seria seu ancestral divinizado. Quanto ao mito, Ogum é lembrado como conquistador e caçador, como quem sempre defendeu os seus e sempre proveu de alimentos sua tribo. Contudo, no Brasil seu mito muda de aspecto, devido a lógica da escravidão, os africanos acabam por exaltar outros aspectos desta divindade, de forma a contemplar seus anseios, buscando se livrar dos castigos dos seus senhores, passavam então a privilegiar o aspecto guerreiro e violento da divindade. Ogum é o guerreiro, general destemido e estratégico, é aquele que veio para ser o vencedor das grandes batalhas, o desbravador que busca a evolução. Defensor dos desamparados, segundo a lenda, Ogum andava pelo mundo comprando a causa dos indefesos, sempre muito justo e benevolente. Ele era o ferreiro dos orixás, senhor das armas e dono das estradas. Irreverente, pois é um orixá valente, traz na espada tudo o que busca.

com os orixás por meio de jogos de búzios e tarôs, na Umbanda a incorporação é obrigatória e ocorrem com entidades como Caboclos, Pretos Velhos, Marinheiros, Ciganos, etc. (...) e todos prestam seus serviços nas linhas de esquerda e direita, para o mal e para o bem, tudo depende de como o pai de santo doutrina seus orixás, de como deseja conduzir sua casa/terreiro, existem aqueles que trabalham especificamente para a linha esquerda, como os Exus e as Pombas Giras. Há estabelecimentos, se é que posso chamar assim, que trabalham nas duas linhas, o que contribui no fortalecimento do preconceito da sociedade para com a religião, mas não podemos generalizar, eu sempre explico as pessoas que me procuram para realizar um trabalho que o orixá é uma energia, assim como os guias, uma energia que vem trabalhar no corpo do médium e esta força que trazemos para dentro do terreiro e, o que a pessoa pedir, a entidade trabalhará para atender, porém, existe a lei do retorno, se pedir o mal vai recebê-lo futuramente, não na mesma moeda e nem na mesma hora, mas um dia terá que pagar a conta. Na minha casa não trabalhamos com a linha de esquerda, pois sei das consequências, faço oferendas em encruzilhadas de comidas e bebidas, mas apenas para fazer o bem, as oferendas são alimentos para os guias, são a energia para que possam trabalhar e, as velas, iluminam as almas perdidas que muitas vezes atrapalham o caminho com sua escuridão, enfim, o preconceito da sociedade é por pura ignorância, falo no sentido semântico da palavra, visto que a Umbanda foi fundada no princípio do amor e da caridade, de purificação espiritual. (S.R.A., I.S., 10 de outubro de 2017)

Apesar de ser intitulada, por falta de conhecimento, como uma religião de matriz africana, ela é na verdade, conforme descreve o nosso sujeito, um sistema religioso brasileiro formado por diversas matrizes e, por isso, é caracterizada como uma religião sincrética afro-brasileira.

Em sua narrativa, S.R.A no oferece uma noção do trabalho realizado nos centros de Umbanda e os princípios que a doutrina preserva, descreve ainda que, em alguns casos, pais de santo fazem uso dos guias espirituais para trabalhar na linha esquerda que contradiz os princípios ideológicos da Umbanda desde sua fundação, o que contribui ao fortalecimento do preconceito social para com a crença. Ainda em sua narrativa, é possível compreender o misto religioso que constitui a doutrina umbandista, misturando elementos de diferentes crenças e culturas, conforma o quadro:

Quadro 6 – Diferentes matrizes da Umbanda.

MATRIZES	ELEMENTOS MAIS CONHECIDOS
Africanismo	Culto aos Orixás, trazidos pelos negros escravos, em sua complexidade cultural, espiritual, medicinal, ecológica, etc.; culto aos Pretos Velhos.
Cristianismo	Uso de imagens, orações e símbolos católicos (a despeito de existir uma Teologia de Umbanda, própria e característica, algumas casas vão além do sincretismo, utilizando-se mesmo de dogmas católicos).
Indianismo	Pajelança; emprego da sabedoria indígena ancestral em seus aspectos culturais, espirituais, medicinais, ecológicos, etc; culto aos caboclos indígenas ou de pena.
Kardecismo	Estudo do livro da Doutrina Espírita, bem como de sua vasta bibliografia; manifestação espíritos e suas egrégoras, mais conhecidas no meio espírita (como os médicos André Luiz e Bezerra de Menezes); estudo sistemático da mediunidade; palestras públicas.

Orientalismo	Estudo, compreensão e aplicação de conceitos como prâna, chakra e outros; culto à linha Cigana (que em muitas casas vem, ainda, em linha independente, dissociada da chamada Linha do Oriente).
---------------------	---

Como é possível perceber, a Umbanda faz uma justaposição de diferentes crenças e seus elementos espirituais, além deste Sincretismo, ela é amparada por um tripé formado pelos Caboclos, Pretos Velhos e Crianças, cada um com sua representatividade:

- Caboclo: representam a luz e a energia / mesa branca; são espíritos de caçadores, feiticeiros, justiceiros e parteiras;
- Preto Velho: São espíritos desencarnados de muita luz e sabedoria, escravos que evoluíram por meio de muita dor e sofrimento, de alta espiritualidade;
- Crianças: representam a alegria, pureza e ingenuidade, desencarnaram cedo, portanto, são almas limpas e de muita energia espiritual.

Na Umbanda cada médium tem seu Orixá de cabeça e seus falangeiros, no caso do sujeito da pesquisa, seu Orixá pai é Ogum (Sincretizado com São Jorge) a mãe Iemanjá (Sincretizada com a Nossa Senhora dos Navegantes). Estes Orixás são os ancestrais, subordinados a Jesus Cristo, governador do planeta na doutrina espírita, e podemos estabelecer uma analogia com os Apóstolos.

Dos Guias Agregados, o Caboclo Boiadeiro é quem se manifesta junto a Ogum nas sessões do Pai de Santo S.R.A e, através dele, os trabalhos e aconselhamentos são realizados àqueles/as que os procuram. Outros guias e entidades podem se manifestar, depende da necessidade de cura e/ou busca espiritual do frequentador da casa. Não existe bem ou mal na crença umbandista, mas sim a lei de ação e reação, tudo o que se planta se colhe.

Os médiuns são funcionários dos Orixás, se o trabalho encomendado for trazer malefício para alguém, o retorno virá para quem o encomendou, assim, em todos os atendimentos, o Pai de Santo deixa o sujeito consciente dos riscos/benefícios, enfim, por ser uma religião pautada no amor e caridade, muitos confundem os trabalhos com magias, mas nunca questionam as promessas feitas aos Santos Católicos, as penitências e sacrifícios que se faz para alcançar o desejado, então porque se julga tanto os trabalhos e as oferendas feitas aos guias, entidades a aos Orixás? Mais uma reflexão que propomos em nossa pesquisa e, a resposta, está em cada um de nós.

3.4. O preconceito social e o empoderamento religioso.

Nesta parte da seção trataremos das memórias referentes a passagem da vida de nosso sujeito em que se empodera da cultura religiosa umbandista e os enfrentamentos sob os discursos de preconceito vivenciados pela sociedade, tanto no âmbito familiar, quanto profissional.

Historicamente falando, as religiões que diferem da doutrina espírita, tem imenso preconceito para com seus seguidores, mesmo que hoje essa questão esteja um pouco mais amena, ainda encontra-se latente em sujeitos mais conservadores. Lembro-me com clareza da minha infância quando minha mãe pedia para eu despistar as pessoas que batiam em nossa porta aos finais de semana para pregar sobre a entrada no paraíso, para ludibriá-los, ela pedia para falar que éramos macumbeiros, o engraçado é que funcionava, rapidamente eles saíam do portão de casa, hoje em dia brinco com minha mãe dizendo que as palavras dela se profetizaram. Ela não é frequentadora do meu centro, fundado em 2014, pois continua firme na religião católica, indo às missas todos os domingos, participa das procissões e todas as comemorações da igreja, porém, não admite que ninguém fale mal da minha crença e do fato de ser homossexual, mas infelizmente, a sociedade de um modo geral se mostra intolerante a tudo e a todos/as que desarmoniza os padrões culturais eurocêntricos e heteronormativos impostos pelos colonizadores europeus ao longo história. Quando me tornei pai de santo, ao contrário da sexualidade, não escondi da sociedade minha escolha, atribuo esta postura pelo fato de estar mais maduro e fortalecido espiritualmente, ou seja, por ter minha identidade já rebustada, visto que enfrentei várias situações de preconceito nas escolas que trabalhei, tanto de alunos/as quanto de professores/as, todavia, pior foram dos/as colegas de trabalho cujos discursos eram bem intensos. Costumo dizer que o/a aluno/a está na escola para aprender e que, por mais que ele/a não seja uma tábua rasa, que já traga alguns pré-conceitos socialmente adquiridos, quando desmistificamos essas ideologias contextualizando historicamente assuntos discutidos da atualidade, a devolutiva sempre aconteceu de forma positiva. Não posso dizer o mesmo em relação aos colegas de trabalho, cito uma experiência que tive, muito constrangedora aliás, em uma Unidade Escolar que trabalhei, onde surpreendi uma professora, branca e hétero, falando mal da minha religião, cor e orientação sexual para os/as outros/as professores/as, ela fez insultos hostis referindo-se a minha pessoa como “além de ser preto é bicha e macumbeiro”, como se todos estes atributos fossem desonra. Respirei fundo e perguntei a ela se algum dia me viu falar dela por ser branca, hétero e evangélica! Respondeu que não, então questionei quem agradava mais a Deus, se eu que minha religião prega o respeito, tolerância, amor e caridade ou ela que não respeita as diferenças, é racista e preconceituosa (...). não satisfeita, indagou que as religiões de matriz africana fazem sacrifício de animais, foi então que interpelei sobre o fato de comer carne de vaca, peixe, frango, entre outros, pois também são sacrificados para que possamos nos alimentar e que, se assim fosse, os frigoríficos seriam casas de macumba (...). A única diferença que podemos estabelecer neste caso, é que alimentamos as entidades com o sangue dos animais, visto que, para os orixás o sangue simboliza vida, a carne nós comemos, comida é vida, energia e sustentação, não há desperdícios. No centro há alguns alimentos que servem de oferenda aos guias espirituais, claro que não ingerem, mas se alimentam da energia que eles emitem e, os restos, levamos à natureza para alimentar o solo e os outros animais que dependem dela para sobreviver. Sem respostas a professora calou-se e nunca mais ouvi falar nada a respeito, ao menos em minha presença, porém, posso afirmar que a discussão foi positiva, pois os docentes que estavam presentes, inclusive ela, passaram a me tratar com mais respeito. (S.R.A., I.S., 10 de outubro de 2017).

Como é possível perceber, os relatos de S.R.A nos revelam um discurso muito comum na sociedade, discurso este que marginaliza sujeitos que destoam dos padrões normais estabelecido historicamente pelos colonizadores portugueses, trazendo à tona, concepções do negro/a como descendentes de escravos/as, do homossexual como um pecador que anda na contramão do que a doutrina cristã prega e de que as religiões de matriz africana e/ou afro-brasileira estão relacionadas a forças malignas.

No caso dos negros/as, mesmo após a abolição da escravidão, continuaram enfrentando problemas para inserir-se na sociedade, pois, na mesma época, o governo republicano defendia os interesses dos coronéis cafeicultores e iniciaram uma campanha de branqueamento da população, vislumbrando eliminar a herança biológica e cultural africana.

Para a elite brasileira o negro, por conta do seu “caráter bárbaro” e “estado de selvageria”, era um empecilho à formação de uma nação, pretendida o mais próximo possível da civilização. Portanto, o negro deveria ser excluído da sociedade brasileira, sendo proibida a sua entrada no país. O ideal da formação étnica brasileira seria a pureza da raça branca. Por isso, concomitantemente à eliminação do negro, a imigração europeia foi incentivada com o intuito de promover o branqueamento da população. O governo republicano, além de incentivar, destinou recursos próprios para a imigração europeia, proporcionando, em grande medida, a exclusão dos negros do mercado de trabalho formal. (MATTOS, 2012, p. 186)

Em relação a homossexualidade, não diferente das questões de raça, o preconceito e intolerância circundam posturas conservadoras, principalmente em sujeitos encurralados pelos ideais religiosos, portanto, na maioria dos casos, a ocultação é a principal estratégia utilizada por gays para lidar com seus estigmas sociais, objetivando a preservação de atitudes destrutivas.

Ligada a cultura africana ou afro-brasileira, assumir-se frequentante de uma religião sincrética significa desconfigurar-se da cultura dominante, haja vista que a religião é a alma da cultura e esta relação é tão latente que quando um povo, no caso os europeus nossos colonizadores, tentavam impor sua cultura a outro (africanos/afrodescendentes), estavam desestruturando a identidade deste povo.

A religião é a fonte de energia necessária à sobrevivência da maioria dos indivíduos, visto que, aos que creem, ao se colocarem em contato com Deus, adquirem forças para superar os percalços da vida. Neste contexto, como saída para sua fé, ao chegarem no Brasil os africanos buscaram no sincretismo para estabelecer um ponto de

equilíbrio entre o caos e a ordem, entre os dominantes e os dominados que, mesmo de forma escamoteada, preservaram seus valores e cultos religiosos.

Mesmo que a Umbanda tenha passado por um processo de branqueamento na década de 70, pois foi sofrendo alterações e se adaptando as transformações sociais e políticas da época para receber alguns benefícios e privilégios de atuação e legalização dos terreiros e casas, com o avanço do protestantismo na década de 80, voltou a ser desmoralizada e demonizada por seus valores estruturais e doutrinários advindos das raízes africanas e indígenas, valores estes determinantes até os dias atuais.

Para Oro (1997) a intolerância e demonização das crenças de matriz africana praticada por outras religiões, configura-se crime de racismo⁴² e heterofobia⁴³ produzindo violência e agressividade.

3.5. A Umbanda, a livre orientação sexual e a construção do sujeito S.R.A.

A entidade que se manifesta nas seções espíritas quer a energia do indivíduo, sua essência e não sua sexualidade, para ela pouco importa o gênero biológico. No meu centro, por exemplo, não existe homem e mulher, existe o pai e os/as filhos/as (...) sou casado e meu marido, dentro da casa, é meu irmão de fé. Como pai de santo dou banho nos/as filhos/as da casa e, o corpo, é como se não existisse, para os orixás assentados não importa se é rico ou pobre, gordo ou magro, trabalhamos com a energia e a essência espiritual das pessoas. Diferentemente da minha experiência como padre que, mesmo sendo comum as práticas homossexuais dentro do seminário, tinha que esconder da sociedade minha orientação sexual por ser uma prática mascarada e condenada pelo alto clero, na Umbanda os meus desejos e identidade não importam, pois o amor ao próximo independe das nossas escolhas. Mesmo com a visão contemporânea do papa Francisco, até porque se for diferente a igreja deve fechar suas portas, ainda há resistência na aceitação da comunidade LGBT por parte dos fiéis mais conservadores. Se fizermos uma análise histórica do primeiro registro da prática homossexual na civilização, veremos que essa prática já existia desde a Grécia Antiga, visto que os Deuses relacionavam-se entre si quando buscavam o sexo por prazer, as mulheres eram apenas objeto de procriação e, infelizmente, a igreja ainda alimenta essa ideologia da submissão feminina, bem como a constituição formada pelo gênero masculino, feminino e sua prole, condenando assim a prática sexual por prazer. (...) vejo circulando nas redes sociais e, por incrível que pareça, compartilhado por docentes, imagem e frases que fazem alusão a ideologia de gênero, li uma desses dias que dizia “Católicos e Evangélicos contra a ideologia de gênero!” Estão disseminando esses absurdos em consideração as discussões acerca da elaboração da nova

⁴² O crime de racismo no ordenamento jurídico brasileiro, é um crime imprescritível e inafiançável e sujeito à pena de reclusão, que é o tipo de regime mais severo por ser totalmente fechado, cumprido com o indivíduo preso em tempo praticamente integral. Imprescritível, porque não existe lapso temporal previsto para que a atividade persecutória do Estado, a ser desenvolvida por meio de sua função jurisdicional, se encerre. Inafiançável, pois não cabe o arbitramento de fiança, que é uma quantia a ser paga em espécie, para que o sujeito possa aguardar em liberdade o julgamento do ato delituoso praticado por ele, conforme determina o art. 5º, inciso XLII, da Constituição Federal de 1988 e a lei nº 7.716/89.

⁴³ É o tipo de fobia que determina aquele que teme o diferente de nós.

BNCC⁴⁴, como se existisse a possibilidade de doutrinar a sexualidade de alguém dentro das escolas ou como se a própria sociedade fosse capaz de fazer. É muito consternante vermos, em pleno século XXI, professores/as com essa mentalidade, na verdade, temos que ter compaixão dessas pessoas, pois nem o que se prega em um dos dez mandamentos, são capazes de colocar em prática, “amar ao próximo como a si mesmo”. Na graduação eu tive um professor que me levou a uma reflexão muito pertinente, ele disse em uma de suas aulas: “Será que Jesus não era homossexual? Por que escolheu ser seguido por 12 apóstolos do sexo masculino?” Fiquei bastante pensativo com esta indagação, pois me questioneei se não seria pecado questionarmos a verdadeira história da civilização e seus escritos, porém, ao considerar que a bíblia defende os interesses de quem a produziu, sendo carregada de subjetividade, acredito que não há verdade absoluta sobre nossa história, portanto, faz sentido as indagações de meu professor, pois se Jesus Cristo é amor, não há porque condenar seres humanos ao pecado apenas por ser gay. (...) Quando, de fato, compreendi que era homossexual e, por isso, me sentia diferente dos meus colegas, não sabia como lidar com aquela descoberta, esse foi um dos motivos que fui para o seminário! Se nos dias atuais nós sofremos preconceito, imagina há 20 anos atrás! Ser gay naquela época significava ser um bicho de 7 cabeças, por isso resolvi me esconder para não sofrer! Portanto eu afirmo sempre, a religião me ajudou muito a aceitar-me, assumir-me e enfrentar as agruras impostas pela sociedade, tenho orgulho de ser quem eu sou, a Umbanda faz parte dessa história que eu constitui. (S.R.A., I.S., 10 de outubro de 2017)

Mediante o presente discurso é possível aprofundarmos a discussão sobre a constituição da identidade do sujeito homossexual e como ela está relacionada à criação da sexualidade como delimitadora da essência das pessoas, haja vista que a imagem que se tem de si próprio está associada a ideia da identidade social.

Ao contrário do que deveria ser, o processo da construção identitária resulta, em partes, do processo de categorização de pessoas por meio de valores estereotipados, ou seja, da mulher delicada e do homem bruto, onde ambos relacionam-se para fins de procriação e constituição da humanidade. Outro estereótipo a ser exemplificado é o que se atribui ao negro/a, categorizado como forte, sensual e com tendência a marginalidade, enfim, valores estes pré-existentes que constitui a identidade e a posiciona (HEILBORN, 1996, p. 137).

Por meio da internalização, o próprio sujeito, mesmo que de forma inconsciente, apropria-se destes atributos e martiriza-se ao torná-los parte de sua subjetividade.

Para Ciampa (2005, p.131) “Interiorizarmos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso. A tendência é nós nos predicarmos coisas que os outros nos atribuem”. Neste contexto, omitir a orientação sexual para proteger-se

⁴⁴ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que visa nortear o que é ensinado nas escolas do Brasil inteiro, englobando todas as fases da educação básica, desde a Educação Infantil até o final do Ensino Médio.

do preconceito social é a principal estratégia que membros de grupos LGBTs encontram para lidar com o estigma atribuído, não só da sociedade, mas também da família. Ainda, como assinala Guattari (1987, p. 34)

[...] o homossexualismo ainda continua ligado a valores e aos sistemas de interação da sexualidade dominante. Sua dependência da normalidade heterossexual se manifesta por uma política do segredo, uma clandestinidade alimentada pela repressão e também por um sentimento de vergonha ainda vivo nos meios “respeitáveis”.

Segundo S.R.A, preconceito e discriminação se encontram disseminados, explícita ou dissimuladamente, em todos os lugares e religiões. Contudo, se equiparado com outras religiões, as crenças espíritas, em específico as afro-brasileiras, tem se mostrado mais abertas aos homossexuais. Não há um discurso favorável, mas também não há um discurso contrário à homossexualidade, pois, segundo nosso sujeito, no mundo espiritual os sexos são inúteis, nas casas e terreiros de Umbanda, tolera-se, acolhe-se e aceita-se, mas com reservas e respeito. Tradição, contradição e tabu compõem o diversificado painel religioso afro-brasileiro, sendo que a “regra do orixá” não prevê, como vimos, a regulação das condutas humanas nem tampouco rejeita o mundo profano e secular (PRANDI, 2006).

Estou casado há 6 anos, conheci meu esposo num evento em São Paulo da APEOSP⁴⁵, ele estava fazendo demonstração de produtos de beleza neste evento, conversamos e trocamos telefone. Parece que nos conhecíamos há séculos, tanto que em menos de dois meses trouxe ele para morar em minha cidade e arrumei emprego para ele num salão de cabeleireiro de uma amiga. A família dele mora em um sítio no interior do Mato Grosso do Sul e, antes de resolvermos morar juntos, fui com ele visitar seu pai, apesar de já estarmos num relacionamento sério, me apresentei à família como amigo, pois, meu marido morria de medo de contar para seu pai sobre sua orientação sexual, visto que seu pai é evangélico daqueles bem fundamentalista e, sua mãe suicidou-se quando ele tinha cinco anos, apesar de meu sogro estar em outro relacionamento, nunca superou a perda da esposa, deste modo, tínhamos receio de fazê-lo sofrer ainda mais. Quando decidimos montar uma casa e morar juntos, minha família aceitou bem, no caso da família dele enfrentamos alguns problemas com a madrasta e com os irmãos de criação, tanto que foi a madrasta quem contou sem o nosso consentimento, ela disse ao meu sogro que tinha algo de errado em nossa “amizade”. Em uma das visitas, o pai do meu marido nos encostou na parede e tivemos que contar, porém, para surpresa do restante da família, ele reagiu até bem, não sabemos se é pelo fato de sempre ter morado em sítio, sem muito contato com as pessoas e com a mídia, pois nem energia tem, ou se é pelo fato de meu marido ser ser único filho legítimo e o elo entre ele e a esposa falecida! Para nós, o que importa é que vivemos bem e em harmonia. Nesta época eu já frequentava o centro de Umbanda e, meu esposo, mesmo

⁴⁵ APEOESP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo.

sem ser iniciado ainda, frequentava comigo. Não contamos, naquele momento, que era filho de santo ao pai dele, seria muita informação ao velho (...) eles ficaram sabendo quando a mulher do meu cunhado teve um bebê que, após sete dias de nascido, ficou muito doente e médico nenhum conseguia descobrir a patologia. Sem ninguém saber, consultei meu orixá e ele me revelou que a criança precisava ser benzida o quanto antes, pois sofria com o Mal de Simioto⁴⁶, em seguida contei para meu marido sobre os riscos de morte que o bebê corria, de imediato, decidi contar para seu irmão sobre a revelação que nos autorizou a fazer os trabalhos junto a uma benzedeira. A criança ficou totalmente curada após alguns meses de tratamento, depois da cura, revelamos para todos nossa fé e doutrina religiosa. No começo era perceptível o cuidado que tinham para conversar conosco sobre assuntos de trato religioso, até que um dia eu disse que não tinha necessidade daqueles cuidados, visto que cremos no mesmo ser maior que é Deus, porém, cultuamos de formas deferentes. Hoje meu sogro me agradece muito por tudo que eu fiz e faço pelo filho dele, pois, quando ele veio morar na minha cidade, nem documento ele tinha, sempre foi um excelente profissional da beleza, mas dispunha de imensa fraqueza para correr atrás de seus sonhos, tanto que nos dias atuais, além da minha profissão docente, temos um salão de beleza com cinco funcionários/as, uma loja de cosméticos, temos nosso centro para difundir nossa crença, nossa casa, carro (...), enfim, temos uma vida maravilhosa e devo tudo isso a minha fé e a Umbanda. Costumo dizer que a religião nunca me deu dinheiro e nem riqueza, mas me deu felicidade e paz de espírito, minha fé é o combustível para trabalhar e enfrentar os problemas da vida de forma mais leve, com dignidade e sabedoria. A função da Umbanda é abrir caminhos, nortear nossas ações para superar os obstáculos, tirar as energias negativas para que possamos prosperar, por meio da caridade e do amor ao próximo, todos os meses fazemos trabalho voluntário na Ala do SUS no hospital da cidade, levamos toda nossa equipe do salão para elevar a autoestima de pessoas adoentadas e tão desesperançosas, saímos de lá mais leve e com muito mais vontade de trabalhar, agradecendo a Deus e a nossos guias o dom da vida e pela nossa saúde, esse é o papel da religião, fazer o bem sem olhar a quem, conseqüentemente, os caminhos e as portas se abrem. Por mais que eu tenha minha empresa e que ela me de bons lucros, não abro mão de trabalhar na educação, acredito, que de alguma forma, posso contribuir para a transformação e formação dos sujeitos, gosto da sala de aula e do contato com os/as alunos/as, dos desafios que a profissão me propõe, principalmente quando nas aulas discutimos temas polêmicos que circulam no mundo (...) os debates são extremamente enriquecedores e, como docente, acho que estou contribuindo na desconstrução de algumas ideologias e discursos do mundo objetivo, auxiliando na constituição subjetiva dos indivíduos. A falta de informação leva a posturas errôneas e distorcidas, principalmente quando se trata de crenças tão marginalizada como as afro-brasileiras, as pessoas ainda me procuram clandestinamente com medo e vergonha de se expor, como meu centro fica no centro da cidade, muitas vezes atendo de madrugada para não deixá-las desamparadas, principalmente quando se trata de alguém de classe média-alta. Não vejo as pessoas se esconderam para frequentar o centro Kardecista, lá encontramos todos os tipos de gente, ninguém sente medo ou vergonha, como nossa religião é um misto de doutrinas, mas prioritariamente nas crenças associadas a cultura africana e indígena, onde o sincretismo surgiu de dentro das senzalas, creio que assim como o racismo, nossa crença é subjulgada por fazer parte dessa cultura. Por que as pessoas não tem

⁴⁶ O Mal de Simioto não é reconhecido pela medicina. Sabe-se apenas que ele pode estar ligado a parasitas e que a forma mais eficaz de combatê-lo ainda é com os tratamentos alternativos. A maior parte dos tratamentos para combater a Doença do Macaco é feita através de chás e ervas. Dependendo da localidade, as pessoas também recorrem às benzedeiras ou curandeiras.

preconceito com o Chico Xavier? Porque ele era branco (...)! Por que as pessoas tem preconceito conosco? Porque a maioria dos pais de santo, pelo menos os que conheço, e não são poucos, são negros e homossexuais. Resumindo, o que posso dizer a respeito da minha religião, profissão e orientação sexual é que sou um ser humano que batalhou a vida toda para alcançar seus objetivos, sou um profissional realizado e acredito que tenho muito a oferecer enquanto docente para uma educação mais justa e de qualidade, tenho uma linda família e prezo muito por ela, o centro que é o local onde me sinto mais realizado, pois é através dele que renovo minhas forças para seguir em frente. (S.R.A., I.S., 10 de outubro de 2017)

Em um movimento constante entre a sociedade e a cultura que a permeia, principalmente no âmbito religiosos e profissional, o relato de S.R.A evidencia a capacidade dos sujeitos em se manifestarem como queiram mesmo em condições inaptas, como foi possível perceber nas narrativas o momento da revelação para a família de seu esposo e demais espaços sociais. S.R.A “fazendo uso inclusive dos próprios meios destinados a aniquilá-las” (CHARTIER, 1995, p. 182), conseguiu se empoderar de sua identidade.

No amplo horizonte das vivências relatadas, nosso sujeito revela algumas experiências que contribuíram para a sua constituição identitária, não só como pessoa, mas também como profissional. É possível dizer que, por sua trajetória, mesmo que de forma indireta, essas vivências contribuíram para formação de práticas pedagógicas interculturais, pois se deram em seu ambiente familiar e nas situações de preconceito e racismo dentro e fora do núcleo educacional, vivências que se tornaram o alimento para contribuir na formação de práticas sociais mais justas e igualitárias em seu papel docente.

CONSIDERAÇÕES

O texto aqui apresentado é resultado de um processo de pesquisa que, como uma boa pesquisa, ainda deixa muitos questionamentos e lacunas serem estudados, portanto, longínquo encontra-se os argumentos de conclusão, porém, é importante salientar a importância da busca constante por bibliografias e referenciais teóricos de qualidade que permitam um dialogar para tentar compreender as subjetividades das experiências individuais numa proposta de pesquisa em História Oral com foco na História de Vida, pois quando se trata de memórias este paralelo torna-se fundamental para a real compreensão do contexto histórico dos fatos narrados. Esta pesquisa valeu-se dos fundamentos da história oral contribuindo para o cenário historiográfico da História, Sociedade e Educação⁴⁷, especialmente nas questões ligadas as relações étnico-raciais e de livre orientação sexual em um município do Noroeste paulista.

Para tal reflexão a discussão estabelecida busca na micro história onde, quando e como se deu a relação de poder da doutrina cristã para com o sujeito histórico, no caso S.R.A., cuja intolerância aparecem em alguns grupos sociais principalmente nos núcleos formativos como família, escola e igreja e como esta relação reflete na nova história cultural do Brasil. Buscamos também estabelecer um paralelo com a micro história por meio da História de Vida, pois, através de um sujeito singular analisamos de que maneira tais estigmas influenciam na construção da identidade deste indivíduo e qual o papel da sociedade como um todo neste percurso de formação.

Por meio da História Oral de Vida foi possível identificar discursos conservadores religiosos que valorizam sua doutrina em detrimento de outra, principalmente em relação as crenças afro-brasileiras que são vistas, historicamente, pelos cristãos e outras doutrinas, como cultos demoníacos.

Com base no pensamento dialógico, onde não há verdades definidas, foi possível refletir onde, como e quando os diferentes núcleos educativos puderam contribuir ativamente na implementação de novas práticas sociais nos quais o leitor de mundo e da palavra seja igualmente sujeito do seu dizer e produza a necessária

⁴⁷ História, Sociedade e Educação: Trata-se de uma linha de pesquisa do Mestrado em Educação da UEMS que enfoca estudos teórico-metodológicos atinentes à história e historiografia da educação, contemplando as relações entre história, sociedade e educação, em investigações sobre formação e profissão docente; instituições escolares e não escolares; disciplinas escolares e currículo; saberes, prescrições, práticas e processos educativos; produção, circulação e apropriação de ideias e modelos educativos; impressos pedagógicos e manuais de ensino; escolarização da infância; educação indígena; universalização da escola pública; correntes educacionais contemporâneas. Ver mais em: http://www.uems.br/pos_graduacao/detalhes/educacao-paranaiba-mestradoacademico/linhas_pesquisa

transformação da “realidade”, subsidiando práticas significativas em suas especificidades para esse grupo tão marginalizado culturalmente, socialmente e historicamente, assim, acreditamos que questões sobre a diversidade de raça, de orientação sexual e religiosa merecem ser debatidas.

A opção por trazer a história de vida de um sujeito singular sob a luz das relações que perpassam a diversidade étnico-racial e de livre orientação sexual constituiu o desafio desta pesquisa, especificamente pela escassez de estudos realizados nessa direção na área da educação. A pesquisa nos mostra que o entendimento da construção identitária do sujeito não se restringe apenas as concepções ideológicas e genealógica familiar e/ou à transição bio-psicológica do indivíduo “Ser sujeito” é uma construção social, cultural e histórica, pois, ainda nos falta muito para compreender as peculiaridades de ser um sujeito negro, homossexual e umbandista numa sociedade historicamente conservadora modelizada pelos preceitos cristãos.

A esse respeito foi possível perceber a tensão e as ambiguidades que esse sujeito enfrentou ao longo de sua trajetória no processo de construção de sua identidade sexual e étnico-racial, o que nos leva a refletir sobre a percepção dessa identidade. No discurso de S.R.A ele aponta algumas dimensões sociais (escola e grupos de amizade) capazes de interferir no processo de percepção desta identidade, visto que em um determinado momento ele aponta o ser negro e homossexual como um ser inferior, potencializando o discurso eurocêntrico. Conforme é sabido, essas diferenças são de ordem social, econômica, cultural educacional e política, haja vista que nos relatos de seu cotidiano nosso sujeito se deparou com situações limites no que dizem respeito à especificidade de sua vivência: os preconceitos sociais e raciais, a discriminação e a constante exposição de uma violência por vezes veladas pelos olhares.

O ingresso, a acolhida e a efetiva inclusão de alunos gays, alunas lésbicas e jovens travestis, para ficar apenas nesses três exemplos de diversidade sexual, exigem da estrutura escolar muita modificação. A primeira é a abolição das piadas e das manifestações sexistas, tão comuns entre professores e professoras, acerca dos alunos e das alunas “diferentes” dos padrões heterossexuais ditos “normais”. Não é possível educar num ambiente de falta de respeito, e a agressão – verbal e até mesmo física – tem sido uma arma de expulsão de indivíduos que não se enquadram na regra da heteronormatividade. É necessário construir um ambiente de respeito e aceitação, o que não significa permitir que todos os desejos dos alunos em relação à vida amorosa e particularmente sexual sejam admitidos na escola. (SEFFENER, 2009, p. 130, grifo do autor).

Quando se pensa em espaços de convivência nas diferentes esferas sociais, como a escola, família e templos religiosos, seja ele qual for, não podemos deixar de pensar nosso papel enquanto ser social diante dos dilemas humanos que não podem ser negligenciados, visto que os momentos de conflitos podem se tornar oportunidade de reflexão, educação e formação. Em uma política de Educação para todos e de direitos iguais, esta pesquisa torna-se um importante subsídio para futuros trabalhos que objetivem o enfrentamento aos desafios de superação das histórias do passado, vislumbrando um futuro no qual a tolerância se torne natural, principalmente quando se trata de questões ligadas a raça e religião.

Consideramos que refletir sobre a diversidade étnico-racial, orientação sexual, socioeconômica e intergeracional faz parte da formação social contemporânea e, deste modo, trazer para a cena a história de vida de um sujeito singular é, de certa forma, garantir a visibilidade das especificidades de um público que teve uma inclusão subalterna ao longo do processo histórico da sociedade.

O que se pretende em estudos de história oral, e nesse em particular, é possibilitar ao entrevistado registrar a sua história de vida, como os fatos foram sentidos, compreendidos e mesmo reinterpretados por aquele que o viveu. Pretende-se não só reviver a experiência cotidiana, mas também analisar como essa foi sentida em relação aos acontecimentos econômicos, sociais, políticos, culturais e religiosos em que estiveram inseridos. (MEIHY, p. 163, 2015; HOLANDA, p. 163, 2015).

Destarte, na última seção podemos ter acesso a uma H.O.V que traz a nós pesquisadores a oportunidade de refletir acerca de momentos de regulação da própria sexualidade e escolha religiosa que, para se tornar parte da singularidade do protagonista da mesma, momentos de enfrentamento à exclusão social se tornaram parte da vida do sujeito, servindo-lhe de fortalecimento para formação identitária, porém, algumas lacunas, em futuras pesquisas, podem ser exploradas, visto que os discursos que circundam o ambiente educacional não foi explorado por parte de outros agentes envolvidos no processo, de como abordam tais posturas exclusivas dentro das Unidades socioeducativas, ou seja, como pensam e atuam em momentos de exclusão, seja nos templos religiosos, nas escolas ou na própria família.

Neste contexto, fazer e pesquisar sobre História da Educação é um fator complexo que não acaba onde termina, apenas inicia-se um outro processo investigativo a fins de auxiliar o crescimento do papel de pesquisador, subsidiando pontos, ainda obscuros, a ser averiguados por meio de outros sujeitos, de novas histórias,

principalmente naquelas que tangem temas ante a diversidade religiosa, orientação sexual, das relações étnico-raciais e, até mesmos, as questões de gênero que tanto se discute no meio acadêmico. Por fim, nossa pesquisa é apenas o início de um longo processo investigativo a ser desvelado, sobretudo, no campo educacional.

REFERÊNCIAS

BACELLAR, Carlos A. P. **Os senhores da terra: família e sistema sucessório entre os senhores de engenho do Oeste Paulista, 1765-1855**. Campinas: Centro de Memória da Unicamp, 1997.

BAUMAN, Zigmund. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BEKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: História e Crítica de um Preconceito**. 1.ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

BOSI, Eclêa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 35 ed. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, 2012.

BROW, Peter. **O corpo e sociedade. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

BURKE Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

_____. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In. BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 327-348.

CANDAU, Vera Maria (org). **Sociedade Cultura(s) e Educação: entre o crítico e o pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Cmpus, 1997.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Entre a luxúria e o pudor: a história do sexo no Brasil**. São Paulo: Octavo, 2011.

CARVALHO, C. F. Ilar Garotti: vida, formação e religiosidade. 2007. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Uberlândia, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/1046>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

CASHMORE, E. et al. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. Tradução de Dinah Kleve. São Paulo: Selo Negro, 2000. [[Links](#)]

CAVALLEIRO Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2000

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Sexualidade e preconceito.** Disponível em: <http://www.ceccarelli.psc.br/> Acesso em 17 dezembro de 2007.

CECHIN, Andréa Forgiarini. **Vivências em espaços educativos: constituição das identidades homossexuais em homens adultos.** 2006. 157f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CHARTIER, Roger. **“Cultura popular”:** revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p.179-192, 1995.

COSTA, Hulda Silva Cedro da Costa. **Umbanda, uma religião sincrética brasileira.** 2013. 177f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás Departamento de filosofia e teologia Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da religião. Goiania, 2013.

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: LANE e CODO (org.) *Psicologia Social: O homem em movimento.* Tatuapé, SP: Brasiliense, 1999.

_____. *A estória do Severino e a história da Severina.* São Paulo: Brasiliense, 2005.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu.** Lisboa: Edições 70, 1991.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 1994.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Bahia: Editora Edufba, 2008..

FARIA FILHO, L. M. *Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação.* Campinas: Autores Associados, 2000.

FELIZARDO, M. N. N. *Negras Marias: memória e identidades de professoras de história.* 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppge/files/2010/07/NEGRASMARIAS2.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

FERRETI, Sergio Figueiredo. **Repensando o Sincretismo.** São Paulo/São Luis: EDUSA/FAPEMA, 1995

FONSECA, P. E. B. **Qual a melhor religião.** Semanário da Zona Norte. São Paulo, maio de 2011. Disponível em: <http://www.semanariodazonanorte.com.br/exibenoticias.asp?idnews=3143>. Acesso em: 05 set. 2011.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I – A Vontade de Saber.** 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____ **A História da Sexualidade II – O uso dos prazeres.** 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios/Paulo Freire.** -5. Ed. Editora Afiliada - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).

FREITAS, Sonia Maria de. **História Oral: Procedimentos e Possibilidades.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território Plural: a pesquisa em História da Educação.** São Paulo: Ática, 2010.

GINZBURG, Carlo de. **O queijo e os vermes.** Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo.** 1. ed. Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Básica, 2007.

GONÇALVES, R. C.; LISBOA, T. K. **Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida.** Revista Katálysis. Florianópolis, v. 10, n. especial, p. 83-92, 2007.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolíticas: cartografias do desejo.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GREEN, James N. e TRINDADE Ronaldo (Org). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tadeu Tomaz Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HEILBORN, Maria Luiza. *Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social.* Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 1996.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea.** São Paulo: Selo Negro, 2005.

HOLANDA, F. **Experiência e memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia.** 2006. 167 f. Tese (Doutorado em História Social)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Disponível em: <http://www.teses.usp.br/.../8/.../TESE_FABIOLA_HOLANDA_BARBOSA.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2014.

JUNIOR, Ademir Barbosa. **Para conhecer a Umbanda.** São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

LE GOFF, Jacques. **Documento e monumento.** In: _____. História e memória. Trad. de Irene Ferreira et al. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2007

_____. O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACHADO, **Professores negros, experiências de discriminação, de racismo e pedagogia anti-racista**. 2007. 202f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas Programa de Pós-graduação em Educação Departamento de Metodologia e Ensino. São Carlos, 2007.

MATTOS, w.r. Valores civilizatórios afro-brasileiros na elaboração de currículos escolares – ensaiando pressupostos. In BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. **Diversidade na educação: reflexões e experiências**. Brasília, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2015.

MELO, Constantino José de Bezerra de. **Representações Sociais das religiões afro-brasileiras: o que pensam os estudantes das escolas estaduais de referência da cidade do Recife**. 2015. 171f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Recife, Recife, 2015.

MENEGOTTO, Carla Adriana. **Gênero e Sexualidade: histórias de homossexuais e seus discursos identitários**. 2015. 152f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do ABC, Santo André, 2015.

MONTENEGRO, A. T. História Oral e memória: a cultura popular revisitada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001. (Caminhos da História).

MOTT, Luiz. **O/A Jovem homossexual na escola**. Noções básicas de Direitos Humanos para Professores/as da Educação Básica. Bahia: Editora Grupo Gay, 2001.

MUNANGA, Kabengele (org.) – **Superando o Racismo na Escola**, 2ª edição. Ministério da Educação, Secretaria da Educação e Diversidade, 2005.

_____. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

OLIVEIRA, Rachel de Souza da Costa e. **Intolerância Religiosa na escola: uma reflexão sobre estratégias de resistência à discriminação religiosa a partir de relatos de memórias de adeptos da Umbanda**. 2014. 114f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Serviço Social da PUC do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014

ORO, Ari Pedro. **Neopentecostais e Afro-brasileiros: Quem vencerá esta guerra?** In **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 10-36. Novembro de 1997.

- PEIRANO, M. **Pecados e virtudes da antropologia**. Uma reação ao problema do nacionalismo metodológico. *Novos Estudos Cebrap*, n. 69, 2004.
- POLLAK, M. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, vol. 5, n.10, p. 200-12, 1992.
- PORTELLI, A. **O que faz a história oral diferente**. In: *Cultura e Representação*. São Paulo: Projeto História, no. 14. Educ.1997.
- PRANDI, Reginaldo. **Referências Sociais das Religiões Afro-Brasileiras: Sincretismo, Branqueamento, Africanização**. In **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. CARDOSO, Carlos / BACELAR Jeferson – 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- SANTOS, Antônio Cesar de Almeida. *Fontes Oraís: testemunhos, trajetórias de vida e história*. Paraná: UFP, 2008
- SARACENI, Rubens. **Os arquétipos da Umbanda: as hierarquias espirituais dos Orixás**. São Paulo: Madra, 2017.
- SEIXAS, J. A. Percursos de memórias em terras de História: problemáticas atuais. In: BRESCIANI & NAXARA. (orgs.) **Memória e ressentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas/SP: Unicamp, 2001.
- SCHMIDT, Benito Bisso. **Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: Ética e narrativa biográfica**. Conferência pronunciada no XXV Simpósio Nacional de História – “História e Ética”. Fortaleza, 2009. Texto cedido a este autor.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 2, n. 20 , p. 71-100, jul./dez. 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 15 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.
- SOUZA, Laura de Mello. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- THIOLLENT, M.J.M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis, 1982.
- THOMSON, Alistar; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. **Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 2002
- THOMPSON, C. J. **Interpreting consumers: a hermeneutical framework for deriving marketing insights from the texts of consumption stories**. *Journal of Marketing Research*, v. 34, n. 4, p. 438-455, Nov. 1997. [[Links](#)]

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos do Paraíso**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. .

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

_____ **História das mentalidades e história cultural**. In:
FLAMARION, C.; VAINFAS, R. (Orgs.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997

VIÑAO, Frago Antonio. **História da Educação e História Cultural: possibilidades, problemas, questões**. In: FARGO VIÑAO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. Revista brasileira de educação, n.0, set/dez 1995.

ANEXO A

Roteiro de entrevista semiestruturado:

- a) Seu nome completo;
- b) Idade;
- c) Nome e profissão dos seus pais;
- d) Conte-me um pouco da sua vida, de sua infância;
- e) Como foi seu primeiro contato com a escola;
- f) Quando se descobriu homossexual? Fale um pouco sobre isso e sua experiência sexual;
- g) E sua vida religiosa?
- h) Por quê escolher ser professor?
- i) Qual a influência do seu processo formativo para combater os discursos de preconceito?
- j) Como foi e quando contou aos seus pais sobre sua Orientação sexual e sua opção religiosa?
- k) Perspectivas futuras.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

ESTE É PARA CERTIFICAR QUE EU, **SÉRGIO RAMOS DE ASSUNÇÃO** concordo em participar como voluntário do projeto científico como sujeito e objeto de pesquisa, denominado **“DO PERSBITÉRIO AO TERREIRO: infância, escolarização, docencia e religiosidade no Noroeste Paulista”**, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Ariane Cristina Xavier a qual pretende contribuir para a história e historiografia da educação. Estou ciente de que sou livre para recusar e dar respostas a determinadas questões, se assim julgar necessário.

Ilha Solteira, 01 de junho de 2017

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante da Pesquisa

Nome completo do pesquisador (a): Ariane Cristina Xavier

Telefone para contato (18) 99726-4700

E-mail: ari.20x@hotmail.com